



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Programa de Pós-graduação em História Social

Jéssica Ramalho Crispiniano

**Casa de Pensão: percepções a respeito do Rio de Janeiro no último
terço do século XIX**

São Gonçalo

2020

Jéssica Ramalho Crispiniano

Casa de Pensão: percepções a respeito do Rio de Janeiro no último terço do século XIX

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Território, Identidades e representações.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia de Almeida Gonçalves

São Gonçalo

2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, pilares de todas as minhas realizações até hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me sustentar em todos os momentos da minha vida. Agradeço imensamente a minha família sem a qual nada disso seria possível.

Agradeço ao meu pai que me mostrou com seu exemplo de vida o poder da educação em transformar realidades. Por sempre me dar todo suporte no caminho da educação, me ensinando matérias que eu tinha dificuldade quando criança e adolescente e me incentivando sem medir esforços. À minha querida mãe que atuou quase como terapeuta, especialmente no período do mestrado, me ouvindo e me acalmando nos momentos difíceis, além de também me dar todo suporte necessário nessa caminhada. Sou muito grata a minha irmã por me apoiar em todos os momentos, por me ouvir, me incentivar e por me ajudar tanto. Graças à indicação e ajuda dela eu escolhi a FFP como instituição para o curso de mestrado.

Agradeço ao UERJ-FFP, especialmente a todos do PPGHS por me acolherem e por oferecerem a mim e outros tantos o acesso a um curso sério e comprometido com a educação de qualidade mesmo em períodos tão difíceis.

Agradeço imensamente a minha orientadora Prof.^a Dr.^a Márcia de Almeida Gonçalves que tem sido simplesmente maravilhosa. Mesmo com tantas demandas recebeu minha proposta e tem me auxiliado com carinho e paciência. É uma honra ser orientada por uma pessoa que admiro tanto. Aos professores da UERJ e FFP, sobretudo a Prof.^a Dr.^a Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva e o Prof. Dr. Daniel Pinha por contribuírem com sugestões fundamentais para essa dissertação na banca de qualificação.

Agradeço, em especial, aos professores que contribuíram para minha pesquisa e para todo conhecimento obtido durante o mestrado com suas aulas e bancas de seminários como Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Huguenin Pereira, Prof.^a Dr.^a Célia Cristina da Silva Tavares, Prof.^a Dr.^a Sonia Maria de Almeida Ignatiuk Wanderley, Prof.^a Dr.^a Joana Bahia, Prof. Dr. André Nunes de Azevedo e Prof.^a Dr.^a Giovanna Dealtry. À Prof. Dr. Helenice Aparecida Bastos Rocha e todos do PPGHS por se esforçarem e se preocuparem em manter o programa e por darem todo suporte e apoio aos alunos. À CAPES pelo financiamento deste trabalho e de muitos outros sendo, sobretudo, neste momento de grande importância para o desenvolvimento da pesquisa no Brasil.

Agradeço ao meu namorado Maurício Thiel por me apoiar durante todo o processo de escrita da dissertação, por me ouvir, acalmar e incentivar nos momentos difíceis. Agradeço

em especial a minha amiga Vanessa Fernandes pelas conversas inspiradoras que auxiliaram na escolha do meu tema e me deram novos fôlegos muitas vezes. Além disso, por me presentear com uma edição linda do livro *Casa de Pensão*, tornando mais prazeroso o processo de pesquisa. Às minhas amigas Tamara Henrique e Viviane Andrade pelo auxílio e encorajamento no processo de entrada no mestrado. A todos os meus amigos que foram muito compreensivos com a minha ausência em tantos eventos, e me apoiaram nos momentos difíceis, em especial Laíssa Saraiva, Tainá Kiyuna, Flávia Protásio, Victor Max, Jean Matheus, Erica Nascimento, Douglas Oliveira e meu cunhado Pedro Cormann.

E por fim aos meus colegas e amigos de classe e do PPGHS pelas trocas de conhecimento e por compartilharem dessa fase tão enriquecedora.

RESUMO

CRISPINIANO, Jéssica Ramalho. Casa de Pensão: percepções a respeito do Rio de Janeiro no último terço do século XIX. 2020. 134 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020.

Nesta dissertação foi feita uma análise do livro Casa de Pensão, de Aluísio Azevedo, publicado em 1884, com intuito de demonstrar os processos de construção das percepções dos personagens sobre o Rio de Janeiro no século XIX. Considerando o Rio de Janeiro desse período como uma cidade em constante mudança, são apresentados aspectos fundamentais do processo de adaptação da cidade à modernidade capitalista. A história narrada no livro Casa de Pensão baseia-se em um caso real abordado pela imprensa – a Questão Capistrano. Esta dissertação contrapõe os jornais que apresentaram a “Questão Capistrano” com o livro Casa de Pensão, considerando em alguns aspectos a recepção dos leitores ao caso. Dessa forma explicita o diálogo existente entre a História, a Literatura e o leitor. A reflexão sobre mentalidades e comportamentos dos personagens do livro demonstra os pensamentos que circundavam o ideário da época e que estavam relacionados entre si. Dentre eles destacam-se alguns importantes para o entendimento da proposta de Aluísio de Azevedo, como o ideal republicano, o cientificismo, o evolucionismo, o naturalismo e, sobretudo, o positivismo. Embora a Corte apresentasse inúmeros problemas socioeconômicos, como as doenças e a miséria, o Rio de Janeiro figurava para um personagem da província do Maranhão como “uma Paris de Alexandre Dumas”. Suas percepções, assim como a de outros personagens eram de uma cidade similar às capitais europeias. Essas percepções tendiam a instituir atrativos para cidade, respaldando a sua condição de capital e instaurando a sua capitalidade. Este trabalho aproxima-se dos estudos de turismo, pois esses atrativos são legitimados tanto por seus habitantes, como por visitantes encorajados por antecipações cujo conteúdo alcançou seus meios sociais. Nesta esteira foi feita uma breve conceituação do termo capitalidade e uma reflexão sobre comparações que eram feitas entre a cidade do Rio e as cidades europeias, tendo estas sido tomadas como referência, em alusão aos padrões de modernidade. O Rio de Janeiro em finais do século XIX apresentava duas facetas, a de uma cidade esplendida e emblemática e a de uma cidade doente e tomada pela miséria. A primeira perspectiva é encorajada, ao passo que há uma tentativa de apagar a segunda, apagando junto a ela as demandas daqueles que se veem excluídos de usufruir da cidade.

Palavras-chave: Rio de Janeiro; século XIX; percepções; capitalidade; Aluísio Azevedo.

ABSTRACT

CRISPINIANO, Jéssica Ramalho. *Casa de Pensão: perceptions about Rio de Janeiro in the latter part of the 19th century*. 2020. 134 f. Dissertation (Master in Social History) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020.

This paper aims to analyze the book *Casa de Pensão*, written by Aluísio Azevedo, published in 1884, in order to demonstrate through the characters the perceptions about Rio de Janeiro in the 19th century. Considering Rio de Janeiro from that period as a city in constant change, fundamental aspects of its adaptation to capitalist modernity are presented. The book *Casa de Pensão* is based on a real case addressed by the press – “*Questão Capistrano*”. This dissertation contrasts the newspapers that presented the “*Questão Capistrano*” with the book *Casa de Pensão* and the reception of readers to the case. In this way, it explains the existing dialogue between History, Literature and the reader. The reflection on the mentality and behavior of the characters in the book demonstrates the thoughts that surrounded that period and that were related to each other. Among them, some important ones were highlighted for the understanding of Aluísio Azevedo's proposal, such as the republican ideal, scientism, evolutionism, naturalism and, above all, positivism. Although the city presented numerous socioeconomic problems, such as diseases and misery, in the gaze of a character from the province, Rio de Janeiro was like “*Paris by Alexandre Dumas*”. In his perceptions, as well as in the ones from other characters, Rio de Janeiro was similar to the European capitals. They help us to understand how they were picturing Rio de Janeiro at that time. These perceptions tended to create attractions for the city, supporting its condition of capital and establishing its capitality. This research gets close to the tourism studies, considering that attractions are legitimized by both its inhabitants and visitors, who are encouraged by anticipations of the city. Thus, a brief conceptualization of the term capitality was made, besides a reflection on comparisons that were made between the city of Rio and the European cities, which were a reference, mainly, due to the advent of modernity. Rio de Janeiro at the end of the 19th century had two facets, a splendid and emblematic one and a sick and poor one. The first perspective is encouraged, while there is an attempt to erase the second, erasing with it the demands of those who were excluded from enjoying the city.

Keywords: Rio de Janeiro; 19th century; perceptions; capitality; Aluísio Azevedo

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 - Aluísio Azevedo _____	36
Figura 2 - A Questão Capistrano _____	47
Figura 3 - Juízo Final _____	79
Quadro 1- Relações entre História, Literatura e Leitor _____	45
Quadro 2- A Questão Capistrano e as interações entre História, Literatura e leitor _____	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 MUNDO VIVIDO.	18
1.1. O RIO DE JANEIRO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX	18
1.2. AS IDEIAS DO SÉCULO	25
1.3. ALUÍSIO AZEVEDO: O ESCRITOR, JORNALISTA E ARTISTA.	36
CAPÍTULO 2 O QUE HÁ DE MUNDO VIVIDO NA OBRA <i>CASA DE PENSÃO</i>.	42
2.1. A QUESTÃO CAPISTRANO	47
2.2. PERCEPÇÕES DE QUEM VIVE NA CORTE	54
2.3. UM RIO DE JANEIRO DOENTE	66
CAPÍTULO 3 O QUE HÁ DE MUNDO IMAGINADO NA OBRA <i>CASA DE PENSÃO</i>.	78
3.1. A EXPRESSÃO DO VIR-A-SER DE ALUÍSIO DE AZEVEDO EM SUA OBRA	78
3.2. PERCEPÇÕES DE QUEM VIVE FORA DA CORTE	96
3.2.1. O RIO DE JANEIRO E SUA CAPITALIDADE	97
3.2.2. COMPARANDO PERCEPÇÕES	103
3.2.3 VIGILÂNCIA E ANONIMATO	107
3.3. AS PERCEPÇÕES QUE SE QUER CONSTITUIR: CIRCULAÇÃO E APROPRIAÇÃO DE IDEIAS EUROPEIAS	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122

INTRODUÇÃO

Ao percorrer as páginas de alguns livros considerados clássicos da literatura brasileira é possível perceber um retrato do Rio de Janeiro. Uma cidade que se diferencia a cada vez que é narrada, seja devido ao recorte temporal, ou por espaços iluminados por um autor e esquecidos por outro. Mas, o que é comum à maioria deles é uma descrição de um Rio de Janeiro palpável, que não se encontra somente no imaginário do autor. Um Rio de Janeiro do qual os rastros podemos encontrar ao somente passear pela cidade. Trata-se de um mundo imaginado, mas que não se desconecta completamente do mundo vivido.

A transmissão dos conhecimentos a respeito de um local é destacada por Benjamin¹, que demonstra a importância do narrador em tempos passados, tendo em vista que aqueles que viajavam tinham muitas histórias para contar. Essas narrativas assim como a literatura, a música e outras formas de expressão podem trazer à tona uma antecipação de lugares nunca antes visitados, despertando o desejo da visita e construindo uma percepção sobre a cidade. Podemos citar algumas obras como *Quincas Borba* de Machado de Assis (1891), que cita o bairro de Botafogo, ou mesmo *A Moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo (1844), que descreve uma ilha com características que podem ser atribuídas à ilha de Paquetá.

Hoje em dia ao visitar a ilha é possível verificar a apropriação do romance demonstrada na nomeação dos locais de acordo com o livro, como a praia da Moreninha, ou até mesmo a pedra da Moreninha na Ilha de Paquetá. Com efeito, percebe-se a relação dialógica entre o mundo imaginado na literatura e o mundo vivido, sobretudo pela verossimilhança do ambiente do autor com o ambiente de suas narrativas, assim como, pela ressignificação que esse mundo da ficção pode acarretar no mundo real.

Esta dissertação busca compreender o processo de construção das percepções a respeito da cidade do Rio de Janeiro, tomando como principal fonte a obra de Aluísio Azevedo (1857-1913), o livro *Casa de Pensão*, publicado em 1884.

Aluísio Azevedo nasceu em São Luís do Maranhão em 14 de abril de 1857, filho do vice-consul português David Gonçalves de Azevedo e de Emília Amália Pinto de Magalhães.² Em 1876 decidiu embarcar para o Rio de Janeiro para estudar artes. Seu Irmão Arthur

¹BENJAMIN, Walter. O narrador. In *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987, p. 198.

² MONTELLLO. Apresentação, In: *Aluísio Azevedo*. Trechos Escolhidos, Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1969.

Azevedo já estava no Rio de Janeiro e já tinha uma carreira junto à imprensa, o que contribuiu para o ingresso de Aluísio na imprensa também.³

Com a morte de seu pai, Aluísio volta para o Maranhão, porém a publicação bem sucedida de *O Mulato* encoraja o autor a seguir para o Rio de Janeiro novamente. Azevedo foi um dos fundadores do primeiro jornal de tiragem diária do Maranhão. Foi caricaturista na *Revista Semana Ilustrada* e em *O Mequetrefe*, além de ter sido um dos primeiros escritores a viver das letras.⁴ Após a mudança de Aluísio para o Rio de Janeiro, ele continuou se dedicando à literatura. Em 1883 Aluísio publicou *Casa de Pensão*. Depois disso Aluísio fez algumas outras publicações, das quais se destaca *O Cortiço*, publicado em 1890.⁵

Preocupado em conseguir um meio de vida mais estável, Aluísio decide começar uma nova carreira e é nomeado vice-cônsul na Espanha em 1895. Após outras nomeações e promoções em países diferentes, o autor vem a falecer no dia 21 de janeiro de 1913 em Buenos Aires.⁶

Nessa primeira vez que Aluísio Azevedo morou no Rio, foi o período em que o caso, conhecido como Questão Capistrano, estava latente nos jornais e entre a população; ele serviu de inspiração para o autor. A obra *Casa de Pensão* nos conduziu a um recorte temporal específico que seria a segunda metade do século XIX, sobretudo, a partir da década de 1870. O caso aconteceu no Rio de Janeiro em 1876 na casa de uma senhora, D. Júlia Clara Pereira⁷ que morava com um filho Antônio Alexandre Pereira e a filha Júlia Pereira. A senhora D. Júlia Clara Pereira decidiu por aceitar um pensionista. O hóspede era o colega do filho João Capistrano da Cunha. Nasceu um flerte ente Júlia e João que terminou em defloramento e o rapaz acusou a moça de tê-lo induzido a isso. Antônio levou o caso ao tribunal, porém João foi absolvido e Antônio o matou.⁸

Na obra *Casa de Pensão* há também, como na Questão Capistrano, uma pensão, uma jovem de nome Amélia e seu irmão conhecido como Coqueiro. Amâncio é o colega de Coqueiro que passa a ser pensionista em sua casa. Amâncio se envolve com Amélia, porém, nesse caso foi uma armação da família de Coqueiro para que a jovem pudesse se casar com Amâncio, devido ao interesse que a família tinha em sua fortuna.

³ SALES, Herberto. *Pra conhecer melhor Aluísio Azevedo*. Rio de Janeiro: ed. Bloch Editores S. A. 1973, p.11.

⁴ DIMAS, Antônio. *Aluísio Azevedo: Literatura comentada*. São Paulo. Ed. Abril educação, 1980, p. 3.

⁵ MONTELLO. Apresentação, In: *Aluísio Azevedo*. Trechos Escolhidos, Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1969, p. 4.

⁶ MONTELLO. Op. cit., nota 5, p.8.

⁷ DIMAS, Antônio. Op. cit., nota 4, p.32.

⁸ DIMAS, Antônio. Op. cit.

O plano não funcionou e terminou na justiça com a absolvição de Amâncio seguida de sua morte. O que se quer destacar é a relação desses personagens entre si e com a cidade do Rio de Janeiro.⁹

Trata-se de uma história que se passa no Rio de Janeiro no século XIX. O personagem Amâncio à princípio mora no Maranhão e sonha em ir para o Rio de Janeiro. Ele escolhe estudar Medicina, embora se interesse muito mais por Direito e não tenha nenhuma aptidão para a profissão de médico. Na época não havia o curso de Direito na Corte, o personagem decide por estudar Medicina somente por que desejava ir para o Rio.

Fragmentos da obra *Casa de Pensão* demonstram a inquietude do personagem Amâncio na província: “Jugou-se infeliz, sacrificado nas suas aspirações, no seu ideal. Precisava viver gozar, gozar sem limites!”¹⁰. Amâncio nutre esse desejo de ir para o Rio de Janeiro, apesar de nunca ter visitado a cidade. Ele possui uma percepção a respeito do Rio que se baseia nas antecipações que chegam até ele através das narrações de outros, junto ao seu imaginário que é nutrido por romances europeus. Para Amâncio o Rio de Janeiro seria a realização de seus anseios: “A Corte, sim! É que lhe havia de proporcionar boas conquistas. ‘Ia principiar a vida!!’ E nessa disposição, chegou ao Rio de Janeiro.”¹¹ Trechos como esse despertaram o meu interesse em direção às percepções a respeito do Rio de Janeiro. Nota-se que essa percepção tem a ver com fato da Corte ser o lugar onde a modernidade já começou a se fazer presente de forma mais incisiva do que na província da onde o personagem vem. Alguns moradores das províncias tinham essa perspectiva do Rio de Janeiro como cidade de grande prestígio e magnificência.¹²

O Rio de Janeiro do final do século XIX apresentava-se como metonímia do país, espaço centralizador das elites intelectuais, porta de entrada para as ideias, produtos e costumes internacionais, e ao mesmo tempo, difusor desses elementos pelo país. Nossas análises apontam que as percepções que se tem a respeito do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX estão, diretamente, ligadas aos processos históricos que caracterizam sua identidade, e estão fortemente relacionadas a interesses em instituir atrativos para cidade e a colocá-la nessa posição de cidade emblemática. Essas características constituem a

⁹ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Ed. Escala Educacional, 2006, passim.

¹⁰ AZEVEDO, Aluísio. Op.cit., nota 9, p. 27.

¹¹ Ibidem, p. 29.

¹² NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo. Ed: Companhia das letras. 1993.

capitalidade¹³ do Rio de Janeiro, termo que será mobilizado nesta pesquisa a fim de destrinchar o processo de construção dessas percepções do Rio como cidade magnificente. Esta visão representa um bom exemplo da tentativa de adaptação do Brasil aos padrões da dita modernidade.

Se havia atrativos enaltecidos, os mesmos também apontam para a tentativa de maquiar as percepções que tendem a enxergar o Rio de Janeiro como cidade da miséria e desigualdade, através da apropriação, reafirmação e até mesmo instituição de elementos que encorajariam uma visão de um Rio de Janeiro como cidade esplêndida. Através da obra *Casa de Pensão*, percebemos os traços desse Rio de Janeiro constituído por uma população de maioria escrava, onde a corte e a miséria dividem o mesmo espaço.

No último terço do século XIX, o desafio dos escritores como Aluísio Azevedo, em desenvolver sua produção literária em meio a um Rio de Janeiro que mudava era grande.

Essas mudanças manifestaram-se na literatura, entre elas podemos destacar as novas ideias do século como o cientificismo, as ideias evolucionistas, o racismo e o naturalismo, o positivismo, tudo isso junto às ideias republicanas, o liberalismo, o abolicionismo e o compromisso com a instituição de uma literatura nacional.¹⁴

Algumas questões surgiram durante a análise das fontes citadas, primeiramente, em relação ao próprio uso da fonte. É possível conduzir uma investigação histórica através do uso da literatura? Como esse tipo de fonte tem sido utilizado pela academia? De que forma a literatura e a História se aproximam?

Ao pensar essa relação entre realidade e as percepções literárias, Pesavento¹⁵ indaga sobre o efeito mágico das palavras e da imagem. Na perspectiva da autora, através desse efeito a representação, como parte constituinte da realidade, pode guiar o mundo.

A abordagem de textos literários nos leva a um conceito bastante discutido desde os tempos de Platão e Aristóteles. O conceito de *mimesis*. A *mimesis* refere-se à imitação ou reprodução da natureza. Procedimentos miméticos permeiam toda ação humana, na aprendizagem, na dança, ou quando aprendemos uma língua.¹⁶

¹³ AZEVEDO, André Nunes de. “*A capitalidade do Rio de Janeiro. Um exercício de reflexão histórica.*” IN: AZEVEDO, André Nunes. (org). *Anais do seminário Rio de Janeiro: capital e capitalidade*. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/ Nape/ DEPEXT/ SR-3/ UERJ, 2002, p.45.

¹⁴ VENTURA, Roberto. *O Estilo Tropical: História Cultural e polemicas literárias no Brasil 1870-1914*. São Paulo: Cia das Letras, 1991, passim.

¹⁵ PESAVENTO, Sandra Jatthy. *O imaginário da Cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999, p. 8.

¹⁶ CEIA, Carlos. Disponível em: < <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/mimesis-mimese/>> acesso em 01 de out. 2019.

Para Sevcenko a linguagem passou a ganhar protagonismo com relação às ações humanas. A linguagem é produto das relações humanas, e ao mesmo tempo, parte da produção da experiência humana: “Maior do que a afinidade que se supõe existir entre as palavras e o real, talvez seja a homologia que elas guardam com o ser social.”¹⁷ Essa premissa nos leva a compreender alguns dos desdobramentos epistemológicos relacionados ao que veio a ser conceituado como “virada linguística”. Segundo Hollanda:

Desde a chamada “virada linguística” nos idos de 1970, como se sabe, resolve-se a antiga querela que opõe o mito à ciência e avança nos questionamentos filosóficos de um Michel Foucault ou de um Paul Ricoeur acerca das maneiras de narrar dos historiadores profissionais. Em paralelo, a teoria literária estadunidense, com Hayden White e Dominick La-Capra a frente, aprofundou ainda mais a crítica aos fundamentos epistemológicos da narração na história e postulou o protagonismo da linguagem figurada e da imaginação no processo de reconstituição do passado histórico. Em razão disto, assentaram-se as baterias contra estatutos canônicos da ciência e buscou-se desconstruir a técnica tradicional de composição de textos científicos.¹⁸

A “virada linguística” ou “giro linguístico” em muitas instituições acabou se tornando tema obrigatório na Teoria da História. A expressão está atrelada a uma série de questões, não somente, mobilizadas pela História, mas em outros campos das “ditas ‘Ciências Sociais’ e da epistemologia desses saberes”.¹⁹

O conceito de *mimesis* também auxilia na problematização da linguagem. Gagnebin²⁰ faz uma reflexão sobre esse conceito, ela analisa muitas obras, especialmente as obras de Benjamin para chegar a um entendimento do que seria a *mimeses* a partir do olhar do autor. Segundo ela, Benjamin entende a ação mimética, não como uma imitação, ou reprodução precisa de um objeto. Ele se afasta da ideia de identidade, e aproxima-se mais de uma ideia de semelhança. A semelhança da *mimesis* está ligada a uma analogia, e não a uma reprodução literal. De acordo com o olhar de Benjamin, o homem não apenas reconhece as semelhanças, mas também as produz, as inventa, reagindo a essas semelhanças do mundo.

Aluizio Azevedo está durante toda a sua carreira reagindo às semelhanças. No início de sua carreira, Aluísio Azevedo dedicou-se à pintura, e um dos destaques de sua produção era a busca de fidelidade de seus quadros ao real. O ser humano tem prazer em representar,

¹⁷ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense. p. 13-23. 1999, p. 20.

¹⁸ HOLLANDA, Bernardo, Buarque de. Afinidades eletivas? A literatura nos pródromos da História. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 62, p. 525 - 533, set. 2017. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/72005>>. Acesso em 23 set. 2019.

¹⁹ AVELAR, Alexandre de Sá. GONÇALVES, Márcia de Almeida. *Giro linguístico e escrita da História nos séculos XX e XXI*. In: Teoria e historiografia: debates contemporâneos. Paco editorial, Jundiaí. 2015, p. 59.

²⁰ GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Do conceito de *Mimesis* no pensamento de Adorno e Benjamin. In: ____ *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro, Imago, 1997, p. 80-81, passim.

Gagnebin explica que de acordo com o ponto de vista de Aristóteles, a *mimesis* é uma forma de aprendizagem, onde se destaca a relação imagem e objeto. A produção dessa relação é prazerosa. Isso explicaria o prazer do ser humano em ver algo representado, mesmo que esse algo seja, na realidade, repugnante. A tese de Benjamin demonstra que a capacidade mimética passa a se concentrar na linguagem e na escrita. Nesse liame, entende-se que a atividade mimética é uma mediação simbólica, pois não há uma semelhança direta entre palavras e coisas se tomarmos como base a imitação.²¹

Não há um consenso sobre a questão da utilização da literatura como fonte para os estudos historiográficos, Bernardo Buarque de Hollanda aponta para a tensão que paira em torno da legitimação do uso de um material fictício como documento, o que tende a ser visto como uma visão reducionista. Além da reação da comunidade de historiadores a respeito da redução da historiografia à “produção de enredos mais ou menos arbitrários, mais ou menos fictícios.” Nesta dissertação tratamos dessas questões, partindo da premissa de que é possível investigar processos históricos através da apreciação da literatura.²²

Ao fazer uma comparação do discurso historiográfico com o discurso da literatura, Sevcenko explica que o primeiro ocupa-se da realidade enquanto o segundo “fornece uma expectativa do seu vir-a-ser”, em diálogo com as possibilidades de futuro. Outras perspectivas ainda nesse liame da comparação entre a literatura e História, tendem a enxergar a própria História como a construção de possibilidades, embora, não se tratem de possibilidades do “vir-a-ser”, mas possibilidades do que já foi.²³

As obras de Aluísio Azevedo demonstram capacidade mimética de reagir às semelhanças e de produzi-las. Aluísio Azevedo foi o representante da corrente naturalista no Brasil. Deixemos de lado a ideia desse estilo como mais imbuído de realidade, pois “[...] é preciso situar o público a quem o autor se dirigia, quem eram seus interlocutores, com quem ele polemizava etc.”²⁴, o que demonstra que o autor não pode ser separado da sua realidade constituída, de intenções, apropriações e interações com seus pares, tão pouco, sua produção, independente do estilo no qual se enquadra. Sevcenko²⁵ faz uma comparação da literatura

²¹ GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Do conceito de *Mimesis* no pensamento de Adorno e Benjamin. In: ____ *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro, Imago, 1997, p. 80-81, passim.

²² HOLLANDA, Bernardo, Buarque de. Afinidades eletivas? A literatura nos pródromos da História. *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 62, p. 525 - 533, set. 2017. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/72005>>. Acesso em 23 set. 2019.

²³ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense. p. 13-23. 1999, p. 27.

²⁴ FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. Oline.

²⁵ SEVCENKO, Nicolau. Op.cit, nota 13, p.20.

com a árvore, que tem suas características atreladas às particularidades do solo, do clima e das condições a sua volta.

Dentre todas essas observações a respeito do caminho escolhido para a análise literária, destaca-se “a produção de sentido como construída pela interativa e dinâmica relação que existe entre leitores e texto”²⁶. Essa seria a razão, por exemplo, de alguns livros irem direto ao encontro da expectativa dos leitores enquanto outros são capazes de estabelecer novas abordagens, construindo novos horizontes. O livro *O Mulato* causou uma repercussão ruim no Maranhão, já no Rio de Janeiro foi muito bem aceito a ponto de levar o escritor a mudar para o Rio e desenvolver em outras obras o estilo iniciado em *O Mulato*.²⁷ Essa reflexão não pretende apagar as fronteiras existentes entre literatura e História, apenas demonstrar a dinâmica existente entre elas.

A valorização da linguagem é interessante para a reflexão do diálogo entre História e Literatura. Ao analisar o trabalho de alguns autores que se propõem a verticalizar o tema, percebe-se o destaque para a linguagem no que se refere ao papel desta para a construção da narrativa.²⁸

O historiador embora tenha a intenção de relatar o passado, o faz sob a luz das inquietações do presente. A irrupção do passado no presente só pode ser compreendida devido à linguagem. Ela é mobilizada através da palavra organizada em discurso, nesse caso, organizada em procedimentos de narrativa. Os acontecimentos do passado são repletos de discontinuidades, de informações desconhecidas, ou que não são consideradas importantes no momento da construção do discurso historiográfico. A organização das histórias em uma narrativa histórica tem o intuito de amenizar essas lacunas, evidenciando as continuidades e viabilizando a interpretação.²⁹

Essas abordagens afastam a ideia da Historiografia como verdade absoluta, apontando para as diferentes escolhas que podem ser feitas pelo historiador no momento da elaboração da narrativa. Entretanto, é importante destacar que a Historiografia se diferencia da literatura pelo seu propósito. Destarte compreende-se que a história ocupa-se do mundo vivido, ou mundo real, embora não possamos desconsiderar que há também uma característica ficcional,

²⁶ CHARTIER, Roger. From texts to readers: Literary criticism, sociology of practice and cultural history. Dec. 2017, p. 744.

²⁷ MONTELLO. Apresentação, In: Aluísio Azevedo. Trechos Escolhidos, Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1969.

²⁸ SEVCENKO, Nicolau. Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 4 ed. São Paulo: Brasiliense. p. 13-23. 1999, p. 27.

²⁹ SARLO, Beatriz. Tempo passado. Cultura da memória e Guinada subjetiva. Belo Horizonte. UFMG. 2007, p. 12.

pois, trata-se de uma narrativa construída no presente, e que não pode negar as discontinuidades e as escolhas do momento dessa produção discursiva.³⁰

Autores, como alguns citados neste trabalho, encorajam reflexões a respeito do uso da literatura como fonte, porém é importante destacar também o oposto, ou seja, a mobilização da História feita no momento da produção literária.

Os escritores de ficção procuram contextualizar seus personagens em busca da garantia do aval do público, o que denota um constante diálogo com o mundo real, ainda que com o intuito da organização de uma narrativa ficcional.³¹ Com efeito, nota-se que para a pesquisa historiográfica é interessante entender não só a relação da produção literária com as ambiências do escritor, mas também, a interação existente entre a literatura e o próprio leitor.³²

Pode-se dizer que não só a literatura está relacionada ao leitor, mas também a própria História, no momento em que um acontecimento histórico é escolhido e mobilizado pelo literário para a sua produção ficcional devido ao interesse do leitor, essas trocas entre História-leitor-literatura ficam evidentes. Foi o que aconteceu na produção do livro *Casa de Pensão* (1884), que se baseia em um acontecimento de grande interesse dos leitores. De acordo com Waldman³³, a “Questão Capistrano” foi de ampla repercussão na sociedade da época. Ao considerar essas reflexões, compreende-se que esses diálogos entre mundo vivido e mundo imaginado aparecem, na medida em que um é inerente ao outro.

No primeiro capítulo fizemos uma contextualização, a fim de delinear um pouco da historicidade da cidade do Rio no último terço do século XIX, assim como a vida do próprio autor que viveu nesse período e fez registros históricos através da sua prosa de ficção. Buscamos, nessa esteira, traçar um cenário do que seria o “mundo vivido” pelo autor Aluísio Azevedo e pela população do Rio de Janeiro naquele período. Pessoas que testemunharam a tentativa de ajustamento de uma cidade de bases coloniais e escravistas à modernidade capitalista. Aluísio como escritor enfrentava o desenvolvimento do meio urbano e dos meios de produção – que desencadeou em mobilização dos meios de comunicação – sendo Aluísio o pioneiro em viver somente das letras. O Rio de Janeiro era uma cidade que mudava, e as ideias daquele século desempenharam um papel importante para a construção de novos paradigmas.

³⁰ SEVCENKO, Nicolau. Op.cit, nota 20, p. 21.

³¹ PESAVENTO, Sandra, Jatahy, *História & literatura: uma velha-nova história* », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, mis en ligne le 28 janeiro 2006.

³² CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001. (Debate). Passim.

³³ WALDMAN, Berta. Introdução. In: AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. 14. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006, p. 4.

No capítulo 2 nos debruçamos em descobrir o que havia de “mundo vivido” na obra *Casa de Pensão*. Propusemo-nos a responder no curso desta análise, o que poderíamos encontrar ao confrontar os jornais da época, a historiografia a respeito do século XIX e o livro *Casa de Pensão*? Como o contexto do Rio de Janeiro do século XIX aparece na obra? Como o autor mobilizou a História? E quanto ao leitor? De que forma a questão Capistrano repercutiu? Nesse capítulo abordamos aspectos como as transformações físicas da cidade, crescimento urbano, aumento das profissões liberais, industrialização, o terror das doenças na cidade, o discurso médico. Todo o texto do livro foi analisado, embora para esse capítulo as descrições dos locais, os diálogos entre os personagens e sua interação tenham sido indispensáveis. O confronto da ficção de Aluísio com a historiografia ajudou a compreender as escolhas do autor no que se refere à criação de seus personagens.

Para o capítulo 3 utilizamos o mesmo esquema que nos serviu de fio condutor no capítulo 2. Porém para este capítulo tentamos entender o que há de mais imaginado na obra *Casa de Pensão*. De que forma o mundo vivido pelo autor inspirou a ficção? Que expectativa de futuro era imaginada pelo autor? Como o autor expressa o seu “vir-a-ser” em sua obra? Nesse momento da análise procuramos por fragmentos que expressassem as críticas e opiniões do autor encontradas, especialmente, nos trechos de narração do romance. Num segundo momento, a pesquisa direcionou-se ao que há de mais imaginado na fala dos personagens. De que forma as ideias do século XIX influenciaram a percepção dos personagens a respeito do Rio? Já nessa fase da pesquisa, o comportamento dos personagens, seu discurso e a interação entre eles são priorizados. Essa investigação possibilitou a identificação de alguns elementos que rondavam as mentalidades dos personagens – como o discurso médico – e do próprio autor – como o positivismo e o combate às casas coletivas.

Ainda no capítulo 3 buscamos delinear através da análise do comportamento dos personagens de Aluísio Azevedo, um pouco do processo de construção das percepções a respeito do Rio de Janeiro. Destacamos, porém, aquelas percepções que compreendem o Rio como cidade emblemática e exuberante, como uma reprodução do modelo europeu de capital. Com efeito, tentamos responder: quem são os agentes envolvidos na construção e afirmação dessas percepções? Quais as suas intenções? Uma breve conceituação do termo capitalidade também nos ajudou a responder essas perguntas.

Capítulo 1 | Mundo vivido.

1.1. O Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX

Para entender uma população ou cidade, é importante observar sua historicidade. Para Facina: “É preciso entender a lógica das visões de mundo, dos juízos de valor e das opiniões políticas que os escritores elaboram em seus textos.”³⁴ Com efeito, tentamos elaborar uma breve contextualização do período de produção e de publicação da obra *Casa de Pensão*.

Pode-se dizer que o século XIX foi marcado por mudanças e contradições, sendo o grau de algumas dessas mudanças demasiado elevado para continuar convivendo com as permanências no mesmo espaço, e para serem absorvidas pelo sistema vigente. Segundo Abreu, os processos sociais dotam o espaço de significado social, assim como este influencia esses processos. “Esta influencia do espaço é determinada, principalmente, pela permanência de formas anteriores, que tanto podem se constituir em barreiras ao desenvolvimento de novos processos, como podem facilitá-los.”³⁵

A evolução de um momento de organização social para outro, por sua vez, é função de modificações ocorridas nesses sistemas que compõem a sociedade. Essas modificações podem, decorrer do fato de a evolução diferenciada desses sistemas ter chegado a um grau de contradição insustentável, ou podendo ainda refletir um reajuste ou recomposição da estrutura anterior.³⁶

Há uma dinâmica de troca entre a cidade e os atores sociais que com ela interagem, pode-se afirmar que os indivíduos atribuem novos significados à cidade, e ela por sua vez, interfere no cotidiano do indivíduo. Pesavento usa o termo “sujeito cidade” ao indicá-la como objeto de reflexão. Segundo ela, estaríamos imersos num “mundo que se parece” mais real por vezes que a própria realidade e que se constitui numa abordagem, extremamente atual, particularmente se dirigida ao objeto “cidade”.³⁷

O século XIX é marcado pelo advento da modernidade³⁸. No Rio de Janeiro pode-se destacar além de muitas outras mudanças, aquela que foi amplamente analisada por Abreu, a evolução dos meios de transporte coletivos, que foi de grande importância para a expansão da cidade e início de uma maior visibilidade da estratificação social da população em termos da ocupação do espaço urbano. Sendo este último um processo lento e complexo, antes do

³⁴ FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. Online.

³⁵ ABREU, M.A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, IPP, 2013, p. 31.

³⁶ ABREU, Maurício, de Almeida. *Op.cit*, p.31.

³⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da Cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999, p. 8.

³⁸ Refiro-me a fase que emerge com a Revolução Francesa, em que o público partilha o desencadeamento de explosivas convulsões na vida pessoal, social e política. Turbilhão que é alimentado por descobertas nas ciências, industrialização da produção, transformação do conhecimento científico em tecnologia, e aceleração do ritmo da vida. (BERMAN, 2007).

desenvolvimento destes transportes, não havia muita separação espacial entre as classes abastadas e as mais pobres, devido à dificuldade de deslocamento e à falta de segurança. Essa segregação dava-se muito mais pela forma, do que pela ocupação do espaço. Além disso, houve, a partir de meados do século, investimentos em outros serviços públicos como esgoto, iluminação a gás, por exemplo. Abreu também destaca contradições que viriam a se agravar cada vez mais nesse século.³⁹

De acordo com Abreu a maioria da população do Rio de Janeiro no começo do século XIX era escrava. Era “Quase que uma cidade de mercadorias. Poucos eram os trabalhadores livres, e reduzidíssima a elite administradora/militar/mercantil.” O sistema escravista era a mola mestra da produção nacional.⁴⁰ Os escravos estavam em quase todos os âmbitos do cotidiano, a rua era dominada por escravos, os produtos chegavam nas casas pela mão dos escravos que trabalhavam como vendedores ambulantes, eles faziam os serviços domésticos e muitas vezes os escravos de ganho complementavam ou geravam a renda da família. Os escravos de ganho tinham que conseguir a quantia determinada por seus senhores e um pouco a mais para garantir sua sobrevivência. Até o funções que normalmente são desempenhados por animais, eram muitas vezes, atribuídas a escravos como transporte de cargas e pessoas.⁴¹

Para entender a emergência da modernidade no Rio de Janeiro é preciso historicizar o processo de formação e constituição do espaço urbano do Rio. Nesse processo, destaca-se algo iluminado por vários historiadores: o porto. O porto do Rio de Janeiro surgiu em decorrência do desenvolvimento das atividades mineradoras em Minas Gerais, “para escoamento da produção das Minas e importação das mercadorias estrangeiras destinadas aos populosos centros mineradores”. O Rio de Janeiro do século XVIII já era politicamente importante como braço administrativo da Coroa. Nesse período o cenário do Rio de Janeiro não era marcado por um grande desenvolvimento urbano.⁴²

Dos rendimentos da atividade mercantil não se investia no Rio muito mais do que o indispensável. Embora fosse a capital, o Rio não era tão diferente de outros núcleos urbanos portuários. Esses núcleos mantinham relações com determinadas áreas rurais, o que definia a dinâmica da sociedade colonial. Do lado de fora, a metrópole tentava precariamente manter o

³⁹ ABREU, M.A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, IPP, 2013, p. 35.

⁴⁰ ABREU, M.A. *Loc.cit.*

⁴¹ BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e informação cultural, divisão de editoração, 1992, passim, p.21, 22 – 23.

⁴² BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e informação cultural, divisão de editoração, 1992, p. 21.

controle político da colônia. Os fazendeiros e comerciantes faziam melhoramentos na cidade, ambos, donos de escravos, procuravam viabilizar suas atividades.

No século XIX, o Rio de Janeiro supera seu *status* colonial. A Revolução Industrial, de fato, trouxe mudanças significativas. Ela desencadeou uma necessidade de mercado para consumo dos produtos produzidos nessa nova indústria capitalista.

O início do século XIX é marcado pela vinda da família real para o Brasil (1808) e o aumento do comércio portuário. Após esses adventos, a vinda de estrangeiros e o aumento dos vínculos do Rio de Janeiro com o exterior eram crescentes, a cidade ganhava em cosmopolitismo. Com efeito, é grande a importância da abertura dos portos para a cidade do Rio. A diminuição das taxas alfandegárias para “as nações amigas”⁴³ impulsionou a dinâmica comercial da cidade, aumentando as exigências da população.⁴⁴

Tanto a elite como alguns setores das camadas médias passaram a ter maior acesso a artigos importados e a se preocupar com luxo e sofisticação. Dentre esses artigos estava o livro.⁴⁵

Pode-se dizer que a vinda da corte incentivou e reforçou práticas antigas como a busca pela “amizade” do rei para satisfação de seus interesses e garantia da sua subsistência em detrimento da busca por autonomia vista nas revoluções europeias.

A cidade se encontrava em constante e acelerada mudança, algumas diferenças significativas eram notadas no decorrer dos anos que se seguiam após o ano de 1852. O reinado de D. Pedro II, a extinção do tráfico negreiro intercontinental, a prosperidade do café e as lojas de produtos importados que começaram a encorajar a mudança de hábitos. Além das ruas não serem lugares confortáveis (mal cheirosas, sem calçada, estreitas e perigosas), elas eram dominadas por escravos. As mulheres antes do começo dessas mudanças de hábito faziam suas compras através dos vendedores ambulantes que passavam com seus artigos de porta em porta, ou mandavam um escravo a uma loja com um bilhete solicitando amostras de algo que lhes interessasse; o escravo lhes trazia as amostras enviadas pela loja e depois as

⁴³ Grifo do autor.

⁴⁴ AZEVEDO, André Nunes de. “*A capitalidade do Rio de Janeiro. Um exercício de reflexão histórica.*” IN: AZEVEDO, André Nunes. (org). *Anais do seminário Rio de Janeiro: capital e capitalidade.* Rio de Janeiro: Departamento Cultural/ NAPE/ DEPEXT/ SR-3/ UERJ, 2002, p. 54.

⁴⁵ NEEDLELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século.* São Paulo. Ed: Companhia das letras. 1993.

levava de volta.⁴⁶ As “ruas constituíam o domínio, o espaço de circulação, por excelência dos escravos – homens, mulheres e crianças.”⁴⁷

Outro ponto considerado como relevante para as mudanças que então afetaram o Rio de Janeiro é o que Sarmiento denomina como “clivagem interna”. Antes o Rio de Janeiro era uma cidade colonial, entreposto comercial e sede dos mecanismos e organizações administrativos metropolitanos na colônia e foi transformada em sede do império. Passando em pouco tempo de colônia a *locus* da metrópole, onde o poder é rigidamente delimitado e simbolizado dentro do espaço urbano. Estabeleceu-se a dita clivagem entre os dois lados da cidade: a cidade do poder, “Corte”, e a cidade do viver cotidiano das “ruas”. A clivagem materializada através de festas, brasões, paradas e edifícios, um arsenal simbólico que marcaria e identificaria o poder central e absoluto, sendo assim, a vida das ruas era excluída da vida da Corte. Alguns buscavam formas alternativas de inserção, acentuando-se dentro desse contexto as relações políticas baseadas no clientelismo, por meio dos quais o indivíduo almejava meios de se integrar na vida da Corte e do poder.⁴⁸

A modernidade no Rio de Janeiro foi encorajada pela emergência de hábitos burgueses em um país de raízes coloniais e escravistas.⁴⁹ Alguns autores como Azevedo destacam o ano de 1870, devido aos movimentos republicano e abolicionista que “despontavam no cenário político do Rio de Janeiro”.⁵⁰ Segundo Mello, o ano de 1870 foi o ano da expansão de uma nova cultura que abria caminho para o pensamento republicano, que a autora aponta estar fortemente associado à modernidade, chegando a declarar que “*república* foi o nome brasileiro da modernidade.”⁵¹ Ainda segundo a autora, os homens dessa geração se declaravam “livres pensadores”, fazendo referência a não submissão à Igreja.

Alguns desafios deram origem aos movimentos republicano e abolicionista no Brasil, sendo o primeiro marcado por uma data importante, o Manifesto Republicano (1870). Em 1868 o imperador se encontrava diante de um impasse. Para manter o apoio do general Luís Alves de Lima e Silva que mais tarde seria o duque de Caxias, de ideias conservadoras, com quem contava para vencer a Guerra do Paraguai, ele precisaria se opor ao líder do Ministério

⁴⁶ BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e informação cultural, divisão de editoração, 1992, p.22.

⁴⁷ BENCHIMOL, Jaime Larry. Op. cit., nota 46, p.29.

⁴⁸ SARMENTO, Carlos Eduardo. *O Coração do Brasil*. A Cidade do Rio de Janeiro e a Configuração de seu Panorama Sociopolítico. In: _____. *O Rio de Janeiro na Era Pedro Ernesto*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

⁴⁹ PESAVENTO, Sandra, J. *Relação entre História e Literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX E XX)*. Porto Alegre. n.4, Ed. Anos 90. 1995.

⁵⁰ AZEVEDO, André Nunes de. *A grande reforma urbana do Rio de Janeiro*: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso. Rio de Janeiro. Ed. PUC-RIO, 2016, p. 32.

⁵¹ MELLO, Maria, T, C de. *A modernidade republicana*. 2008, p. 31.

que era progressista. Ao perceber o favoritismo do imperador ao outro, o líder do Ministério renunciou ao seu cargo. Depois disto, com o intuito de harmonizar o ministério aos seus interesses junto ao general, e contrariando o costume, as expectativas da Câmara e sua maioria progressista, o imperador chamou um conservador ao Ministério. Esse ato causou grande alvoroço perante as facções liberais, levando a atitudes, como a tentativa de limitar o poder do monarca, apoio à abolição, e finalmente, aquela operada por uma facção mais radical, o lançamento do Manifesto Republicano.⁵²

Devido ao recorte deste trabalho, destacamos aqui o Rio de Janeiro, que de acordo com Needell, diferente do que ocorria em São Paulo, até o final da década de 1880, tinha o seus republicanos, sobretudo, no meio urbano.⁵³ As contradições dessas duas lógicas, escravista e capitalista ainda demoraram muito a ser superadas, com o colapso do sistema escravista e com as reformas urbanas que procuravam adaptar a cidade ao sistema capitalista.⁵⁴

Em *Casa de Pensão*, Azevedo expressa o seu pensamento instigado pelas ideias da modernidade, através da crítica dos costumes brasileiros, que advinham do seu histórico escravista, e que naquele momento eram reconhecidos como “costumes bárbaros”: “Os pais ignorantes, viciados pelos costumes bárbaros do Brasil, atrofiados pelo hábito de lidar com escravos, entendiam que aquele animal era o único capaz de “endireitar os filhos”.⁵⁵ Este trecho refere-se à dura educação dispensada às crianças na província do Maranhão, educação à qual o autor atribui a responsabilidade da formação de um caráter sonso e contido do personagem Amâncio.

De acordo com Abreu, é a partir da década de 70 que o sistema escravista “entra definitivamente em colapso, caminhando celeremente para sua superação, mas detonando, ao mesmo tempo, forças importantes de estruturação urbana, que marcariam profundamente a cidade.”⁵⁶

Esses homens eram “movidos pela paixão por um novo Brasil, por um país em oposição à realidade agrária.” Na área urbana do Rio de Janeiro estavam os republicanos

⁵² NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo. Ed: Companhia das letras. 1993, p. 22.

⁵³ NEEDELL, Jeffrey D. Op.cit, p. 23.

⁵⁴ ABREU, M.A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, IPP, 2013.

⁵⁵ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Ed. Escala Educacional, 2006, p. 18.

⁵⁶ ABREU, M.A. Op.cit, nota 54, p. 37.

ideólogos, atuantes no centro estratégico e urbano do país. Esse “novo Brasil” estava relacionado aos modelos norte-americanos e franceses.⁵⁷

Diante das mudanças expostas a respeito da evolução urbana do Rio ao longo do século XIX é possível traçar um cenário do Rio de Janeiro no período em que se passa o romance de Aluísio. Em 1884, ano de publicação do livro *Casa de Pensão* em volume, a cidade mantinha-se em um ritmo de mudanças. Em comparação com início e meados do século, a transição para a tentativa de adaptação ao sistema capitalista já podia ser enxergada. O crescimento da população urbana e o aumento dos trabalhadores livres eram significativos. Além disso, algumas mudanças também eram visíveis, já havia algumas linhas de trem, e melhorias em serviços como iluminação, esgoto e abastecimento.

Uma das principais mudanças ocorridas nesse período foi à mudança nos discursos e interpretações acerca das transformações socioculturais em curso. Se antes o ato de trabalhar era por vezes depreciado, nesse momento, já é entendido como uma possibilidade de ascensão social. Não se tratava de uma ideia concluída, a cultura do trabalho ainda estava longe de ser algo valorizado como nos Estados Unidos ou Inglaterra, porém o número de pessoas que optavam pelo trabalho remunerado aumentara, e a urgência pela acumulação do capital impulsionava essa mudança de paradigma. O discurso médico também foi muito importante na consolidação de novas premissas, disseminando não só ideias diretamente ligadas à resolução do problema da saúde pública, mas interferindo na construção das casas, além de refletir diretamente no comportamento social. A modificação na dinâmica espacial da casa, por exemplo, interferia nas relações sociais entre a família e na relação entre proprietários e escravos.

O discurso médico, segundo Rezende, integrava o engajamento dos administradores públicos e dos intelectuais na luta pela transformação da paisagem urbana e social. Foi mais um fator que marcou o século XIX, várias medidas de ordenamento urbano e da vida social dos habitantes da cidade foram adotadas buscando atingir o que segundo eles seria a civilização e o progresso.⁵⁸

A primeira epidemia de febre amarela no Rio de Janeiro foi entre 1849 a 1850. Após a constatação de que a crise havia terminado, entendeu-se a necessidade de atitudes

⁵⁷ NEEDELL, Jeffrey D. Op.cit, p. 22.

⁵⁸ REZENDE, Borges Valdeci. *Imagens do Rio de Janeiro em Machado de Assis*. Uberlândia: Ed. Aspectus, 2000.

preventivas.⁵⁹ Por isso foi criada em 1850 a Junta Central de Higiene Pública, “com pouco pessoal, extensas funções, falta de unidade e recursos, a junta não resolveu o problema da saúde pública.” Somente em 1886, uma reforma nos serviços de saúde transforma a junta em Inspetoria Geral de Higiene.⁶⁰

Na obra *Casa de Pensão*, índices desse contexto histórico são percebidas através das ações dos personagens: “Mudaram-se no dia seguinte. Amâncio ia muito incomodado, amanhecera pior, quase que não podia mexer com as pernas; todos lhe profetizavam, entretanto, rápidas melhoras em Santa Teresa.”⁶¹

A população acreditava que mudar para as partes mais altas da cidade evitaria doenças no verão por causa das epidemias, os indivíduos das classes mais altas mudavam-se para Petrópolis, ou para Tijuca, já as pessoas da classe média recorriam temporariamente ao bairro de Santa Tereza.⁶²

Benchimol sinaliza a influência do discurso higienista sobre a percepção a respeito dos escravos, que acaba por auxiliar a afirmação do sistema capitalista através da mudança cultural. A racionalização do trabalho e o planejamento também foram heranças dos projetos higienistas. O discurso em favor da “cura” ou “regeneração” da cidade justificava o cerceamento da espontaneidade e o controle e direcionamento do desenvolvimento urbano.⁶³

Esse era o cenário no qual se inseria o autor da trama de *Casa de Pensão* Aluísio Azevedo. E pode-se dizer que Aluísio estava entre esses letrados a favor das ideias republicanas. Aluísio Azevedo era juntamente com seu irmão Arthur Azevedo e outros letrados uma das celebridades que frequentava a Rua do Ouvidor da qual falaremos com mais aprofundamento no capítulo dois.⁶⁴ Needell menciona a importância do teatro nesse movimento, segundo ele, uma das facções abolicionistas buscava a reforma através da propaganda, indo da Câmara ao teatro e às ruas.⁶⁵ Ao falar sobre a vida de Aluísio, Montello demonstra que o escritor tomou parte ativa na campanha em prol da abolição, tanto na

⁵⁹ BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e informação cultural, divisão de editoração, 1992, p. 113.

⁶⁰ Ibidem. p. 114

⁶¹ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Ed. Escala Educacional, 2006, p. 179.

⁶² REZENDE, Borges Valdecí. *Imagens do Rio de Janeiro em Machado de Assis*. Uberlândia: Ed. Aspectus, 2000.

⁶³ BENCHIMOL, Jaime Larry. Op. cit., passim.

⁶⁴ MELLO, Maria, T, C de. *A modernidade republicana*. 2008.

⁶⁵ NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo. Ed: Companhia das letras. 1993, p. 24.

imprensa quanto no teatro, além disso, ele pertenceu como “figura destacada, à geração que derrubou a monarquia.”⁶⁶

Apesar do destaque de Aluísio como um dos letrados do meio urbano do Rio de Janeiro, ele não era nascido no Rio de Janeiro, como será apontado mais adiante neste mesmo capítulo. Não é uma mera coincidência o fato de tantos pensadores e letrados escolherem o Rio de Janeiro para aperfeiçoamento e vivência de suas ideias. Essa preferência será mais bem analisada ao longo deste trabalho.

Aluísio nasceu no Maranhão, porém estava no Rio de Janeiro no início de sua jornada como escritor. Dessa forma o autor circulava em ambientes bem distintos. Enquanto no Rio de Janeiro convivia com intelectuais, e colaboradores da imprensa, inflados pelos pensamentos europeus e republicanos, a realidade do Maranhão era diferente. No final da década de 1880, “no maranhão e no Pará, contudo, a oposição feroz refletia os interesses consolidados de uma elite cujos precários investimentos no campo concentravam-se nos escravos.”⁶⁷

Porém apesar disso, Aluísio também encontrava espaço para expor seu pensamento crítico mesmo em São Luís, embora a recepção dessas obras tivesse o efeito contrário aquele percebido no Rio de Janeiro. Aluísio estava no Maranhão quando publicou *O Mulato* em 1880 na Tipografia *O País*; o livro causou uma imensa repercussão tanto negativa quanto positiva, para o autor. Em São Luís, a obra provocou tal revolta que “[...] um foliculário local chegou a recomendar ao romancista que se dedicasse a lavoura em vez de escrever livros”⁶⁸. Por outro lado, no Rio de Janeiro, recebeu tantos aplausos da imprensa, que estimulou o autor a voltar ao Rio de Janeiro.

1.2. As ideias do século

“[...] é preciso situar o público a quem o autor se dirigia, quem eram seus interlocutores, com quem ele polemizava etc.”⁶⁹ Facina demonstra que a criação literária não se dá de forma isolada, ela se insere na sociedade, portanto o autor pode exprimir um sentido diferente daquele capitado a princípio por uma visão simplista e anacrônica.

Assim como a arte não é algo destacado da prática social, as visões de mundo veiculadas por meio da crítica literária não são elaborações de um indivíduo isolado.

⁶⁶ MONTELLO. Apresentação, In: *Aluísio Azevedo*. Trechos Escolhidos, Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1969, p. 8.

⁶⁷ NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo. Ed: Companhia das letras. 1993, p. 25.

⁶⁸ MONTELLO. Op. cit., nota 66, p. 7.

⁶⁹ FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. Oline.

Elas são compartilhadas e também referidas a grupos sociais mais amplos e, nesse sentido são coletivas.⁷⁰

A obra *Casa de Pensão* de Aluísio Azevedo foi publicado em 1883 em folhetim na *Folha Nova* e em volume como livro em 1884.⁷¹ O livro *Casa de Pensão*, como já explicitado, foi baseado em um caso que teve forte cobertura da imprensa na época. O caso ficou conhecido como “Questão Capistrano”. Na segunda metade do século XIX, repetindo o costume europeu da época, utilizou-se muito o termo “questão”. Eram comuns nos periódicos as indicações da “Questão Militar” ou “Questão Religiosa”, e como podemos verificar a “Questão Capistrano”⁷².

O caso ocorreu no Rio de Janeiro, por volta de 1876-1877, período em que Azevedo vivia na Corte. A senhora D. Júlia Clara Pereira sustentava seu casal de filhos, Júlia e Antônio, com seu salário de professora de piano. Ela morava com os filhos e decidiu por aceitar um pensionista. O hóspede era o colega do filho João Capistrano da Cunha. Nasceu um flerte ente Júlia e João que terminou em defloramento. Antônio levou o caso ao tribunal, porém João foi absolvido e Antônio o matou após a sua absolvição.⁷³

Na obra *Casa de Pensão* há também, como na *Questão Capistrano*, uma pensão, uma jovem de nome Amélia e seu irmão conhecido como Coqueiro. Amâncio é o colega de Coqueiro que passa a ser pensionista em sua casa. Amâncio se envolve com Amélia, porém nesse caso é uma armação da família de Coqueiro para que a jovem possa se casar com Amâncio, devido ao interesse que a família tem em sua fortuna.

O plano não funciona e termina na justiça com a absolvição de Amâncio seguida de sua morte. O que se quer destacar é a relação desses personagens entre si e com a cidade do Rio de Janeiro. Amâncio é um jovem rico, criado na província do Maranhão, ele vai para o Rio de Janeiro para estudar Medicina e ao chegar lá se depara com uma realidade da qual ele só havia, até então, imaginado e ouvido falar.⁷⁴

O que ocorre na trama de Azevedo pode ser comparado com o que Candido explica a respeito de outra obra, *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manoel Antônio de Almeida, segundo ele “[...] a operação inicial do ficcionista teria consistido em reduzir os fatos e os indivíduos a situações e tipos gerais [...]”.⁷⁵ Pode-se entender que, através da ficção,

⁷⁰ FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

⁷¹ SALES, Herberto. *Pra conhecer melhor Aluísio Azevedo*. Rio de Janeiro: ed. Bloch Editores S. A. 1973.

⁷² MELLO, Maria Tereza Chaves de. A modernidade republicana. *Tempo*, Niterói, v. 13, n. 26, 2009, p.19.

⁷³ DIMAS, Antônio. *Aluísio Azevedo: Literatura comentada*. São Paulo. Ed. Abril educação, 1980, p. 32.

⁷⁴ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Ed. Escala Educacional, 2006, passim.

⁷⁵ CANDIDO, Antônio. 1970, p.72. COMPLETAR INDICAÇÃO

Aluísio Azevedo critica determinados perfis da sociedade que são configurados em personagens.

A emergência da burguesia, e o desenvolvimento do meio urbano causou uma mobilização nas formas de comunicação. Benjamin destaca a consolidação da burguesia e a importância da imprensa para a ascensão do romance e da informação, e explica que essas novas formas de comunicação contribuem para o desaparecimento da narrativa, enquanto discurso oral. De acordo com o autor, o romance está vinculado ao livro, que por sua vez só é possível devido à evolução das forças produtivas, sobretudo, o desenvolvimento da imprensa. “O romance encontra na burguesia ascendente os elementos favoráveis ao seu florescimento.” Ainda segundo o autor, o surgimento da informação também está associado à consolidação da burguesia, “da qual a imprensa, no alto capitalismo, é um dos instrumentos mais importantes”.⁷⁶

Sussekind aborda a questão da modernidade de uma forma interessante. Ela demonstra como a relação dos homens com o tempo e com a imagem modifica a dinâmica social.⁷⁷

O desenvolvimento da imprensa, com suas novas técnicas de reprodução mecânica e da fotografia, tornaram as atividades mais aceleradas. Essa aceleração não se restringe à atividade em si, pois a possibilidade de realizar muitas atividades de maneira mais rápida modifica toda a dinâmica social. Essa aceleração na produção, ao invés de permitir que o homem se sinta com mais tempo, teve um efeito oposto, pois devido à rapidez das produções a expectativa é que se faça um número muito maior de coisas em menos tempo. Dessa forma, não há tempo, pois ao terminar uma atividade já é necessário fazer outra.

A partir dos argumentos já apresentados, pode-se entender que a segunda metade do século XIX é marcada, especialmente a partir da década de 1870, pela presença cada vez maior das profissões urbanas.⁷⁸ O surgimento de indústrias na cidade, assim como a utilização de técnicas e métodos na produção dos bens de consumo atinge também os escritores, que agora não seriam mais “indivíduos excêntricos aluados” e sim profissionais. A cultura impregnada de idealismo e religiosidade cristã foi confrontada com o desenvolvimento da ciência. Toda essa mobilização atingiu os literatos que passaram a abandonar o êxtase e a boêmia romântica para se imiscuir na sociedade. O destaque da cidade também foi visível na

⁷⁶ BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987, p. 201-202.

⁷⁷ SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização do Brasil*. São Paulo. Ed. Companhia das letras, 1987, p. 61.

⁷⁸ NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo. Ed: Companhia das letras. 1993.

literatura, pois naturalmente os escritores realistas abandonam o campo e foram para a cidade.⁷⁹

Ao citar as diferenças entre os salões do Segundo Reinado e os da *Belle Époque*, esses eventos possuíam um caráter literário. Na *Belle Époque* a literatura assumia um papel de maior importância.⁸⁰

Esse processo se deu de maneira gradual, a importância da literatura para a elite carioca foi aumentando progressivamente, conforme o desenvolvimento da imprensa, e das profissões de caráter liberal, tudo isso sempre atrelado ao desenvolvimento do espaço urbano e da adaptação a uma lógica cada vez mais próxima do capitalismo.

Embora o enfoque dessa pesquisa seja a obra *Casa de Pensão*, utilizaremos a análise de Antônio Candido sobre o livro *O Cortiço* (1890) de Aluísio Azevedo para promover uma reflexão a respeito do Naturalismo, demonstrando junto a outros autores que essa corrente foi muito além da literatura, sendo ligada a discussões que estavam em voga no momento no cenário mundial. É importante ressaltar o Naturalismo brasileiro em específico, tendo Aluísio como um de seus principais representantes no país, o que nos leva a uma problemática.

O Naturalismo de Azevedo se diferenciava do naturalismo europeu e refletia o sentimento ambíguo de alguns intelectuais brasileiros que ao mesmo tempo viviam a esperança de “consertar” o Brasil, sentindo-se constrangidos a contribuir com seu trabalho para a consolidação de uma literatura nacional e, por outro lado, a fatalidade das teorias, ditas científicas, que pairavam na época.⁸¹

Dentre essas teorias que pairavam nas três últimas décadas do século XIX, temos as ideias naturalistas, científicas, positivistas, evolucionistas e a teoria das desigualdades raciais. Ao verificar o teor dessas ideias, é possível perceber alguns raciocínios comuns entre elas. Dentre os autores dessas teorias pode-se destacar Spencer, Taine, Buckle, Gobineau e Buffon.

Segundo Ventura, Gobineau e Buffon contribuíram para o pensamento racista; segundo Ventura, o trabalho de Gobineau “inverteu a imagem do *homem natural* formulada por Jean Jaques Rousseau”, atribuindo a “fatores étnicos e traços inatos” as desigualdades sociais, ao invés de considerar as causas históricas, como fazia Rousseau. Já Buffon falava sobre a influência do meio, da alimentação e das formas de reprodução entre os animais. Ele

⁷⁹ DIMAS, Antônio. *Aluísio Azevedo: Literatura comentada*. São Paulo. Ed. Abril educação, 1980, p. 32.

⁸⁰ NEEDELL, Jeffrey D. *Op.cit*, p.132.

⁸¹ CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. n. 30, Ed. Revista Novos Estudos (Cebrap). 1991. p. 111-129

defendia que o cruzamento de espécies poderia levar à degradação, como acontece no caso do cruzamento entre o cavalo e o asno que gera o mulo, animal estérreo.

Apesar das explicações do autor que apontavam para restrição de sua tese apenas aos animais, outros estudiosos aplicaram a pesquisa de Buffon ao homem criando novas teorias. Para Buffon todas as raças teriam vindo de uma só, portanto o cruzamento entre raças não seria um problema como no caso dos animais. Alguns outros estudiosos negavam a origem comum dos homens, como os poligenistas, e por isso achavam pertinente à aplicação dessa teoria do cruzamento para os homens.⁸²

Essa perspectiva naturalista e evolucionista forneceu no que tange à crítica literária argumentos que acabam por legitimar e encobrir o subjetivismo crítico. Essas tendências evolucionistas provocam o surgimento de novas posturas, elegendo como critérios de avaliação a capacidade dos escritores de se inserir em um sistema evolutivo de estilos e escolas que são escolhidos como tendências e constroem os escritores a se “atualizar” de acordo com a demanda dos críticos.⁸³

Com efeito, esse sistema pode ser verificado na descrição da escola “tendência” anterior ao naturalismo, o realismo, que apresentava características parecidas com a do naturalismo, pois o segundo seria uma “evolução” ou continuação do primeiro.

A ideia do realismo na literatura surge fortalecida por uma teoria peculiar de cunho científico, uma visão materialista do homem, da vida e da sociedade. Coutinho explica as bases desse método: “A arte deve se conformar à natureza utilizando-se dos métodos científicos de observação e experimentação no tratamento dos fatos e personagens.”⁸⁴

Nesse período a literatura expandiu seu público. A prosa naturalista foi muito bem recebida, sendo Aluísio Azevedo consagrado posteriormente como o seu maior nome no Brasil. Ele foi o primeiro brasileiro a viver do ofício de escrever.⁸⁵ Em sua obra, Sales registra a fala de Aluísio Azevedo que, em confiança a Coelho Neto, declara: “Dão-me as letras pra viver, mas eu é que sei como vivo!”, expressando as dificuldades de viver como escritor.⁸⁶

No final do século XIX, verifica-se a dificuldade de dedicar-se somente à literatura. Era necessário que houvesse alguma renda própria, pois a remuneração advinda desse ofício não permitia o alcance da independência e estilo de vida vislumbrada por pessoas dos setores

⁸² VENTURA, Roberto. *O Estilo Tropical: História Cultural e polemicas literárias no Brasil 1870-1914*. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p. 56-57.

⁸³ *Ibidem* p. 97.

⁸⁴ COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1975, p. 188.

⁸⁵ PESAVENTO, Sandra, J. *Relação entre História e Literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX E XX)*. Porto Alegre. n.4, Ed. Anos 90. 1995, p.

⁸⁶ SALES, Herberto. *Pra conhecer melhor Aluísio Azevedo*. Rio de Janeiro: ed. Bloch Editores S. A. 1973, p. 14.

médios. Em seu trabalho Needell demonstra a dificuldade de se manter somente com a produção literária, “[...] Era uma atividade impraticável para alguém que, sem dispor de algum tipo de renda própria, almejasse um padrão ‘respeitável’ de vida.”⁸⁷

O modelo naturalista veio de Paris, com Emílio Zola inspirado do modelo anticlerical e também nas ideias de Voltaire. A escola naturalista tivera seu ponto de partida em língua portuguesa com *O Crime de Padre Amaro*, de Eça de Queiroz, publicado na Revista Ocidental de Lisboa em 1875, e divulgado em livro no ano seguinte, com grande repercussão no Brasil e em Portugal.⁸⁸ De acordo com Montello:

Seis anos depois da publicação de *O Crime de Padre Amaro* na Revista Ocidental, publicou Aluísio Azevedo *O Mulato*, em São Luís de Maranhão, na tipografia de O País e que desde logo se verifica é a concordância do livro do romancista brasileiro com o livro do romancista português, tanto na escola literária quanto na polêmica contra o clero.⁸⁹

O trabalho de Antônio Candido procura apontar para as semelhanças do trabalho de Aluísio Azevedo *O Cortiço* (1890), com o trabalho de Émile Zola, especificamente *L'Assommoir* (1877), demonstrando a evidente inspiração. Porém, ao mesmo tempo, ele marca as diferenças entre o naturalismo brasileiro e o naturalismo europeu. Enquanto em Zola as questões sociais estão divididas em obras, Aluísio integra na mesma obra várias dessas questões, como trabalho, pobreza, exploração, racismo e sexo. Candido também destaca o uso de palavras mais fortes, segundo ele, enquanto a Europa mata, o Brasil esfolo.⁹⁰ O Naturalismo abrange o feio, baixo, o não comunicável. O Naturalismo de Aluísio não é meramente científico, demonstra também uma condenação ou reprovação do que deve ser natural.

Ao verificar os arquivos de 1883 do jornal *A Folha Nova*, no folhetim onde a obra *Casa de pensão* foi primeiramente publicada, nota-se o subtítulo “Estudo de costumes”, essa colocação aponta para a apropriação dos métodos científicos e sua adaptação para a produção da obra. Além disso, é interessante destacar o ataque de Aluísio às casas coletivas, que desde já, se mostravam uma preocupação do autor e que serão expostas de maneira muito mais ampla na sua obra *O Cortiço*, que o autor publicaria mais tarde em 1890.⁹¹

⁸⁷ NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo. Ed: Companhia das letras. 1993, p. 120.

⁸⁸ MONTELLO. Apresentação, In: *Aluísio Azevedo*. Trechos Escolhidos, Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1969, p. 5.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 5.

⁹⁰ CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. n. 30, Ed. Revista Novos Estudos (Cebrap). 1991. p. 111-129.

⁹¹ *A Folha Nova*. Folhetim: Casa de Pensão. 1883. p.1.

Candido explica que Aluísio, salvo engano, foi o primeiro dos romancistas brasileiros a descrever a formação da riqueza individual, ele o compara com Macedo, Alencar e Machado. De fato, os livros dos autores citados tendem a atribuir a riqueza a uma herança, ou outra causa não proveniente do trabalho do próprio personagem. Das leituras que me vêm à memória só poderia excluir *Lucíola* (1862) de José de Alencar, cuja personagem principal acumula dinheiro através da prostituição. No entanto, esse não é o enfoque da trama, além disso, essa acumulação se diferencia da lógica do trabalho duro a qualquer custo, especialmente através da exploração alheia. Essa racionalização da força e um projeto de acumulação monetária são características especiais de *O Cortiço* (1890) de Aluísio Azevedo. Na obra de Aluísio essa característica se destaca por ser o eixo da composição ficcional.

Não obstante, apesar de não ser o eixo da composição da trama, ou não estar diretamente ligado ao personagem principal, à acumulação do capital através do trabalho já aparece na obra *Casa de Pensão* (1884), através dos personagens que são donos da casa de pensão no livro. Pode-se observar que apesar da prosperidade da pensão através do trabalho, a família não chega a enriquecer, e para tal objetivo lança mão de estratégias antigas, muito anteriores à lógica capitalista. A busca pela ascensão da família ocorre através da tentativa de um casamento promissor.

A abordagem de Candido a respeito da questão da espontaneidade é muito válida para o estudo que aqui se constrói. Ele demonstra através da análise de *O Cortiço* (1890), que a natureza rege os personagens, porém João Romão passa aos poucos a planejar e dirigir o que antes era espontâneo. Aqueles que sucumbiram e se submeteram às forças do meio tem seu destino determinado por ele e são tragados pela natureza. Já aquele que é capaz de subjugar as forças do meio a seu favor, pode tornar-se um capitalista e mudar seu destino.⁹²

Dentre as formulações que circularam ao longo do século XIX, estava o trabalho de Buckle, *History of civilization in England* (1857-61). O autor acreditava na ação do meio físico sobre o homem, separando os países quentes e frios, atribuindo ao clima mais favorável da Europa o melhor desenvolvimento do raciocínio do homem europeu e a superação das superstições. Segundo Ventura, Buckle descreve a natureza do Brasil como tão exuberante e abundante que a sua força não deixa lugar para o homem.⁹³

O terror de ser tragado pela força da natureza expressa as ideias da identificação do homem que se quer moderno como aquele capaz de vencer seus instintos e assumir o controle

⁹²CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. n. 30, Ed. Revista Novos Estudos (Cebrap). 1991. p. 111-129.

⁹³ H.T. Buckle apud VENTURA, Roberto. O Estilo Tropical: História Cultural e polemicas literárias no Brasil 1870-1914. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p. 91.

de sua trajetória. Essa mentalidade se expande para tentativa de impedir o crescimento espontâneo da urbe através de projetos para um plano dirigido e ordenado.⁹⁴ Pechman aborda essa problemática:

A “virtude” maior do urbanismo é, pois, a de criar modelos abstratos, o que unicamente “pode” ser uma cidade, o que unicamente “deve” ser uma cidade. Com isso, a cidade fica *reduzida* a seus aspectos técnicos de funcionamento, e sua densidade histórica é anulada.⁹⁵

Esse raciocínio é interessante, pois demonstra não só o paradigma da narrativa naturalista, mas o plano ideológico que se constrói com a modernidade e a emergência de ideias capitalistas. A ordem e a socialização estão sempre presentes. Podemos analisar a atitude do personagem Amâncio em busca de prazer e sem se preocupar com a acumulação do capital. Isso poderia justificar-se com o fato do personagem já ser rico, mas a sua ingenuidade em relação à sociedade do Rio de Janeiro demonstra uma visão provinciana afastada da lógica de acumulação monetária da modernidade que emergia no Rio de Janeiro. Já nos habitantes do Rio de Janeiro, é possível enxergar essa preocupação com a força racionalizada e a acumulação monetária. Coqueiro e sua família, personagens de *Casa de Pensão*, ascenderam ao menos ao status de proprietários de uma pensão respeitável e bem sucedida.

É claro que os interesses em enriquecer estavam presentes desde os tempos coloniais, e essa característica era ainda mais forte no Rio de Janeiro onde estava a família real. A diferença nessa transição de sistemas está na forma, num primeiro momento as possibilidades de ascensão estavam, na maioria das vezes, atreladas a uma ligação com a nobreza, posição social, e privilégios direcionados, ou seja, opções centralizadas no monarca e no sentimento aristocrático.

A frustração ante as poucas possibilidades de ascensão reservadas a apenas a uma parte da elite foi, inclusive, um dos elementos encorajadores do movimento republicano. A preocupação dos republicanos paulistas, por exemplo, a princípio, não era com a abolição, pois a maioria do seu apoio vinha da elite rural. Sua preocupação estava, principalmente, em garantir seus interesses que eram preteridos em detrimento dos interesses das antigas elites,

⁹⁴ BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e informação cultural, divisão de editoração, 1992, p. 118.

⁹⁵ PECHMAN, Robert, Moses. Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista. Rio de Janeiro. Ed. Casa da palavra, 2002, p. 17.

embora o seu desenvolvimento econômico estivesse se destacando nessa época em relação à produção cafeeira do Rio de Janeiro.⁹⁶

Já num momento posterior, aos poucos, a ordem, o planejamento e, sobretudo, o trabalho, se mostravam como alternativas promissoras.⁹⁷ No entanto, ainda segundo Candido, esse processo foi lento no Brasil, pois se tratava de uma sociedade avessa ao trabalho que aos poucos passa a mudar suas perspectivas, o que é demonstrado pelo crescimento das profissões liberais do início para meados e final do século XIX. Os brasileiros do começo do século consideravam o trabalho uma forma de se igualar aos escravos.⁹⁸ Em meados do século XIX, entre as categorias proprietário e escravo:

Comprimiam-se, em número cada vez maior, os homens livres não proprietários, excluídos do universo do trabalho por imposições a um só tempo, econômicas e ideológicas (trabalho consagrado como atividade indigna). Fora da propriedade e do trabalho, não lhes restava alternativa senão engordarem o contingente dos desclassificados de ocupações mais ou menos incertas e aleatórias ou sem ocupação alguma.⁹⁹

Esse cenário já é diferente no final do século, como o aumento do trabalho livre, porém as raízes coloniais marcadas pelo sistema escravista ainda impedem que a cultura capitalista de valorização do trabalho estivesse completamente aceita pela sociedade. É um processo lento de mudança de paradigmas.

Mesmo com todas as mudanças, era muito complicado romper com um passado tão contrário as lógicas que surgiam. “A contradição entre a potencialização da economia urbana – cujo eixo era a circulação de mercadorias – e a disponibilidade de mão-de-obra escrava, atuou no sentido de impulsionar a transição para o trabalho livre.”¹⁰⁰ As reminiscências de meados do século eram muito latentes. “A força braçal do escravo era a força produtiva básica da economia urbana, na esfera da produção e, sobretudo, da circulação de mercadorias, homens e todos os elementos indispensáveis a manutenção de uma moradia urbana (água, esgoto, víveres etc.).”¹⁰¹

A polêmica no que se refere à busca por uma literatura genuinamente brasileira, sobretudo no sentido de definir qual raça representava melhor o Brasil, marcada pelo

⁹⁶NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo. Ed: Companhia das letras. 1993.

⁹⁷CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. n. 30, Ed. Revista Novos Estudos (Cebrap). 1991. p. 111-129.

⁹⁸ Ibidem, p. 117.

⁹⁹ BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e informação cultural, divisão de editoração, 1992, p. 30.

¹⁰⁰ BENCHIMOL, Jaime Larry. Op.cit., nota 99, p. 77.

¹⁰¹ Ibidem, p. 29.

indianismo no romantismo, aparece já mais para o final do século, numa tentativa de atualização junto às ideias científicas. De acordo com Ventura:

A proclamada inferioridade das raças não-brancas, a crítica de Gobineau à miscigenação e a previsão de esterilidade dos mestiços por Agassiz colocavam um dilema para elite brasileira, que oscilava entre liberalismo e racismo, entre pressuposto liberal da igualdade formal e o princípio racista da desigualdade inata entre os homens.¹⁰²

É possível verificar certa ambiguidade vista nos textos de Aluísio, elas refletem a emergência da modernidade no Brasil, portanto a iluminação das incoerências do indivíduo são absolutamente importante quando se pretende dar conta de sua historicidade.

Aluísio tende a privilegiar a raça como termo explicativo, e é possível observar a ambiguidade do autor quanto ao sentimento pelo Brasil, ele ao mesmo tempo aceita e rejeita a terra. Há uma necessidade de auto definição nacional, porém há uma força impositiva das teorias científicas do momento.¹⁰³

De acordo com Candido havia um sentimento de inferioridade com que a geração de Aluísio retificou a euforia patriótica do romance.”¹⁰⁴ Críticos da literatura como Silvio Romero demonstravam que sua análise considerava a literatura para além da arte, colocando-a no lugar de cultura. Romero dava mais ênfase ao mestiço e ao negro como raças representantes da formação do brasileiro, além disso, ele considerava o nacionalismo não apenas um tema, mas como parte da índole do autor. Para ele, a diferenciação nacional era papel do escritor, e o grau de sua contribuição, nesse sentido, definia a qualidade de seu trabalho.¹⁰⁵

Autores como Capistrano de Abreu e Araripe Junior participavam desse debate, preocupados com a atualização dos argumentos que elegiam o índio como melhor representante, justificando essa posição com estudos de Buckle e Spencer por classificarem as “raças autóctones” como mais aptas a vencer na luta pela sobrevivência.¹⁰⁶ Segundo Ventura: “O naturalismo deu continuidade à concepção documentalista da crítica brasileira, herdada da tradição romântica, em que o retrato da natureza tropical dos costumes indígenas se impunha

¹⁰² VENTURA, Roberto. O Estilo Tropical: História Cultural e polemicas literárias no Brasil 1870-1914. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p. 58.

¹⁰³ CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. n. 30, Ed. Revista Novos Estudos (Cebap). 1991, p. 123.

¹⁰⁴ CANDIDO, Antonio. Op.cit. nota.103. p. 120.

¹⁰⁵ VENTURA, Roberto. Op.cit. nota 102, p. 98-99.

¹⁰⁶ Ibidem. 93.

como programa literário nacionalizante.”¹⁰⁷ Apesar disso, Ventura destaca a ausência do indígena por um longo período, na literatura realista.¹⁰⁸

De fato ao verificar a obra naturalista de Aluísio Azevedo, não há menção aos indígenas, ao contrário do que acontece com relação aos negros e mestiços, porém o retrato da natureza aparece bastante em suas produções.

Diante de tantas demandas, Aluísio se preocupa com uma literatura que se diferencia por sua brasilidade e ao mesmo tempo Aluísio imita os estrangeirismos, e fala francês.¹⁰⁹ Em um trecho do jornal *O Pensador*, Aluísio se defende de uma crítica que o acusava de ser conivente com a deturpação de sua língua com intuito de acompanhar o cientificismo da França.

[...] Dá a entender que achamos necessário e até bom, para acompanhar o movimento científico da França, que a nossa língua fique deturpada. Não! Não achamos nem dissemos tal coisa. O que dissemos foi que, se nossa língua mingua de dia para dia, é porque Portugal é um grande mandrião e não cuida a muito tempo de acudir nos reclamos de sua língua; e que o Brasil é a cópia fiel de seu pai decrepito e esfalfado.¹¹⁰

Aluísio demonstra essa ambiguidade apontada por Candido, pois defende-se da acusação de apoiador da deturpação da língua, mas ao mesmo tempo, admite o impacto da França sobre o Brasil e o mundo.

Dizes que o nosso movimento científico não nos vem exclusivamente da França. Mas também de outras partes do mundo. É exato, porém não menos exato que a maior parte desse movimento é da França que nos vem; e, o que é muito importante, nem só o movimento científico, como também o artístico, como o industrial, como o comercial, como enfim o movimento da moda, do *chic*, dos costumes e dos vícios. E aí está a razão porque a França, nem só sobre nós, porém sobre o resto do mundo, exerce um impacto inquestionável.¹¹¹

Aluísio condena o estrangeiro pela exploração de sua terra, mas tem, por outro lado, no estrangeiro a sua referência numa adoração confusa da mão que pune e explora.¹¹²

O papel do discurso foi fundamental para o estabelecimento e alcance dos desejos de modernidade. “Os intelectuais armados da razão e da ciência” colocavam em prática seu projeto de ocidentalização. “Da população, cuidou a *polícia*, com suas concepções “científicas” sobre os “desviantes” da cidade cuidaria o urbanismo.”¹¹³

¹⁰⁷ Ibidem p. 87.

¹⁰⁸ Ibidem p. 93.

¹⁰⁹ CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. n. 30, Ed. Revista Novos Estudos (Cebrap). 1991, p. 123.

¹¹⁰ O Pensador: Órgão dos interesses da Sociedade Moderna (MA). 1880, p. 4.

¹¹¹ O Pensador. Op.cit.

¹¹² Ibidem, p. 123-128.

¹¹³ PECHMAN, Robert, Moses. Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista. Rio de Janeiro. Ed. Casa da palavra, 2002, p. 17.

Candido ressalta que ao apontar o problema racial como responsável pelo “atraso” do Brasil, os literários não enxergavam o verdadeiro motivo do problema, que era social. O não reconhecimento da questão social é grave, no sentido de impedir que o urbanismo tenha o “papel reformador que experimentou na Europa e nos Estados Unidos”, pois ele não resolve o problema da desigualdade social que define e elitiza os melhoramentos e o uso da cidade. “No Brasil o urbanismo fugiu à política e se travestiu de pura *técnica* de controle dos problemas produzidos pela “disfunção” urbana.” Dessa forma os excluídos não são integrados ao sistema, mas tratados como aquilo que se quer esconder.¹¹⁴

1.3. Aluísio Azevedo: o escritor, jornalista e artista.

Fotografia 1: Aluísio Azevedo



Fonte: Academia Brasileira de Letras.¹¹⁵

Aluísio Azevedo nasceu em São Luís em 14 de abril de 1857, filho do vice-consul português David Gonçalves de Azevedo e de Emília Amália Pinto de Magalhães.¹¹⁶ Era uma estrutura familiar que contrariava as regras sociais. Sua mãe fora casada e devido ao comportamento agressivo do marido o deixou e depois fora morar em companhia do pai de

¹¹⁴ PECHMAN, Robert, Moses. Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista. Rio de Janeiro. Ed. Casa da palavra, 2002, p. 17.

¹¹⁵ Academia Brasileira de Letras, il.color. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/aluisio-azevedo/biografia>> Acesso em 23 de Jan. de 2020.

¹¹⁶ MONTELLO. Apresentação, In: *Aluísio Azevedo*. Trechos Escolhidos, Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1969.

Aluísio Azevedo. O seja, sua mãe e seu pai não eram casados e, portanto, muito hostilizados pela sociedade maranhense.¹¹⁷

Aluísio estudou no Maranhão, após completar a instrução primária no colégio José Antônio Pires¹¹⁸, ele também chegou a trabalhar como cacheiro em um armazém que pertencia a um amigo de seu pai. Logo cedo se interessou pelo desenho, o que mais tarde iria contribuir para a sua técnica de criação das histórias.¹¹⁹ Aluísio começou a estudar pintura com o professor Domingues Tribuzzi, artista italiano radicado em São Luíz.¹²⁰

A atividade precisava se mostrar rendosa, então Aluísio começou a pintar para a elite local. Depois, em 1876 decidiu embarcar para o Rio de Janeiro onde estudou na Academia Imperial de Belas-Artes.

No texto de *Casa de Pensão* encontramos alguns trechos que denotam certa verossimilhança entre a vida do autor e sua obra. Nesse trecho, por exemplo, o personagem exalta aqueles que se dedicam as artes, mas ao mesmo tempo, demonstram a dificuldade de alcançar uma posição razoável nesse ofício.

E lembrar-se Amâncio de que havia por aí criaturas tão dotadas de paciência, tão resignadas, tão perseverantes, que se votavam de corpo e alma ao cultivo das artes... das artes, que, segundo várias opiniões, exigiam ainda mais constância e mais firmeza do que as ciências!... Com efeito! Era preciso ter muita coragem, muito heroísmo, porque as tais belas-artes, no Brasil, nem sequer ofereciam posição social, nem davam sequer um titulozinho de doutor!¹²¹

De acordo com Sales, seu Irmão Arthur Azevedo já estava no Rio de Janeiro e já tinha uma carreira junto à imprensa, o que contribuiu para o ingresso de Aluísio na imprensa também.¹²²

A transformação do conhecimento científico em novas tecnologias e o desenvolvimento dos meios de produção foram grandes motivadores da aceleração da própria vida. A imprensa conquistou um alcance muito mais amplo. Os jornais, antes eram direcionados a um grupo pequeno, neles havia uma relação quase intimista com seus leitores. De acordo com Sussekind: “aquilo que se anunciava na primeira metade do século XIX, no

¹¹⁷ DIMAS, Antônio. *Aluísio Azevedo: Literatura comentada*. São Paulo. Ed. Abril educação, 1980, p. 30.

¹¹⁸ Pires é também o nome do professor de infância do personagem Amâncio da obra *Casa de Pensão* (1884).

¹¹⁹ SALES, Herberto. *Pra conhecer melhor Aluísio Azevedo*. Rio de Janeiro: ed. Bloch Editores S. A. 1973, p. 10-24.

¹²⁰ MONTELLO. Apresentação, In: *Aluísio Azevedo. Trechos Escolhidos*, Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1969.

¹²¹ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Ed. Escala Educacional, 2006, p 31.

¹²² SALES, Herberto. *Pra conhecer melhor Aluísio Azevedo*. Rio de Janeiro: ed. Bloch Editores S. A. 1973, p.11.

Brasil, era em geral uma espécie de comércio de exceção.”¹²³ O público dos jornais era um contingente muito menor, recados eram transmitidos nos jornais de uma pessoa para outra. Há alguns exemplos de discussões de Aluísio Azevedo com pessoas através do jornal, muitas vezes tratavam-se de repostas a críticas com relação ao seu trabalho.

Azevedo viveu com participação ativa nessas transformações e foi um dos fundadores do primeiro jornal de tiragem diária do Maranhão. Foi caricaturista na *Revista Semana Ilustrada* e em *O Mequetrefe*, além de ter sido, como já citado, o primeiro escritor a viver das letras.¹²⁴ Ricardo Ramos Sussekind indica que um dos marcos iniciais da indústria do reclame foi, em 1860, o cartaz de lançamento da *Revista Semana Ilustrada* e os primeiros anúncios ilustrados em 1875, publicados na última página de *O Mequetrefe* e *O Mosquito* e, em 1898, o jornal trimestral *O Mercúrio*, que a princípio seria destinado somente à propaganda comercial ilustrada.¹²⁵ Segundo Dimas:

Apesar de ainda pequeno, o Rio era uma cidade bem maior que São Luís, e a imprensa da época dava força para a figura do chargista, sobretudo político. Ângelo Agostini, Luigi Bogomainerio, Rafael Bordalo Pinheiro, Henrique Fleiuss e outros eram grandes nomes do desenho no momento. Em breve Aluísio se juntaria a eles, deixando sua contribuição em jornais como *O Fígaro*, *O Mequetrefe*, *Semana Ilustrada*, *Zig Zag*, etc.¹²⁶

Com a morte de seu pai, Aluísio precisou voltar para o Maranhão, lá ele escreveu seu primeiro romance, *Uma Lágrima de Mulher*. Esse romance não se diferenciava da escrita romântica da época. Ainda no Maranhão, Aluísio começou a trabalhar no jornal *O Pensador* do qual foi redator, esse jornal era anticlerical e denunciava o clero dialogando com o jornal do clero *A Civilização*. Foi um dos fundadores do jornal *Pacotilha*, primeiro jornal de circulação diária do Maranhão. Aluísio tentou voltar à pintura, pleiteando uma bolsa junto a Assembleia Provincial Maranhense para estudar pintura na Itália, porém o seu comportamento crítico nos jornais, fortemente anticlerical, o impediu de conseguir a bolsa.¹²⁷

De acordo com Montello¹²⁸ o romance *O Mulato*, publicado em 1881, foi muito mal recebido no Maranhão, pois denunciava e criticava pontos cruciais da sociedade maranhense, como comentado anteriormente. O livro no entanto foi bem recebido no Rio de Janeiro, permitindo que Aluísio voltasse ao Rio. Ele passou a escrever folhetins, e ensaiar o teatro em

¹²³ SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização do Brasil*. São Paulo. Ed. Companhia das letras, 1987, p. 61.

¹²⁴ DIMAS, Antônio. *Aluísio Azevedo: Literatura comentada*. São Paulo. Ed. Abril educação, 1980, p. 3.

¹²⁵ Ramos, Ricardo. 1985 apud SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização do Brasil*. São Paulo. Ed. Companhia das letras, 1987, p. 62.

¹²⁶ DIMAS, Antônio. *Loc.cit.*

¹²⁷ SALES, Herberto. *Pra conhecer melhor Aluísio Azevedo*. Rio de Janeiro: ed. Bloch Editores S. A. 1973, p.26.

¹²⁸ MONTELLO. Apresentação, In: *Aluísio Azevedo. Trechos Escolhidos*, Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1969, p. 7.

peças de relativo êxito, sozinho ou em parceria com seu irmão Arthur ou com Emílio Rouède.¹²⁹

Quando Aluísio nasceu, a fotografia já era uma realidade, os primeiros daguerreótipos circularam pelo império em 1839. Em 1860 a fotografia já se popularizava no Brasil.¹³⁰ Como já mencionado, Aluísio desde cedo teve uma relação com as imagens, ele dedicou-se à pintura no início de sua carreira, pintava para famílias abastadas do Maranhão e um dos destaques de sua produção era a fidelidade de seus quadros ao real, em um momento em que a pintura ainda era exercida com uma função parecida com o da fotografia.

Apesar da preocupação de Aluísio em ser fiel ao real, a foto e a pintura se diferenciavam, sendo a pintura útil quando havia uma intensão de imagem idealizada, e a fotografia como um documento.¹³¹ Isso talvez explique o fato de Aluísio preferir se especializar em pintura de mortos.¹³² Além de também haver trabalhado como caricaturista, Aluísio também utilizava a arte na sua produção literária, pois desenhava os personagens e trabalhava com eles de maneira a experimentar o que poderia ser feito na sua trama.

A prosa naturalista de Aluísio se aproxima da fotografia por sua técnica de observação, pois se assemelha a uma tentativa de fotografia mental do ambiente estudado, que se imprime em seu trabalho literário.

Ao escrever o presente texto, pude notar que eu mesma faço essa apropriação de uma linguagem relacionada à imagem e a utilizo em outro contexto trazendo seu sentido para a escrita. Como na palavra “imprime-se”, usada para designar a descrição de um ambiente em forma de texto. Ou quando falamos de um cenário do século XIX, como tentativa de proporcionar ao leitor a visualização mental da cidade naquele período, quase uma “foto mental”.

Após a mudança de Aluísio para o Rio de Janeiro, ele continuou se dedicando a literatura. Em 1882, Aluísio publica em *A Gazetinha*, as *Memórias de um Condenado* que passou se intitular *A Condêssa de Vesper* quando saiu em volume; nesse mesmo ano também começou a publicar *Mistérios da Tijuca* em folhetins na *Folha Nova*. Nesse mesmo jornal,

¹²⁹ MONTELLO. Op.cit.,nota 128.

¹³⁰ SUSSEKIND, Flora. Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização do Brasil. São Paulo. Ed. Companhia das letras, 1987, p. 30.

¹³¹ SUSSEKIND, Flora. Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização do Brasil. São Paulo. Ed. Companhia das letras, 1987, p. 34.

¹³² DIMAS, Antônio. *Aluísio Azevedo: Literatura comentada*. São Paulo. Ed. Abril educação, 1980, p. 3.

Aluísio publica também *Casa de Pensão* em 1883. Depois disso Aluísio faz algumas outras publicações, das quais se destaca *O Cortiço*, publicado em 1890.¹³³

A escolha em manter sua escrita no estilo naturalista pode não ter sido uma decisão completamente espontânea. Sussekind cita um episódio que aconteceu com Aluísio Azevedo alguns anos depois da publicação de *Casa de Pensão*, o acontecimento foi relatado por Coelho Neto. Na época do lançamento de uma nova obra de Azevedo, o livro *O homem* em 1887, Aluísio estava em um restaurante no Rio de Janeiro e resolveu pregar uma etiqueta para divulgar o livro *O homem* em um pão, quando cliente reclamou da higiene do lugar, ele começou a fazer propaganda de seu livro que seria lançado pela livraria Garnier. A romancista expressa sua indignação pela necessidade crescente da propaganda, reclama a indiferença do leitor com relação à qualidade do livro, que segundo ele ficaria esquecido nas livrarias caso o autor não o anunciasse.¹³⁴ Segundo Sussekind:

E, no caso de Aluísio, haveria uma dupla aceitação. Não só no sentido de fazer reclame do seu livro, mas de incorporar conscientemente a própria escrita as expectativas de seu público potencial. Daí a obediência ao molde naturalista. E a resposta imediata dos leitores, que no seu caso, se convertia geralmente em boa vendagem do livros.¹³⁵

Pode-se perceber o efeito da emergência do capitalismo, que submetia Aluísio a uma cultura mercadológica. De acordo com Montello o escritor teria se desencantado:

“[...] Não obstante sua consagração como escritor, é um homem desencantado com seu ofício: o que lhe dá a pena só lhe proporciona uma vida modesta, sem largos horizontes. Ele decide ingressar no emprego público, prestando concurso para a carreira consular, na Secretaria do exterior.”¹³⁶

Aprovado com distinção, Aluísio é nomeado vice-cônsul na Espanha em 1895. A ausência do Brasil, embora tenha possibilitado ao escritor a sensação de vida estável, foi fatal para o seu ofício de criador literário, por que o deslocou de seu ambiente – o ambiente de seus romances. E Aluísio, não obstante acalentar grandes planos, nada mais publicou. Ainda ensaiou um livro de impressões de viagem, mas faltou ao narrador a presença de seus modelos.¹³⁷ Após outras nomeações e promoções em países diferentes, o autor vem a falecer no dia 21 de janeiro de 1913 em Buenos Aires.

¹³³ MONTELLO. Apresentação, In: *Aluísio Azevedo*. Trechos Escolhidos, Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1969, p. 4.

¹³⁴ SUSSEKIND, Flora. Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização do Brasil. São Paulo. Ed. Companhia das letras, 1987, p. 58-59.

¹³⁵ Ibidem p. 59.

¹³⁶ MONTELLO. MONTELLO. Apresentação, In: *Aluísio Azevedo*. Trechos Escolhidos, Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1969, p. 7.

¹³⁷ MONTELLO. Op.cit, p. 8.

No último terço do século XIX, a emergência de um novo sistema forçava mudanças que afetariam vários âmbitos da vida da população. O desenvolvimento dos meios de produção rumo a uma industrialização que se iniciava mudavam a noção de tempo e criavam novas demandas como mão-de-obra e mercado consumidor. Enquanto isso, a extinção do tráfico de escravos e o aumento dos fluxos migratórios para o Rio desencadeavam crescimento urbano e mudanças na forma como o trabalho era visto.

O desafio dos escritores como Aluísio Azevedo, em desenvolver sua produção literária em meio a um Rio de Janeiro em movimento era grande. O Rio mudava fisicamente, com os melhoramentos na cidade e com o início do desenvolvimento da indústria. A aplicação da ciência na indústria desencadeava a mobilização dos meios de comunicação, afetando a imprensa e a produção literária. Além disso, a cidade tentava se ajustar, sobretudo, nas discursividades instituídas a partir das percepções e intenções dos agentes associados às mudanças em curso. Os acontecimentos no cenário internacional – aliados a maior entrada de estrangeiros no Rio de Janeiro – e o desenvolvimento da imprensa encorajavam a formação de novas ideias e novos paradigmas.

No próximo capítulo abordaremos algumas mudanças socioculturais que surgiam com a emergência do capitalismo e em consequência desses novos paradigmas. Essas transformações favoreciam a criação de novos hábitos e afetavam as relações sociais.

Capítulo 2 | O que há de mundo vivido na obra *Casa de Pensão*.

2.1. Questão Capistrano: entre a história, a literatura e os leitores

No capítulo anterior buscamos fazer uma contextualização histórica e a apresentação de algumas problemáticas associadas ao último terço do século XIX e à vida do autor Aluísio Azevedo. A partir dessas reflexões, resgatamos nesse capítulo as considerações mobilizadas na introdução deste trabalho referentes ao diálogo entre história e literatura. Busca-se através desse capítulo demonstrar as interações entre mundo vivido e mundo da ficção, ou mundo imaginado. Essa análise compreende que os dois mundos interagem e aparecem tanto na literatura quanto na história. No entanto, a história ocupa-se do mundo real, tem um compromisso com a verificação dos fatos. Suas interseções com ficcional referem-se à impossibilidade de um resgate completo de um acontecimento do passado, visto que ele é mobilizado no presente, e, portanto, está limitado aos rastros encontrados, às lembranças, aos métodos de pesquisa e, especialmente, às formas de construção da narrativa e à própria historicidade do narrador. Com efeito, o que é construído é uma possibilidade do que já foi, um possível passado.

Importante frisar que nesta dissertação não há intenção de negar as fronteiras existentes entre literatura e história, mas encorajar uma reflexão a respeito do quanto essa fronteira é ou não engessada. A partir do momento que a linguagem entra em cena o homem compreende a sua ligação com as produções da humanidade. De acordo com Avelar e Gonçalves, o historiador ganhou muito com as reflexões dos partidários do giro linguístico, pois ele passou a perceber a historicidade das narrativas, percebeu “a natureza profundamente histórica e condicionada de seu relato, as dimensões ficcionais contidas em sua narrativa e as incertezas e incoerências da noção moderna de sujeito”. Essa consciência iluminou a necessidade de dinamização das áreas de pesquisa.¹³⁸

Entende-se a relevância da linguagem no estudo da História, especialmente no que tange ao caráter epistemológico, pois a história passou a ter seus domínios ampliados, penetrando áreas antes dominadas pela literatura.

[...] interpelam as formas materiais e simbólicas do livro, examinam as práticas e representações da leitura, preconizam o polo da recepção na compreensão mais

¹³⁸ AVELAR, Alexandre de Sá; GONÇALVES, Márcia de Almeida. Giro Linguístico e escrita da História nos séculos XX e XXI. In: Teoria e Historiografia: Debates contemporâneos. Jundiaí, Paco Editorial, 2015, p. 67.

plena do sistema literário, emulam o desenvolvimento de subáreas como história e literatura, a história social e a história cultural.¹³⁹

Assim como Sevcenko em sua obra entende a literatura como expressão do horizonte de futuro do escritor, ou seja, como a possibilidade do vir-a-ser apresentada em forma de produção literária, outros estudiosos tanto da literatura quanto da história passaram a avaliar o que está “por trás” da criação de uma obra literária.¹⁴⁰ Segundo Hollanda:

A fatura literária continua a ser apreciada ora em função da intencionalidade do autor e da lógica interna que conforma a *mimesis*, ora em virtude dos nexos sociológicos que demandam a realidade, o cotidiano, a memória, o verossímil, a experiência vivida, narrada e transfigurada.¹⁴¹

Pode-se dizer que esses estudos em busca do que instiga um literário aproximam-se dos estudos da epistemologia da História, sobretudo, ao considerar o fato de que ambos são produtores de narrativas, ainda que um se atenha ao que pode ser o futuro e o outro o que pode ter sido o passado. Embora como já explicitado esses profissionais tenham objetivos e métodos diferenciados, enquanto o historiador tem uma preocupação com a verificação de documentos, o literário se expressa por meio de sua ficção.

No entanto, ainda que o literário tenha como instrumento a ficção, isso não significa que ele não mobilize a própria história, ou não tenha a intenção de fazer um registro histórico. Nesse sentido, a história vivida é abordada de forma particular, pois o escritor não se adequa aos métodos da academia na intenção de fazer uma narrativa historiográfica formal, mas por vezes, busca levar o conhecimento histórico a um público mais amplo, que seriam os seus leitores. Nesse liame podemos citar autores extremamente afeitos à apresentação de histórias factíveis e verossímeis, como Victor Hugo, que busca constantemente situar o leitor na “História”, enquanto encaminha seu leitor em sua “história”. Refiro-me a obra *Os miseráveis* (1862), que não só desperta o interesse do leitor pela História, mas exige que ele busque conhecimento sobre ela para que possa ter melhor entendimento da sua narrativa ficcional.

O que se propõe com essa abordagem é o entendimento de uma interatividade entre os dois tipos de produção intelectual, História e Literatura, e não a subordinação de uma a outra. Pois além da mobilização proposital da História feita por alguns literatos em suas produções ficcionais, não podemos esquecer as relações miméticas analisadas anteriormente neste

¹³⁹ HOLLANDA, Bernardo, Buarque de. Afinidades eletivas? A literatura nos pródromos da História. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 62, p. 525 - 533, set. 2017. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/72005>>. Acesso em 23 set. 2019, p. 528.

¹⁴⁰ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense. p. 13-23. 1999, p. 27.

¹⁴¹ HOLLANDA, Bernardo, Buarque de. Op.cit., nota 139, p. 529.

trabalho, que levam o literato a não só reconhecer, como produzir semelhanças. É preciso considerar a historicidade dos autores, sejam eles historiadores ou literatos, pois estão todos, sujeitos ao seu tempo de vida.

Diante desta reflexão é interessante nesse momento retomar as análises de Chartier a respeito da crítica literária, pois ele ilumina outra relação dialógica que é a interação entre leitores e texto.¹⁴² Destacamos essa observação nesse momento, pois dela surge a possibilidade de uma abordagem que nos ajudará a destrinchar esse tema.

Cândido¹⁴³ questiona a dualidade de muitos dos modelos esquemáticos utilizados para análise de textos literários. Para ele, esses sistemas permitem uma contemplação estática, talvez simplista dos sistemas em equilíbrio como “cru e cozido, alto e baixo, quente e frio”. O autor destaca outros tipos de abordagem que se baseiam numa tríade e favorecem a análise de sistemas irregulares através de uma visão mais dinâmica. Para exemplificar essa necessidade de fuga dos sistemas binários, Cândido¹⁴⁴ analisa os personagens de *O Cortiço* (1890) de Aluísio Azevedo, e demonstra a esquematização de categorias utilizando essa lógica dualista, como Brasileiro x Português, e explica que esse esquema é insuficiente, pois há uma terceira categoria comum a esses personagens que precisa ser explorada. Dessa forma ele propõe o esquema:

Brasileiro x Português

Animal

De acordo com Hollanda¹⁴⁵, Antônio Candido propôs também o esquema autor-obra-público, pretendendo dar conta de um sistema triangular.

Ao ter em mente a proposta de Antônio Cândido, transferimos essa reflexão para as discussões aqui apresentadas, por meio da seguinte podemos adaptar o esquema Literatura x História, acrescentando uma nova e essencial categoria. Ao verificar o trabalho de Chartier, podemos considerar o seguinte esquema:

História x Literatura

Leitor

¹⁴² CHARTIER, Roger. *From texts to readers: Literary criticism, sociology of practice and cultural history*. Dec. 2017, p. 744.

¹⁴³ CÂNDIDO, Antonio. *A passagem do dois ao três: contribuição para o estudo das mediações na análise literária*. Revista de história, v. 50, n. 100, p. 787-800, 2017, p.787.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 791.

¹⁴⁵ HOLLANDA, Bernardo, Buarque de. Afinidades eletivas? A literatura nos pródromos da História. *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 62, p. 525 - 533, set. 2017. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/72005>>. Acesso em 23 set. 2019, p. 529.

A partir desse esquema, iluminamos não só a historicidade do autor como no esquema proposto por Cândido, mas a História em si. A partir das tabelas abaixo pretende-se demonstrar a linha de raciocínio que nos levou ao esquema apresentado.

Nesse novo esquema fica claro a interação entre eles, embora reconheçamos a intenção do historiador em produzir uma narrativa do mundo vivido, de fato, enquanto o literato busca produzir uma narrativa de um mundo imaginado.

Quadro 1- Relações entre História, Literatura e Leitor.

História	Literatura
<p>-Mundo vivido (mundo real)</p> <p>-Historiador através da narrativa procura demonstrar esse passado reconfigurado utilizando os rastros encontrados na literatura para delinear a sua investigação.</p> <p>-Compromisso de fornecer ao leitor uma narrativa que compreende e problematiza as discontinuidades e possibilita interpretação.</p> <p>-O historiador encoraja reavaliações das ações humanas o que pode instigar a imaginação, e em consequência o mundo imaginado da produção literária.</p>	<p>-Mundo imaginado (ficção)</p> <p>-Escritor mobiliza os acontecimentos Históricos a fim de gerar interesse, e receber o aval do público leitor.</p> <p>-Busca criar registros históricos por meio da ficção.</p> <p>-Mobiliza a História ainda que de forma despreziosa por não poder ser separado de seu contexto histórico.</p> <p>-Ao demonstrar novas possibilidades de vir-a-ser a literatura pode gerar reflexões que se traduzem em mudanças no mundo vivido.</p>
Leitor	
<p>- Recepciona e consome produções historiográficas e literárias.</p> <p>-Reage às semelhanças entre a História e a Literatura.</p> <p>-Interpreta de acordo com a sua experiência. (Movimento mimético, busca de similaridades).</p> <p>-Está assim como o historiador e o escritor inserido no contexto histórico, e é visado por ambos.</p>	

Fonte: A autora, 2019.

O historiador tem um compromisso com o leitor enquanto sociedade. Pois busca proporcionar um conhecimento para que erros cometidos não se repitam e acertos sirvam como modelo. Esse caráter de instrução da História acaba por afetar a imaginação e por consequência as produções ficcionais. Nesse sentido podemos citar não só a produção literária, mas outras produções artísticas que buscam não apenas entreter, mas também instruir.

Um exemplo interessante seria o cinema, que pode através da ficção lançar mão da História, para demonstrar um possível futuro caso o homem volte a repetir os erros do passado. É o caso de alguns filmes de ficção científica que apresentam futuros apocalípticos e degradados devido a erros do passado que continuaram a ser repetidos, como utilização de bombas atômicas ou provocação de acidentes ambientais.

Ao aplicar o esquema proposto a obra à obra *Casa de Pensão* (1884) temos o seguinte quadro:

Quadro 2- A Questão Capistrano e as interações entre História, Literatura e leitor

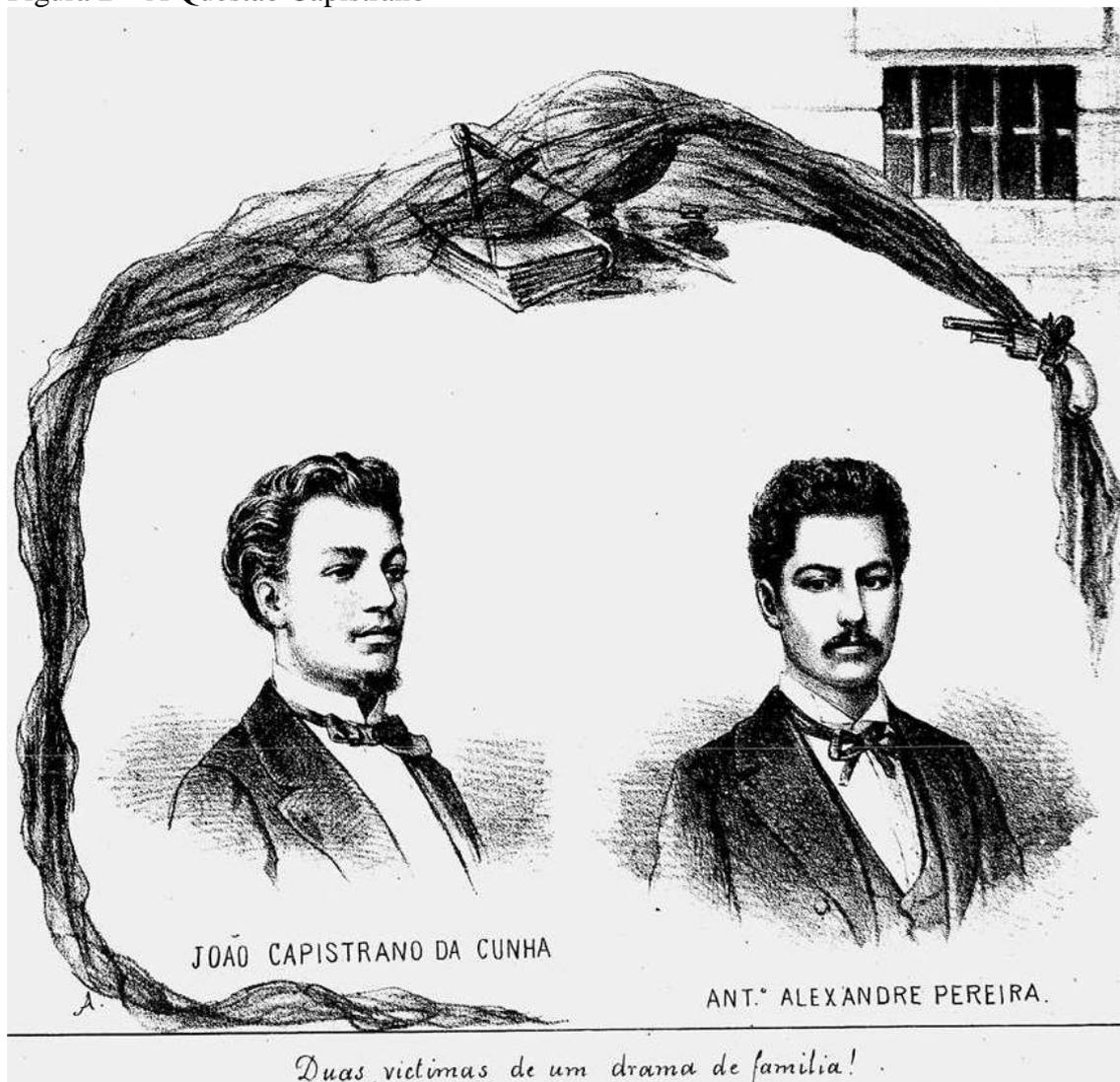
História	Literatura
-Mundo vivido (mundo real): Questão Capistrano (1876).	-Mundo imaginado (ficção): <i>Casa de Pensão</i> (1884).
Leitor	
-Grande interesse no tema que foi amplamente acompanhado pela imprensa na época (1876).	

Fonte: A autora, 2019.

Os esquemas propostos servem como um fio condutor desse processo de análise textual do livro *Casa de pensão*.

2.1. A Questão Capistrano

Figura 2 – A Questão Capistrano



Fonte: Revista Ilustrada. 22 de Novembro de 1876, p. 1.

A referida Questão Capistrano foi assunto de vários jornais, tanto durante os anos em que ocorria o caso, entre 1876 e 1877, como muito posteriormente, como no *Jornal do Brasil*, em 1926, que lembrava os 50 anos do “Crime Célebre”¹⁴⁶, como o título da reportagem anunciava. Anos depois, o assunto voltava a aparecer nos jornais, com o título de “Na data de hoje a muitos anos”¹⁴⁷, a questão foi narrado no jornal *Correio da Manhã*, em 1940.

¹⁴⁶ *Jornal do Brasil*. Quarta-Feira 17 de novembro de 1926, p. 6.

¹⁴⁷ *Correio da Manhã* (RJ). 29 de Novembro de 1940, p. 2.

O caso aconteceu no Rio de Janeiro na casa de uma senhora, D. Júlia Clara Pereira¹⁴⁸, que lecionava piano e foi morar com um filho Antônio Alexandre Pereira e a filha Júlia Pereira. De acordo com Hermeto Lima, autor da publicação no jornal *O Brasil*:¹⁴⁹

Como houvesse nessa casa um sótão que podia perfeitamente ser alugado, essa senhora resolveu subloca-lo a um rapaz estudante da escola Politécnica, colega e amigo de seu filho e que se chamava João Capistrano da Cunha e era natural do Paraná. Passando para aí a residir, o moço estudante em pouco tornou-se íntimo da família pelo seu gênio alegre e bastante expansivo. Dessa intimidade diária nasceu uma profunda simpatia pela moça, filha da dona da casa, simpatia que foi por ela correspondida. Viviam os dois nessa felicidade própria dos namorados, quando certa noite, em que nem a dona da casa nem seu filho estavam, João Capistrano vai no quarto da jovem e ali permanece com ela grande parte da noite. Não tratemos de saber se a moça consentiu ou não, o que é certo é que o moço esteve nos aposentos dela horas seguidas. O caso chegou ao conhecimento da polícia e João Capistrano foi denunciado, preso e processado.

Em 9 de maio de 1876 o jornal *Gazeta de Notícias* publicou o trecho abaixo, onde pode-se notar o engajamento dos alunos da Politécnica em ajudar João Capistrano.

Os estudantes da escola Politécnica incorporaram-se em número superior a 200 e foram ontem, as 3 horas da tarde a casa do Dr. Busch Varela pedir-lhe para incumbir-se da defesa do seu colega João Capistrano da Cunha, na apelação da causa julgada no tribunal do júri. O Sr. Antão de Faria, orador das comissões dos diversos anos, em nome dos seus colegas pediu ao distinto advogado o seu valioso patrocínio em prol da causa que tanto interessa o corpo acadêmico. O Sr. Dr. Busch Varela acolheu com toda benevolência os generosos moços e prometeu defender a causa do acusado. Faz honra a mocidade acadêmica o empenho com que trabalha para restituir a liberdade um colega estremecido.¹⁵⁰

Ainda de acordo com a publicação de Hermeto Lima, no dia seguinte ao ser questionado sobre o ocorrido, João Capistrano disse ter sido arrastado pela jovem para o quarto e induzido a isso. Hermeto explica a repercussão do assunto nos jornais e na opinião pública:

Os jornais enchiam as colunas, tratando do caso e os alunos da escola Politécnica, da mesma forma que a opinião pública, dividiu-se em dois grupos diferentes. O primeiro dizia que a jovem era uma leviana e que tudo aquilo fora armado, para João Capistrano, que era tido como rapaz rico, casar-se com ela. O outro grupo afirmava que tudo isso era um artil que se preparava para inocentar o estudante, que no caso em questão tinha toda culpabilidade.¹⁵¹

O estudante ficou bastante tempo preso até o julgamento, no esperado dia o tribunal estava lotado de pessoas curiosas com o *verdictum* do caso. Depois de longas discussões e da reunião dos juízes em uma sala secreta, veio à notícia da absolvição de João Capistrano por

¹⁴⁸ DIMAS, Antônio. *Aluísio Azevedo: Literatura comentada*. São Paulo. Ed. Abril educação, 1980, p. 32.

¹⁴⁹ *Jornal do Brasil*. Quarta-Feira 17 de novembro de 1926, p. 6.

¹⁵⁰ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 9 de Maio de 1876, p. 2.

¹⁵¹ *Jornal do Brasil*. Loc.cit.

¹⁵¹ *Gazeta de Notícias*. Loc.cit.

unanimidade de votos. A família e amigos da moça indignados espalhavam que o júri fora comprado a favor de Capistrano, pois o estudante era filho de um pai rico e mantinha relações com pessoas poderosas. Enquanto o outro grupo defendia a neutralidade do júri, e exultava de alegria. Para Hermeto Lima, o irmão da moça, Alexandre Pereira, já tinha a sua resolução formada:

No dia seguinte ao da absolvição, que foi na data de hoje, em 1876, sabendo que seu colega e ex-amigo ia passar pela Rua da Quitada, munuiu-se de um revólver e, quando ele por ali caminhava, foi-lhe ao encontro e desfecho-lhe dois tiros a queima roupa, sendo que o segundo foi dado quando ele entrava numa casa de comércio, para fugir da agressão. Estava terminado o grande drama da família.¹⁵²

O relatório enviado ao juiz pelo 3º delegado de polícia Dr. Torquato Couto explicando o crime em detalhes foi publicado no jornal *Gazeta de Notícias*. Nesse trecho é possível verificar o detalhamento das informações: “No dia 19 do corrente, pelas 10 horas da manhã, passando João Capistrano da Cunha, pela Rua da Quitanda entre a Rua do Visconde de Inhaúma e o Beco de Bragança; sob ele disparou Antônio Alexandre Pereira, dois ou três tiros de revólver [...]”¹⁵³,

O enterro de João Capistrano foi um grande evento, o discurso lido por Duque Estrada Teixeira e publicado pela *Gazeta de Notícias*, demonstra a grandiosidade do evento:

[...] Senhores, permaneci horas inteiras absorto diante do cadáver exangue da vítima. Aquele aposento constantemente inundado por ondas de visitantes que vieram contempla-lo parecia-me um ermo; nem o contínuo fluxo e refluxo dos que entravam e saíam, nem dos queixumes dos amigos, nem dos murmúrios e exclamações de indignação que o crime motivava, de nada eu me apercebia; só via, só podia olhar para aquele corpo marmóreo.¹⁵⁴

Nesse mesmo discurso, é notável a relação que a imprensa fazia do caso com a Escola Politécnica: “Um tal delito cobre de duplo luto a sociedade brasileira, particularmente a sociedade acadêmica que tem de lamentar a dupla e desastrosa perda de um companheiro querido e a do desventurado que lhe vibrou o golpe.”¹⁵⁵

Os alunos da Politécnica se envolveram de tal maneira com o caso, que Miguel Lemos e Teixeira Mendes, na época estudantes da Politécnica, foram suspensos por dois anos das atividades da escola devido a uma publicação “sob epígrafe – Questão Capistrano ” que

¹⁵² *Jornal do Brasil*. Quarta-Feira 17 de novembro de 1926, p. 6.

¹⁵³ *Gazeta de Notícias*. 1 de Dezembro de 1876, p. 1. Ano II – n. 332.

¹⁵⁴ *Gazeta de Notícias*. 26 de Novembro de 1876, p.2. Ano II N. 327.

¹⁵⁵ *Gazeta de Notícias*. 26 de Novembro de 1876, p.2. Ano II N. 327.

publicaram no Jornal *O Comércio*. A publicação não foi encontrada, porém o corpo docente a avaliou como ofensiva e injuriosa ao diretor Sr. Visconde do Rio Branco.¹⁵⁶

Embora Hermeto Lima tenha afirmado que Alexandre já tinha uma resolução, segundo o próprio Alexandre, essa atitude não havia sido premeditada. Em 30 de Janeiro de 1877 o jornal *Gazeta de Notícias* publicou o julgamento do réu, que segundo essa publicação era natural da Bahia e tinha 23 anos. Nota-se que Alexandre usa em sua defesa a prontidão dos advogados, pois eles se ofereceram para defendê-lo espontaneamente. O réu declarou que:

[...] passou, não só a noite de 18 para 19 de novembro, assim como as anteriores em sua residência em Santa Teresa. Recordando-se de haver descido no dia 19 as 6 para as 7 horas, como costumava fazer, e nesse dia com o fim de falar a um amigo antes de almoçar, mas sobre assuntos indiferentes; tendo entretanto, com ele falado sobre o fato que o preocupava. [...] Que quando desceu para a cidade não tinha plano algum formado, mas deparando na casa de negócio de Lessa Moreira e com o artigo que o Sr. Busch Varella fazia agradecimentos relativamente às manifestações feitas, não pode conter a dor que o dominou ao ver que o nome da pobre vítima, posto que obscuro, estivesse exposto ao desprezo público. Preferiu então procurar substituir o nome da vítima pelo seu, e tomou a resolução de fazer uma ultima intimação ao malfeitor para o casamento. Foi sem resultado; por isso teve de desfechar-lhe o tiro.¹⁵⁷

Com efeito é válido verificar outra parte desse relatório, pois nele é possível identificar os procedimentos adotados pelo júri. Apesar do flagrante, da confissão, e da confirmação de culpa verificadas pelo júri, eles decidiram por absolvê-lo acreditando que a necessidade de “limpar a honra” tornava aquela atitude “irresistível”. O trecho apresenta o *verdictum* do caso de Alexandre:

Seguiu-se a leitura do processo que terminou depois de uma hora. Não foram ouvidas as testemunhas apesar de estarem na casa. [...] As 5 horas recolheu-se o conselho a sala secreta, da onde voltou com as respostas aos quesitos confirmando o fato, dando porém as justificativas de força irresistível e da defesa da honra da família, pelo que foi absolvido o réu unanimemente, apelando o juiz dessa decisão.¹⁵⁸

Como observado no trecho do jornal *O Brasil*, a população se dividiu em opiniões. Os jornais não ficavam isentos, eram vários os pareceres sobre a Questão Capistrano. Ângelo Agostini sob o Pseudônimo de D. Beltrano, esteve a frente da Revista *Ilustrada* entre os anos 1876 e 1888,¹⁵⁹ ele através da revista constata a grande repercussão do caso: “Não há quem não dispenda um parecer comentando e moralizando o lamentável fato de Domingo na Rua da

¹⁵⁶ *O Globo* : Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria (RJ) . 26 de Novembro de 1876, p. 2.

¹⁵⁷ *Gazeta de Notícias*. 30 de Janeiro de 1877, p. 2.

¹⁵⁸ *Gazeta de Notícias*. Op.cit., p. 2.

¹⁵⁹ PIRES. Maria da Conceição Francisca. Centenário do traço: o humor político de Ângelo Agostini na Revista *Ilustrada* (1876- 1888), Rio de Janeiro, FBN/MinC, 2010, p. 15. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao//centenario-traco-humor-politico-angelo-agostini-revista//maria_conceicao.pdf> Acesso em 10 de Jan. de 2020.

Quitanda; tem-se dito despropósitos, disparates e absurdos do volume do Pão de Açúcar, [...]”. Agostini expressou sua opinião sobre a questão em uma publicação anterior ao julgamento de Alexandre:¹⁶⁰

Como o clero, como a medicina e como o magistério, a advocacia é antes um sacerdócio do que um meio de enriquecer; o médico, o padre, o professor e o advogado tem o imprescindível dever de guiar com a lição, exortar com o conselho e edificar com o exemplo... É bem provável que as desgraças que tanto abalaram nestes últimos dias a nossa sociedade não se dessem se da parte de *alguém* houvesse mais prudência e mais critério.

Além de criticar o trabalho dos advogados, Agostini também apresenta o seu parecer no que se refere ao homicídio praticado por Alexandre:

[...] Em nossa humilde opinião, do assassinato de Domingo, Alexandre Pereira foi um mero instrumento da fatalidade, tão culpado como a arma que despediu o tiro, como a bala que atravessou o peito da vítima. Sob o peso pois da tremenda acusação e entregue a justiça dos homens pedimos a Deus que lhe depare juízes esclarecidos e honestos, que o julguem livres de coação, guiados pela razão e pelo direito.¹⁶¹

Pontos que podem ser considerados essenciais da Questão Capistrano foram mobilizados por Aluísio de Azevedo no romance *Casa de Pensão*, como a casa que admitia hóspedes, o envolvimento de estudantes da Politécnica, os processos criminais e seus desfechos, além da espacialidade geográfica.

Ao escrever uma narrativa fictícia, Aluísio pode completar as lacunas da história, lançando mão de conjecturas quando os rastros do passado eram insuficientes e desconhecidos. Os jornais puderam apenas oferecer através do parecer de seus redatores as suas opiniões, ou se abster das especulações como o citado jornal *O Brasil* que em sua publicação explicava “Não tratemos de saber se a moça consentiu ou não, o que é certo é que o moço esteve nos aposentos dela horas seguidas.”¹⁶²

Aluísio instiga o leitor a uma possibilidade mesmo que imaginada. Ao tratar de uma tema que gerou tamanho interesse, Aluísio está interagindo com o leitor através da história, e ao mesmo tempo, registrando, ainda que não de forma documental, uma história que ganhará a amplitude de alcançar os tempos atuais, gerando interesse na história através da sua ficção. Interesse que move pesquisas como a que aqui se apresenta.

Utilizando os trechos dos jornais que foram citados acima, junto à obra *Casa de Pensão*, iremos fazer alguns apontamentos mais específicos entre a Questão Capistrano e o livro *Casa de Pensão*, resgatando e trazendo a tona a tríade construída neste trabalho, buscando assim

¹⁶⁰ *Revista Ilustrada*. 1 de Dezembro de 1876, p. 2-3.

¹⁶¹ *Revista Ilustrada*. 1 de Dezembro de 1876, p. 2-3.

¹⁶² *Jornal do Brasil*. Quarta-Feira 17 de novembro de 1926, p. 6.

iluminar o lugar do leitor nesse esquema. A aceitação e interesse do leitor em uma obra de Aluísio Azevedo baseada na Questão Capistrano pode ser demonstrado pela disposição do autor em publicá-la em volume, no ano seguinte à sua publicação em folhetim. Além disso, o fato do livro *Casa de Pensão* figurar entre as principais obras do autor, junto ao livro *O Mulato* (1881) e *O Cortiço* (1890).

A narrativa de *Casa de Pensão* também se inicia com um personagem que da mesma forma que João Capistrano não é natural do Rio de Janeiro. Capistrano era natural do Paraná, enquanto Amâncio nasceu no Maranhão. Assim como o personagem Amâncio Aluísio Azevedo também é maranhense, o que permite ao autor utilizar da sua experiência no Maranhão para criar uma narrativa do que foi a vida de Amâncio antes de chegar à Corte.

As verossimilhanças entre o autor e o personagem demonstram o uso dessa experiência, como o nome do seu professor de instrução primária, que assim como o do personagem é Pires.¹⁶³ Poder observar o ambiente no qual a sua ficção se desenvolvia era importante para o autor, devido aos seus métodos de criação muito baseados em observação.¹⁶⁴

A escolha de Aluísio, pelo método da observação justifica-se pelas ideias em voga após a década de 70. Algumas correntes como o positivismo, o cientificismo e o naturalismo incorporavam-se umas as outras. Esse método de cunho científico quando aplicado a literatura, tratava os fatos e as interações entre os personagens como fenômenos observáveis de um experimento. Dessa forma estudava a sociedade e sua relação com o ambiente e acreditava que era possível identificar padrões de comportamento, demonstrando seus resultados em sua criação literária.”¹⁶⁵

A trama de Aluísio também se passa numa casa de pensão, mas trata-se uma casa de tamanho considerável que chega a ganhar certa projeção, não apenas um sótão para um hóspede. Como demonstra o autor no trecho de sua obra, a casa de pensão de Mme. Brizard surgiu “ameaçadora, escancarando para população do Rio de Janeiro a sua boca de monstro”. Tinha só no segundo andar oito cubículos para hóspedes.¹⁶⁶

A família também tem uma história parecida a princípio, mais depois se diferencia no curso da trama, pois tratava-se da mãe viúva e do casal de filhos. Com o falecimento da mãe, o personagem Coqueiro, que pela semelhança corresponderia a Alexandre na Questão

¹⁶³ SALES, Herberto. *Pra conhecer melhor Aluísio Azevedo*. Rio de Janeiro: ed. Bloch Editores S. A. 1973, p. 10-24.

¹⁶⁴ MONTELLO. Apresentação, In: *Aluísio Azevedo*. Trechos Escolhidos, Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1969, p. 8.

¹⁶⁵ GIANNOTTI, José Arthur. Comte, Auguste, 1798-1857. In: *Os Pensadores*. Abril S. A São Paulo, 1978, p. 19. COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1975, p. 188.

¹⁶⁶ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 95 e 98.

Capistrano, casa-se com Mme. Brizard, mulher francesa mais velha que ele, amiga de sua falecida mãe. A menina Amelinha se assemelha a Julia da Questão Capistrano, ela mora na Casa de Pensão com o irmão Coqueiro e sua esposa Mme. Brizard.

Com efeito, pelas semelhanças, Amâncio corresponde a João Capistrano da Cunha, João Coqueiro corresponde a Antônio Alexandre Pereira e Amelinha corresponde a jovem Júlia Pereira.

Como na Questão Capistrano, o colega de Amâncio, Coqueiro, estuda na Politécnica, e no livro os alunos da Politécnica se envolvem muito com os processos. Na obra de Aluísio, os alunos da Politécnica que se aproximam dele parecem valorizá-lo principalmente por suas posses, só se mostrando interessados nele após serem convidados para um almoço que Amâncio pagaria. Durante o almoço, quando parecem constatar sua fortuna, eles se mostram muito interessados em uma nova amizade. É neste evento que Amâncio conhece Coqueiro que é apresentado a Amâncio por Paiva Rocha, haviam estudado juntos no Maranhão. Neste trecho Paiva demonstra sua indisposição em passar algum tempo com o colega: “Paiva bocejou; o outro estava “caceteando”. Quis safar-se. – Espera! – Implorou Amâncio, apoderando-se-lhe de novo da gola do fraque. [...] Estava muito ocupado! Naquele dia não dispunha de um momento de seu!”¹⁶⁷

Depois de pedir dinheiro emprestado a Amâncio e ser convidado para almoçar, sua disposição para com o colega muda completamente. Neste outro trecho, estão ambos almoçando no Hotel dos Príncipes:

[...] –Respondeu este, abraçando Amâncio pela cintura. – Nós cá somos camaradas velhos! Vem de longe! E parecia querer provar que seus direitos sobre o comprovinciano eram muito mais legítimos que os dos outros dois; que Amâncio lhe pertencia quase que exclusivamente, como um tesouro, como uma fortuna que se trás do berço.¹⁶⁸

Outra semelhança que da base a trama de Aluísio é o *affaire* do estudante de medicina, Amâncio, com Amelinha. Como demonstrado através dos trechos de jornais, não se sabe, afinal o que realmente aconteceu na Questão Capistrano. Já na obra de Aluísio, o interesse da jovem pelo rapaz não passava de um plano para conseguir um casamento promissor. A princípio parece que Aluísio escolheu um dos grupos referidos por Hermeto Lima, em sua descrição no jornal do Brasil sobre a divisão da opinião pública: “O primeiro dizia que a

¹⁶⁷ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 61.

¹⁶⁸ AZEVEDO, Aluísio. *Op.cit.*, nota 167. p. 66.

jovem era uma leviana e que tudo aquilo fora armado, para João Capistrano, que era tido como rapaz rico, casar-se com ela.”¹⁶⁹

Há uma diferença no relacionamento entre o casal de Casa de Pensão e o da Questão Capistrano. Amâncio e Amelinha não passam apenas uma noite juntos, eles passam a dormir juntos toda noite como um casal, e nesse tempo Amélia tenta convencer o mancebo ao casamento.

O desfecho das narrativas tem muitas partes em comum. Amâncio é processado pela família de Amelinha e é absolvido. Sai do tribunal ovacionado pelos estudantes e celebrando a vitória. Coqueiro mata Amâncio e também é absolvido por defender sua honra. O advogado Saldanha Marinho aparece em defesa de Amâncio, assim como na Questão Capistrano.¹⁷⁰ O jornal *Correio da Manhã*, ao narrar a Questão Capistrano cita Saldanha Marinho como um dos defensores de João Capistrano, junto a Busch Varella e Duque Estrada Teixeira.¹⁷¹

Aluísio narra em Casa de Pensão a absolvição de Coqueiro, não a do júri, mas a da sociedade, a opinião pública que aos poucos passava para o seu lado. Antes do homicídio, as pessoas iam até sua casa importuna-lo e dizer impropérios dirigidos a ele e sua irmã por acusarem Amâncio: “é assim que fazem os sem-vergonhas da tua espécie! – Vendem a irmã e põem-se a descansar no colchão que lhe deixou o amante!”¹⁷² Porém após o homicídio, Aluísio explica que: “o fato não caiu logo no esquecimento porque aí estava o novo processo do assassino para lhe entreter o calor, a feição de um banho-maria.”¹⁷³ Depois da morte de Amâncio: “Coqueiro popularizava-se, ia conquistando opiniões e simpatias; ia aos poucos se instalando no lugar vago pelo desaparecimento do outro.”¹⁷⁴

2.2. Percepções de quem vive na Corte

Viam-se de cima casas acavaladas umas nas outras, formando ruas, contornando praças. As chaminés principiavam a fumar; deslizavam as carrocinhas multicores dos padeiros; as vacas de leite caminhavam com o seu paço vagaroso, parando a porta dos fregueses, tilintando o chocalho; os quiosques vendiam café a homens de jaqueta e chapéu desabado; cruzavam-se na rua os libertinos retardios com os operários que se levantavam para a obrigação; ouvia-se o ruído estalado dos carros de água, o rodar monótono dos bondes. Mas além pressentiam-se os arrabaldes pelo verdejar das arvores; ao fundo encadeavam-se cordilheiras, graduando planos esfumados de neblina. O horizonte rasgava-se à luz do sol, num deslumbramento de

¹⁶⁹ *Jornal do Brasil*. Quarta-Feira 17 de novembro de 1926, p. 6.

¹⁷⁰ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p.305.

¹⁷¹ *Correio da Manhã* (RJ). 29 de Novembro de 1940, p. 2.

¹⁷² AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p.319.

¹⁷³ *Ibidem.*, p.325.

¹⁷⁴ AZEVEDO, Aluísio. *Op.cit.*, nota 172, p.319.

cores siderais. E lá muito longe a perder de vista, reverberava a baía, laminando as águas na praia.¹⁷⁵

Este é um trecho de *Casa de Pensão* em que o personagem Amâncio olha do alto a cidade do Rio de Janeiro e descreve suas impressões. Essa descrição permite à identificação de vários temas caros à historiografia sobre o Rio de Janeiro do século XIX, especialmente na sua segunda metade. Casas coletivas, resultado de uma concentração de pessoas que, com o crescimento da produção industrial, ainda que em sua maioria manufatureira, foram atraídas para o centro, sem citar a migração de outras províncias que contribuiu para o engrossamento dessa multidão; o trabalhador livre representado na menção ao operário; o desenvolvimento dos transportes, que pode ser identificado pelos bondes; uma natureza exuberante cada vez mais misturada a uma cidade que se espalhava e crescia.

Todo esse cenário se queria cada vez mais urbano, com traços de uma nascente modernidade, mas que era dividido com as vacas de leite de porta em porta que parecem estar descritas com intuito de lembrar a permanência das reminiscências coloniais. E junto à melancolia de uma cidade que ainda não poderia dizer-se “civilizada” estava a natureza tropical exibindo sua valorizada exuberância. Tudo isso sob o sol, que demonstra sua capacidade e força de deslumbre.

No trecho citado Amâncio descreve suas percepções como habitante. O Rio de Janeiro nesse momento do livro não é mais uma cidade que ele só ouviu falar.

Para melhor compreensão da análise que aqui se verticaliza é interessante refletir a respeito do caráter social da cidade. Caráter que se distingue do que seria uma análise da paisagem da cidade. Busca-se nessa dissertação uma reflexão mais direcionada para a cidade enquanto espaço.

Milton Santos exemplifica de forma bem clara a ideia de espaço:

Uma casa vazia ou um terreno baldio, um lago, uma floresta, uma montanha não participam do processo dialético senão porque lhes são atribuídos determinados valores, isto é, quando são transformados em espaço. O simples fato de existirem como formas, isto é, como paisagem, não basta. A forma já utilizada é coisa diferente, pois seu conteúdo é social. “Ela se torna espaço, porque forma-conteúdo.”¹⁷⁶

Além da ideia de paisagem, o conceito de espaço também pode ser confundido com a ideia de lugar. O autor citado faz uma demonstração utilizando a analogia entre espaço e lugar, leitura e escrito, onde o lugar seria representado pelo escrito, constituído por um

¹⁷⁵ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 77.

¹⁷⁶ SANTOS, Catarina Madeira. *Goa é a chave de toda a Índia. Perfil político da capital do Estado da Índia (1505-1570)*. Lisboa: Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

sistema de signos, e o espaço seria a leitura, entendendo o espaço como o “lugar praticado”, tal como a leitura como o escrito praticado. Para Certeau, no lugar impera a lei do “próprio”¹⁷⁷, e está ligada à subjetividade individual e à identidade. “Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência.” Já o espaço é um cruzamento de móveis. “Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo.”¹⁷⁸

Segundo Santos o espaço está em constante transformação. Trata-se de “[...] um conjunto de mercadorias cujo valor individual é função do valor que a sociedade, em um dado momento, atribui a cada pedaço de matéria, isto é, cada fração da paisagem.”¹⁷⁹ Dessa forma, a sociedade age não sobre formas materiais mais sobre a própria sociedade. Para Tuan, o espaço é um conceito ainda mais abstrato que o lugar. O espaço pode tornar-se lugar depois de ser conhecido e dotado de valor. “O lugar é segurança, o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o segundo.”¹⁸⁰

Nesta dissertação há interesse no que se refere à paisagem do Rio de Janeiro do século XIX, mas, sobretudo, há interesse ainda maior em entender o Rio de Janeiro enquanto espaço. Um Rio de Janeiro que muda de tal maneira, que essa mudança é documentada não só pela historiografia, mas pelos literatos. Num período em que a imagem é cada vez mais importante, e cada vez mais “registrável” como demonstrado por Sussekind, a autora destaca a ideia de “Letra ao pé da paisagem”, onde até mesmo a literatura se rende ao registro da imagem num chamado “jogo naturalista”.¹⁸¹ Pode-se entender a ideia da autora em transplantar para a letra a visão estática de uma paisagem. No sentido de captar, assim como uma foto, através da imagem que paralisa o momento e o perpetua para a posteridade.

Ao levar em conta a nossa análise anterior sobre paisagem e espaço, poderíamos adaptar a reflexão de Sussekind e dizer que a obra de Aluísio é a letra ao pé do espaço, pois ela vai além do registro da paisagem. Entre suas páginas, encontra-se o registro da sociedade e de toda a sua capacidade de mudar um espaço no século XIX. Aluísio registra, não só em *Casa de Pensão (1884)*, mas também em *O cortiço (1890)*, a organicidade de uma cidade, uma urbe cujos agentes dominantes apropriando-se das ideias da modernidade lutam por

¹⁷⁷ Grifo do autor.

¹⁷⁸ CERTEAU, Michel. *A invenção do Cotidiano*. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes. 2013, p. 184.

¹⁷⁹ SANTOS, Catarina Madeira. *Goa é a chave de toda a Índia. Perfil político da capital do Estado da Índia (1505-1570)*. Lisboa: Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999. P. 77 SANTOS, Catarina Madeira. *Goa é a chave de toda a Índia. Perfil político da capital do Estado da Índia (1505-1570)*. Lisboa: Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999, p. 67.

¹⁸⁰ TUAN, Yi-fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo. Ed. Difel. 1983.

¹⁸¹ SUSSEKIND, Flora. Op.cit, p. 104. COMPLETAR A CITAÇÃO.

controlar, organizar e especialmente ordenar. Esses agentes por vezes tratam a cidade como paisagem, desprezando o social.

Em sua obra, Yates¹⁸² classifica as coisas espacialmente. Segundo Certeau essa abordagem é reconhecida até no *Panóptico* de Bentham¹⁸³. Com efeito, ele descreve a criação de um sujeito universal, entendendo a Cidade como conceito. A Cidade como um único sujeito reduzindo em si “múltiplos sujeitos reais, grupos, associações, indivíduos”, possibilita uma observação a partir de propriedades estáveis e isoláveis.

Dessa forma, assim como no modelo de Bentham, experiências poderiam ser aplicadas à cidade, viabilizando operações controladas e a sua racionalização. O projeto de gestão que é colocado em prática na cidade prevê a eliminação daquilo que não é desejável, como doenças, miséria, e anormalidades. Porém o progresso reintroduz esses itens eliminados. Deste modo a cidade fica exposta a movimentos contraditórios, fazendo com que o poder *Panóptico* perca o controle e a cidade seja impossível de gerir, apesar da permanência dos discursos que buscam construir e divulgar sua ordenação.

2.2.1. Desenvolvimento da cidade e a emergência do capitalismo no Rio de Janeiro

Casa de Pensão foi escrito antes de *O Cortiço*, sendo este último considerado a obra prima de Aluísio Azevedo. Entre os dois livros, encontramos algumas semelhanças como o tema das casas coletivas, e um dos personagens do livro. Luís Batista Campos, personagem da obra *Casa de Pensão*, embora fosse brasileiro, era dono de um armazém português, e pode ser comparado com o personagem de *O Cortiço* João Romão. Dentre as semelhanças encontradas, verificamos a questão da ascensão pelo acúmulo individual de capital. Campos aprende a trabalhar no comércio graças a um amigo de seu pai, que é tio de Amâncio. O personagem passa de guarda livros a dono de um armazém graças a seu esforço de trabalho.¹⁸⁴ João Romão também ascende através do trabalho, mas de maneira muito mais exploratória, e sem escrúpulos.

¹⁸² Yates apud CERTEAU, Michel. *A invenção do Cotidiano*. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes. 2013.

¹⁸³ O *Panóptico* de Bentham a princípio se configura de forma arquitetural. Trata-se de uma prisão em forma de anel com uma torre no meio. Toda a sua estrutura é desenhada de forma que o vigia, na torre, possa observar a todos, porém sem ser visto por eles. Dessa forma a vigilância tem um efeito permanente mesmo sendo descontínua. Em outras palavras o medo da possibilidade de ser observado tem o mesmo efeito de ser observado constantemente. Esse modelo pode funcionar como uma “máquina de experiências”, pois permite a aplicação de um método e a observação de seus resultados, que podem ser monitorados e analisados. (FOUCAULT, 2014, p.194-197).

¹⁸⁴ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p.33.

No capítulo anterior verificamos práticas da sociedade brasileira associadas às contradições de compreender a ascensão por meio do esforço de trabalho como uma opção, o que, como demonstrado por Candido, estava atrelado a uma cultura que entendia o indivíduo que trabalhava como indigno e comparável ao animal, embora o crescimento do trabalho livre fosse considerável nas últimas décadas do século. Segundo Benchimol, “No lapso decorrido entre a extinção do tráfico negreiro e os anos setenta, avançou muito a transição do trabalho escravo para o trabalho livre.”¹⁸⁵

Além desse aspecto, importante mencionar a questão da migração. O personagem João Romão de *O Cortiço* é português, o que segundo análise de Cândido o desqualifica perante a sociedade brasileira, sendo um dos motivos dessa desqualificação o fato do português do livro ser trabalhador. Campos de *Casa de Pensão* não é português, porém trabalha como um português, tendo aprendido o ofício do comércio e passado a dirigir um armazém português do qual era gerente.¹⁸⁶ Aqui podemos destacar a questão da desqualificação do imigrante português diante da sociedade brasileira, pois o mesmo é tido como explorador que enriquece à custa da exploração do brasileiro. No caso de Campos, embora não fosse português, é possível verificar o espanto, admiração e ao mesmo tempo certo ressentimento compartilhado pelos colegas do personagem a respeito de sua ascensão:

Campos, [...], principiou a prosperar de um modo assombroso; dentro de três anos era o que vimos: – rico, muito acreditado e seguro na praça. E contudo, não tinha mais do que 36 anos de idade. – É um felizardo! – resmungavam os colegas com o olhar fito. – É um felizardo! Quem o viu, como eu, a tão pouco tempo!... – Mas sempre teve boa cabeça!... – São fortunas homem! Outros há por aí que fazem o dobro e não conseguem a metade! – Não! Ele merece coitado! É muito bom moço, muito expedito e trabalhador! – Homem! Todos nós somos bons!... O que lhe afianço é que nunca em minha vida consegui por de parte um bocado de dinheiro! E o caso é que Campos, ou devido a fortuna ou ao bom tipo para os negócios, prosperava sempre.¹⁸⁷

Na trajetória de Campos aparece também a figura do capitalista, que é convidado por ele para ter sociedade em sua empresa, no caso o armazém: “O tal Garcia morreu, Campos passou a ser interessado na casa; depois morreu o Costa, e Campos chamou um sócio de fora, um capitalista, e ficou sendo a principal figura da firma.”¹⁸⁸ O aparecimento dessa figura é um excelente exemplo das mudanças que ocorriam no contexto urbano do Rio de Janeiro no século XIX, com a adaptação da cidade à hábitos capitalistas. Campos era tido como um

¹⁸⁵ BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e informação cultural, divisão de editoração, 1992, p.112.

¹⁸⁶ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 29.

¹⁸⁷ AZEVEDO, Aluísio. Op.cit. nota 186. p.34.

¹⁸⁸ AZEVEDO, Aluísio. Op.cit. nota 186. p. 33.

“homem de vistas largas e espírito adiantado”¹⁸⁹ o que demonstra a admiração por seu comportamento antenado no que se refere as novidades da modernidade.

Campos gostava de acompanhar as novas tecnologias e leituras do momento como Figuiier, Flammariom e Julio Verner. Portanto estava por dentro de tendências recentes no que tange às descobertas da ciência, ou do que se queria ciência naquele momento, como as teorias sociológicas, as premissas racialistas e estudos de astronomia. Apesar desse interesse por temas atuais, o personagem se aborrecia da literatura dos “verdadeiros mestres” devido aos “rigorismos da forma”. Esse desconforto ia ao encontro da aceleração da modernidade, em um momento em que a literatura estava cada vez mais relacionada ao mercado e por tanto mais preocupada com a aceitação do público. Nesse período, os folhetins faziam sucesso, sua escrita mais jornalística e de fácil compreensão e seu formato rápido condiziam com a aceleração abordada por Benjamim e Sussekind, comentada no capítulo 1.

Para estar atualizado nesse mundo capitalista que surgia, era preciso consumir, ter capital para manter sua casa em dia com o surgimento das novidades. Essa constante aquisição de produtos tecnológicos era importante para manutenção da imagem de Campos como homem adiantado de espírito e despertava os olhares da população para ele. Apesar disso, o livro não destaca a preocupação do personagem com isso. Seu prazer era em ter acesso às novidades, e falar a todos a respeito de sua grande utilidade e benefícios. Nota-se neste trecho a crescente valorização da cultura do consumo:

Procurava todo dia enriquecer os trens da sua casa, já comprando umas jardineiras, que lhe chamaram atenção em tal rua; já trazendo uma estatueta, um quadro, uma nova máquina de fazer sorvetes, ou um sistema aperfeiçoado para esta ou aquela utilidade doméstica. Gostava que em sua casa houvesse um pouco de tudo. Não aparecia por aí qualquer novidade, qualquer novo aparelho de bater ovos, gelar vinho, regar plantas, que o Campos não fosse um dos primeiros a experimentar.¹⁹⁰

Ao analisar esses trechos, percebemos que esse consumo era incentivado por algumas variáveis, não apenas o desejo de consumir, mas também a modernização dos meios de produção, que permitia a popularização acelerada em larga escala dos novos produtos. Ao pensar em toda a contextualização do capítulo anterior, é possível entender que essa emergente cultura do consumo foi encorajada por fatores que se desenvolviam em conjunto.

A Revolução Industrial e o desenvolvimento da ciência desencadeavam vários processos interligados. A ciência era aplicada às novas invenções, novos produtos eram criados e meios de produzi-los mais rápido e em maior quantidade eram desenvolvidos, barateando o custo e facilitando os processos. Aliado a isso, o desenvolvimento dos

¹⁸⁹ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 32.

¹⁹⁰ *Ibidem*, p. 33-34.

transportes, dos meios de comunicação e da propaganda que facilitavam respectivamente a distribuição das mercadorias, a circulação de informações e a criação de novas necessidades. Campos cumpria bem esse papel de encorajar a necessidade das novas tecnologias na obra *Casa de Pensão*:

A mulher, às vezes, já se ria quando ele entrava da rua abraçando um embrulho. – Que foi que se inventou?... – perguntava com uma pontinha de mofa. O marido não fazia esperar a justificação do seu novo aparelho, e, tal, interesse punha em jogo, que parecia tratar de uma obra própria, de cujo sucesso dependesse sua felicidade. E, logo que encontrasse algum amigo, não deixava de falar nisso; gabava-se da compra que fizera, encarecia a utilidade do objeto e aconselhava a todos que comprassem um igual.¹⁹¹

Além dessas considerações, o crescimento urbano e a aglomeração populacional ocasionada, entre outros fatores, pelo aumento dos fluxos migratórios advindos das áreas do café do Rio de Janeiro e pela entrada de estrangeiros através do porto, aumentavam não só a oferta de mão de obra para a cidade, mas também o mercado consumidor. É importante destacar que grande parte desse fluxo permanecia no Rio de Janeiro devido às maiores oportunidades de trabalho.¹⁹²

Os caixeiros de Campos demonstram o crescimento do trabalho livre ao longo do século XIX. No Rio de Janeiro de *Casa de Pensão*, os caixeiros de Campos são trabalhadores livres, nota-se pelo tratamento dispensado a eles: “Os caixeiros falavam com orgulho dessa generosidade e faziam em geral boa ausência do patrão, [...]”¹⁹³

Os caixeiros dormiam no primeiro andar da casa como citado acima, e compartilhavam do momento das refeições com a família do negociante, apesar das mesas separadas: “A mesa era no andar de cima. Faziam-se duas: uma para o dono da casa, a família, o guarda livros e hóspedes, se os havia, o que era frequente; e a outra só para os caixeiros, que subiam ao número de cinco ou seis.”¹⁹⁴

A proliferação de produtos abordada anteriormente encaixava-se como uma luva em uma sociedade burguesa em formação, sequiosa por sair da marginalidade dos trópicos e entrar no mundo da civilização europeia. O Rio de Janeiro era o principal mercado de consumo de produtos importados durante o século XIX.¹⁹⁵

A propaganda, junto à valorização das figuras e das imagens como destacado por Sussekind, ganhavam um papel fundamental na proliferação da cultura do consumo. Apenas

¹⁹¹ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 34.

¹⁹² CARVALHO, Lia de Aquino. Contribuição aos estudos das habitações populares. Secretaria municipal de cultura. Divisão de editoração c/DGDI. Rio de Janeiro. 1995, p. 120.

¹⁹³ AZEVEDO, Aluísio. Op.cit.nota192, p. 32.

¹⁹⁴ Ibidem, p. 31-32.

¹⁹⁵ CARVALHO, Lia de Aquino. Op.cit., p. 118.

um ano antes do surgimento da Questão Capistrano, apareceram os primeiros anúncios ilustrados na revista *O Mequetrefe* em 1875. Como comentado no capítulo 1, Aluísio viveu esse momento e colaborou para *O Mequetrefe* como chargista, o que nos possibilita situar o tema do consumismo em sua obra.¹⁹⁶

O personagem Campos talvez seja um dos que melhor representa o homem da modernidade brasileira. É admirado na sociedade não por nascimento em família nobre ou por cargo político. Um cearense que aprendeu a ser negociante veio para o Rio e foi crescendo por meio de seu trabalho até tornar-se proprietário do negócio de seus patrões e chamar um capitalista para sócio.

A questão das sociedades também é importante no que tange à reestruturação da cidade do Rio de Janeiro que aos poucos caminhava para um processo de industrialização, e superação de sua fase comercial.¹⁹⁷ Embora até meados do século XIX suas principais atividades industriais fossem manufaturas de caráter familiar.

Carvalho explica que a abolição do tráfico de escravos (1850) redirecionou os investimentos. A combinação desses novos investimentos, junto ao crescimento do emprego assalariado, estruturação de serviços urbanos, multiplicação do sistema bancário e das sociedades justificaram o primeiro “surto manufatureiro” que ocorreu no século XIX no Rio de Janeiro e sua gradual industrialização, em finais do século XIX.¹⁹⁸

A partir de 1840, com o aparecimento do ônibus, inicia-se uma nova etapa no crescimento da cidade. Ônibus nesse contexto era um veículo de tração animal, quatro rodas e dois andares que comportava em torno de 20 pessoas. Esse transporte que facilitava a locomoção de uma quantidade razoável de pessoas encorajou a expansão da cidade para outras partes como Pequeno (Tijuca), Andaraí, Caju e Pedregulho, e viabilizava o Projeto da Cidade Nova, cuja criação configurava com D. João a primeira tentativa concreta de expansão.¹⁹⁹ Um dos personagens de Aluísio, o tísico, hóspede da casa de pensão realizava passeios pela Tijuca apesar de morar na Rua do Resende.²⁰⁰

Destaca-se a relação entre a expansão urbana e o desenvolvimento dos meios de transporte: “O n.º 7 era de um pobre rapaz português; doente: vivia embrulhado em uma manta de lã, por cima do sobretudo, e saía todas as manhãs a passeio pelas bandas da

¹⁹⁶ Ramos, Ricardo. 1985 apud SUSSEKIND, Flora. Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização do Brasil. São Paulo. Ed. Companhia das letras, 1987, p. 62.

¹⁹⁷ CARVALHO, Lia de Aquino. Contribuição aos estudos das habitações populares. Secretaria municipal de cultura. Divisão de editoração c/DGDI. Rio de Janeiro. 1995, p. 125.

¹⁹⁸ Ibidem, p.120.

¹⁹⁹ ROCHA, Oswaldo Porto. A era das demolições: Cidade do Rio de Janeiro: 1870-1920. Secretaria municipal de cultura. Divisão de editoração c/DGDI. Rio de Janeiro. 1995, p. 28.

²⁰⁰ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 111.

Tijuca.”²⁰¹ Em 1866, sob a iniciativa do Barão de Mauá, inaugurou-se uma linha de bondes, a princípio puxados por animais que transportavam cerca de trinta pessoas. Em 1870, o Rio de Janeiro já contava com, trens e bondes. A primeira linha de bondes elétricos tenha sido inaugurada somente em 1891, a linha do Flamengo.²⁰² É possível encontrar os bondes no Rio de Janeiro descritos por Aluísio: “Os bondes passavam cheios de empregados públicos; viam-se amas-de-leite acompanhando os bebês; senhoras que voltavam do banho de mar, o cabelo solto, uma toalha ao ombro.”²⁰³

Apesar de importantes nesse processo de expansão da cidade, os bondes circulavam em áreas que já possuíam urbanização desde o começo do século. Já os trens foram de suma importância para a expansão da população para as freguesias mais distantes. Foi inaugurado em 1858 o primeiro trecho da Estrada de Ferro Dom Pedro II, ligando a freguesia de Santana a Queimados. Nesse mesmo ano, foram inauguradas as estações de Cascadura e Engenho Novo e de Maxambomba, e no ano seguinte as estações de São Cristóvão e Sapopenha (atual Deodoro) e, em 1861, foi inaugurada a de São Francisco Xavier.²⁰⁴ Essas mudanças estão presentes na obra de Aluísio. O personagem Coqueiro de Casa de Pensão arranhou um emprego na estrada de ferro de D. Pedro II. O personagem era estudante da Politécnica, que foi criada, justamente, visando cobrir a falta de mão-de-obra especializada, necessária às obras da capital. A própria construção da estrada de ferro Central do Brasil (a estrada de D. Pedro II) contava com pouquíssimo pessoal especializado, e chegou a precisar trazer técnicos de engenheiros da Inglaterra.²⁰⁵

Outras mudanças eram notáveis no Rio de Janeiro do último terço do século XIX. O personagem Campos acompanhava as teorias científicas, acumulava capital através do trabalho, se atualizava sobre novas tecnologias, disseminava o consumismo através de sua influência e elogios com relação a essas novidades e não tinha paciência para uma literatura extremamente preocupada com a forma. Além disso, mais uma característica de Campos testemunha o século em que vivia. O consumismo também era incentivado pelo discurso médico. Na mesma página do jornal *Gazeta de Notícias*, onde é narrado o assassinato de João Capistrano, encontra-se o seguinte alerta: “Aviso. – Previnam-se. – As camas e colchões de tecido e elástico de arame, privilegiadas pelo governo e recomendadas pela junta de higiene

²⁰¹ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 111.

²⁰² ROCHA, Oswaldo Porto. *A era das demolições: Cidade do Rio de Janeiro: 1870-1920*. Secretaria municipal de cultura. Divisão de editoração c/DGDI. Rio de Janeiro. 1995, p. 29- 33.

²⁰³ AZEVEDO, Aluísio. Op.cit., nota 201, p. 128.

²⁰⁴ ABREU, M.A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, IPP, 2013, p. 50.

²⁰⁵ ROCHA, Oswaldo Porto. Op.cit. nota 202, p.42.

como as mais convenientes para o nosso clima, fabricam-se a rua de Santa luzia n. 55.”²⁰⁶ Esse tipo de abordagem encorajava uma preocupação em se adequar, não somente pelo prazer de possuir os produtos em alta, mas pelo medo das doenças. O medo das doenças atrelado a um discurso como o do jornal, torna quase obrigatória a aquisição dos novos produtos.²⁰⁷

Campos valorizava a limpeza de si mesmo e de sua casa, além disso, era sóbrio nos costumes, não era preguiçoso, não era dado aos excessos na hora da comida. Além do mais, não tinha vícios, o que demonstra grande autocontrole e disciplina, deixando de lado o espontâneo e privilegiando o direcionado: [...] “Luís Campos, cuja sobriedade nos gestos e costumes, cuja discrição nos termos, cujo aspecto repreensivo e pedagógico de mentor faziam-no já perfeitamente insuportável ao estudante.”²⁰⁸

Luís Campos era homem ativo, caprichoso em pontos de honra; quer se tratasse de sua individualidade privada, quer sua responsabilidade comercial. Não descia nunca ao armazém, ou simplesmente ao escritório, sem estar bem limpo e reparado. Caprichava no asseio do corpo: as unhas, os cabelos e dentes mereciam-lhe bons desvelos e atenções.²⁰⁹

A questão do aumento da população urbana devido aos fluxos migratórios, oriundos de estrangeiros através do porto, e a aglomeração no centro devido a maior oferta de trabalho, desencadearam o problema das moradias. Segundo Carvalho, “As novas direções de urbanização surgidas no decorrer do século XIX” estavam ligadas às transformações socioeconômicas da cidade.²¹⁰

A presença do imigrante é forte no Rio de Janeiro descrito por Aluísio, especialmente portugueses; os franceses e italianos também aparecem, porém com menor frequência. Desde o início da obra, notam-se os portugueses. O negócio de Campos antes pertencente aos Garcia e Costa, denuncia à origem dos proprietários com seu estilo português, uma rapariga que o personagem Amâncio diz parecer portuguesa, em outro momento, uma menina italiana que pedia dinheiro na rua, também um dos hóspedes, o tísico, é português, e outra hóspede, a mulher que trabalhava na Notre Dame é francesa.²¹¹

Quanto aos franceses, temos o exemplo de Mme. Brizard, a dona da casa de pensão que antes de se tornar viúva era casada também com um francês de nome Hipólito. Ela e o marido vieram para o Brasil devido à perseguição política: “Aí lhe apareceu então Mr.

²⁰⁶ Gazeta de Notícias. 1 de Dezembro de 1876, p. 1.

²⁰⁷ BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e informação cultural, divisão de editoração, 1992, passim.

²⁰⁸ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 59.

²⁰⁹ Ibidem, p. 32.

²¹⁰ CARVALHO, Lia de Aquino. Contribuição aos estudos das habitações populares. Secretaria municipal de cultura. Divisão de editoração c/DGDI. Rio de Janeiro. 1995, p. 128.

²¹¹ AZEVEDO, Aluísio. Op.cit., nota 208, passim, p. 33, 59, 62, 78 e 111.

Brizard, homem de talento, político e escritor, grande republicano. A subida de Luís Felipe ao trono atirou com ele ao Brasil, onde se fez hoteleiro.”²¹²

Além dos estrangeiros, o livro cita alguns provincianos que vieram morar na Corte. Campos era cearense, residira no Maranhão e passou a cuidar de um negócio português no Rio de Janeiro, Paiva que havia estudado com Amâncio no Maranhão e o próprio Amâncio que nasceu no Maranhão.

Era necessária no Rio de Janeiro uma reestruturação do espaço urbano que acompanhasse o processo de expansão da cidade e de incremento de atividades comerciais e industriais. O aumento da busca por moradia era maior do que a cidade poderia oferecer, o que ocasionou um “desequilíbrio no setor habitacional que afetaria diretamente as populações de baixa renda”. Esse desequilíbrio impactou a qualidade das habitações das populações de baixa renda que habitavam em moradias coletivas.²¹³

Apesar de alguns hóspedes ilustres que a casa de pensão recebia: “A casa de Mme. Brizard estava então em seu apogeu; de todos os lados choviam hóspedes, entre os quais se notavam pessoas de importância.”²¹⁴ Outros hóspedes eram testemunhas do problema de habitação do Rio de Janeiro. O livro de Aluísio descreve a dificuldade de alguns hóspedes para manter-se na casa de pensão, e descreve o seu empenho em trabalhar muito para garantir a subsistência:

No segundo andar morava o Fontes: – Não era mau sujeito, coitado! Fora infeliz nos negócios: quebrara havia dois anos e ainda não tinha conseguido levantar a cabeça. [...] Paga pontualmente as suas despesas, mas é um “unha-de-fome”, regateia muito, chora – vintém por vintém – o dinheiro que lhe sai das mãos! [...] Vende essas miudezas pelas casas particulares, e dizem que faz negócio. A mulher, uma francesa coxa, é empregada em *Notre Dame* e só vem a casa para dormir.²¹⁵

Notre Dame era uma loja de moda na Rua do Ouvidor.²¹⁶ O trabalho livre já se tornava cada vez mais comum, e a ascensão financeira por meio dele era vista como uma possibilidade:

Até já tinha projetos, já tinha suas ideias sobre a instalação da casa!... Sentia-se disposta a trabalhar por vinte!... Coqueiro havia de ver! Seu estabelecimento seria uma casa de pensão modelo! Coisa pra dar “uma fortuna e render a Amelinha um bom casamento. – Um casamentão!” Ah! Ela, a francesa, sabia perfeitamente como tudo isso se arranjava no Brasil.”²¹⁷

²¹² AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 92.

²¹³ CARVALHO, Lia de Aquino. Contribuição aos estudos das habitações populares. Secretaria municipal de cultura. Divisão de editoração c/DGDI. Rio de Janeiro. 1995, p. 132-133.

²¹⁴ AZEVEDO, Aluísio. Op.cit., nota 212, p. 96.

²¹⁵ Ibidem, p.110.

²¹⁶ MACEDO, Joaquim, Manuel. Memórias da Rua do Ouvidor. Brasília: Editora do Senado, 2005. Disponível em < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000158.pdf> >. Acesso em 04.01.2020.

²¹⁷ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p.95.

O texto descreve a disposição da dona da casa de pensão em começar seu negócio e o depósito de suas esperanças de acumulação monetária no seu empenho de trabalho.

Os caixeiros de Campos também demonstram o crescimento do trabalho livre ao longo do século XIX. No Rio de Janeiro de Casa de Pensão os caixeiros de Campos são trabalhadores livres, nota-se pelo tratamento dispensado a eles. Os caixeiros dormiam no primeiro andar da casa como citado acima, e compartilhavam do momento das refeições com a família do negociante, apesar das mesas separadas.

Apesar disso havia quem não se conformasse com a necessidade de trabalhar, preferindo recorrer aos golpes que garantiriam sua vida longe do trabalho. Como exemplo disso há um casal de personagens em *Casa de Pensão*, Lúcia e Pereira que iam de hospedagem em hospedagem ficando enquanto não eram perturbados pelo atraso do pagamento das despesas:

Você é uma lesma! – Exclamou. – Põe-se a dormir desse modo, e cá fico eu com as contas!

– Que contas? – perguntou o homem esfregando os olhos pachorramente e escancarando a boca. [...] Pereira não fez caso e tornou a aninhar-se na cama, encolhendo as pernas e os braços.²¹⁸

Nesse outro trecho, o casal é expulso da casa de pensão, mudando-se para outra.

Era o número de uma outra hospedaria nas mesmas condições da que deixavam. Lúcia, que já pressupunha aquelas rápidas mudanças, tinha por cautela uma lista das principais casas de pensão da corte e, a medida que se servia de cada uma riscava-a da coleção. A do Coqueiro era no rol a sexta inutilizada com o traço enérgico de seu lápis. Entretanto, ia o Pereira silenciosamente se atufando nas almofadas e, aos balanços monótonos do carro, procurava reatar o sono interrompido.²¹⁹

Outro personagem que remete a questão dos indivíduos que detestavam a ideia do trabalho é o pai de Coqueiro: Lourenço. Este é descrito no livro como um rapaz que “apenas lhe restara além do bigode, o hábito de não fazer coisa alguma.”²²⁰

Na obra de Aluísio, também fica clara, a importância e os objetivos do personagem Amâncio no Rio de Janeiro. Embora estivesse estudando medicina, o jovem não estava preocupado e em adquirir um meio de vida, sua preocupação era alcançar uma posição social, como demonstrado no excerto:

Não se trata aqui de fazer um ‘médico’, trata-se de fazer um ‘doutor’, seja ele do que bem quiser! Não se trata de ganhar uma ‘profissão’, trata-se de obter um título. Tu não precisas de meios de vida, precisas é de uma posição na sociedade.²²¹

²¹⁸ Ibidem, p. 192.

²¹⁹ Ibidem, p. p. 211.

²²⁰ Ibidem, p. 85.

²²¹ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Ed. Escala Educacional, 2006.

Para outros personagens do livro, no entanto, a formação de nível superior era sim um meio de obter uma profissão, como Coqueiro que via o seu futuro na Politécnica, e ficara triste por ter de abandoná-la para trabalhar na estrada de ferro quase sem possibilidade de ascensão. Na obra *Casa de Pensão* é possível verificar a mudança de nome da escola Politécnica. O personagem João Coqueiro matriculou-se na escola central, e depois o livro passa a mencioná-la como Politécnica.²²² Há alguns trechos onde os estudantes da Politécnica são citados, como é o caso do encontro de Amâncio com um comprovinciano Paiva, que também estudava na Politécnica.

Essa mudança no livro replica o que de fato ocorreu. Em 1858, o imperador, inspirado na *École Centrale des Artes et Manufactures de Paris*, desmembrou a Academia Real Militar em Escola Central e Escola Militar de Aplicação do Exército, sendo a primeira transformada em Escola Politécnica em 1874, também inspirada na escola francesa *Polithécnie* e passando esta do Ministério da Guerra ao Ministério do Império.²²³

A escola Politécnica teve um papel importante na questão das epidemias do Rio de Janeiro. Dela surgiu o Clube de Engenharia, associação que muito se engajou nos problemas de doença da cidade.²²⁴

2.3. Um Rio de Janeiro doente

Desde meados do século XIX o Rio de Janeiro era assolado pelas epidemias, como citado no capítulo 1. Em 1850, após a epidemia de febre amarela, o Rio entrava numa fase que modificaria mais do que o seu aspecto sanitário. A medicina social institucionalizava-se buscando a prevenção, no ambiente, e na sociedade, ao passo que o conhecimento médico ganhava reconhecimento em detrimento das práticas populares.²²⁵

Ainda na mesma página de jornal em que a morte de João Capistrano foi narrada, encontra-se um informe intitulado “Febre Amarela” que apresentava o relato de que o presidente da província de Alagoas recebeu comissões da câmara municipal. A febre amarela já havia feito 19 vítimas e estava “grassando com alguma intensidade” no distrito Casa

²²² Ibidem, p. 61.

²²³ AZEVEDO, André Nunes de. *A grande reforma urbana do Rio de Janeiro: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso*. Rio de Janeiro. Ed. PUC-RIO, 2016.

²²⁴ AZEVEDO, Aluísio. Op.cit., nota 221. p. 194.

²²⁵ BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e informação cultural, divisão de editoração, 1992, p. 112-113.

Branca.²²⁶ Essas notícias nas mesmas páginas onde a Questão Capistrano era tratada, auxiliam na compreensão do que a população lia naquele momento. A obra de Aluísio tende a englobar não só a Questão Capistrano, pois apesar de utilizar o caso como base, a sua matéria prima é a vida em uma sociedade que mudava. Através da observação do que estava a sua volta ele concebeu seu trabalho. Dessa forma, o autor ofereceu ao leitor, através de sua ficção, um panorama, certamente rico e inventivo, de seu contexto.

Neste trecho da obra *Casa de pensão* é possível observar que essas questões sanitárias já faziam parte do cotidiano da população, como podemos notar nesse fragmento do livro:

Falando sobre o preço alto e a falsificação dos alimentos “O *gentleman* reclamava uma junta de higiene, rigorosa, que mandasse lançar a praia todos os gêneros deteriorados que encontrasse. “Era assim que faziam na Europa!”²²⁷

Em 1850, foi criada a Junta de Higiene Pública demarcando a institucionalização da medicina social, que baseava-se na prevenção e tinha dentre as suas preocupações a questão da integridade do alimento e da qualidade do ar.²²⁸

Esse discurso infiltrou-se no senso comum das camadas dominantes e das camadas médias, culturalmente subalternas, que nos anos 70 já constituíam uma influente “opinião pública”, favorável a todo tipo de melhoramento que transformasse a capital do império numa metrópole salubre e moderna.²²⁹

A cidade do Rio vinha passando por uma série de problemas sanitários, como epidemias de febre amarela, tuberculose e Varíola. O tema das doenças aparece algumas vezes em *Casa de Pensão*. Neste trecho os personagens da casa querem aproveitar do momento de fragilidade de Amâncio que se encontra doente. Eles pretendiam fazer com que Amelinha conquistasse o rapaz através de seus cuidados: “Minha filha, nem sempre há cataporas!”²³⁰ Depois, neste outro trecho, a menina recobre o doente de cuidados e carinhos, diferente dos outros hóspedes que partiram em retirada com medo de contrair a doença de Amâncio: “[...] seu rostinho, mimoso e fresco como um jambo, não se contraía ao fartum insalubre das varioloides.”²³¹ Varioloide seria uma forma, mais branda da Varíola.²³² A

²²⁶ *Gazeta de Notícias*. 1 de Dezembro de 1876, p. 1.

²²⁷ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 123.

²²⁸ BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e informação cultural, divisão de editoração, 1992, passim. p. 114, 115 e 117.

²²⁹ *Ibidem*. passim. p. 118.

²³⁰ AZEVEDO, Aluísio. *Op.cit.*, nota 227.p. 191.

²³¹ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 194.

²³² Sigaud, 1827 apud FERNADES, Tania Maria. Imunização antivariólica no século XIX no Brasil: inoculação, variolização, vacina e revacinação. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 2. 2003, p. 463.

varíola e a catapora foram confundidas, alguns médicos defendiam que era a mesma moléstia, porém, com intensidade diferente de menor duração e sem os sintomas assustadores da varíola.²³³

Para André Azevedo, os engenheiros buscavam, através da criação do Clube de Engenharia, afirmar sua importância perante o Estado. Eles viram no cenário de epidemias uma oportunidade de se mostrarem como indispensáveis para a higienização da cidade, eles procuravam demonstrar que os médicos eram capazes de diagnosticar os problemas da cidade, porém eles é que poderiam, de fato, resolvê-los. Com efeito, até mesmo o próprio entendimento da importância do saneamento e da sua relação com as doenças adivinha da ideia de uma engenharia moderna²³⁴ que passara a ser uma preocupação básica em outros países.²³⁵

Em sua pesquisa Benchimol, destaca, em meados do século XIX, o relato de agentes responsáveis pela fiscalização da ordenação da cidade, como fiscais e oficiais de polícia que relacionavam a falta de higiene das habitações coletivas, como cortiços, a epidemias como o cólera-morbo e a febre amarela.²³⁶ O autor demonstra que a medicina social responsabilizava a desordem urbana não só pela degradação física mas também moral da população.²³⁷

Como já citado, Aluísio escreveu uma apresentação para sua obra quando a publicou em folhetim. Nessa apresentação fica claro o objetivo de Aluísio em abordar um tema em voga, que fazia parte da realidade da população naquele momento. Ele explica que seu objetivo é demonstrar o que acontece em uma casa de pensão. Assim como a opinião pública, ele entende a habitação coletiva como algo que gera a degradação humana. O autor se refere às casas de pensão como uma doença, demonstrando a relação que ele acreditava existir entre a habitação coletiva e saúde, não só física, mas também moral: “Desejo exhibir toda a hediondez dessa existência artificial e hipócrita, que corrompe nossa sociedade, como uma moléstia secreta e inconfessável corrompe o organismo humano.”²³⁸

As descobertas da medicina, assim como sua legitimação por meio dos métodos “científicos” são notáveis na obra *Casa de Pensão*. Um dos trechos do livro traz um

²³³FERNADES, Tania Maria. Imunização antivariólica no século XIX no Brasil: inoculação, variolização, vacina e revacinação. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 2. 2003, p. 446.

²³⁴ Adotamos a definição de Azevedo (2016, p.67) em que “Moderno é entendido como o que é atual.”

²³⁵ AZEVEDO, André Nunes de. *A grande reforma urbana do Rio de Janeiro*: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso. Rio de Janeiro. Ed. PUC-RIO, 2016, p. 64-65.

²³⁶ BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e informação cultural, divisão de editoração, 1992, p. 128-129.

²³⁷ *Ibidem*, p. 116.

²³⁸ *A Folha Nova*. Folhetim: Casa de Pensão. 1883. p.

personagem, hóspede da casa de pensão, que aconselhara os banhos de mar para a filha de Mme. Brizard que sofria de histeria. Ele a aconselha a tomar banhos de mar, e após ouvir que tal recomendação não surtira efeito, ele acha muito estranho, e cita Durand Fardel, autor de obras relacionadas ao cérebro. “É estranho, porque, segundo Durand Fardel, não há enfermidades nervosas que resistam a um bom regime de banhos marítimos”²³⁹. Maximine Durand Fardel estudava as águas de Vichy, seu trabalho foi comparado ao de outros estudiosos do tema e publicado em um volume no ano de 1875.²⁴⁰

Em um compilado de estudos médicos datado de 1848 encontramos algumas conclusões de Fardel sobre congestão cerebral.²⁴¹ No mesmo estudo há considerações de alguns estudiosos sobre a histeria: “Essa excitabilidade indevida do sistema nervoso é uma das características mais importantes do distúrbio que, por falta de um nome melhor, denominamos histeria.”²⁴²

De acordo com Mme. Brizard, mãe da personagem Nini, ela teria começado a dar sinais da enfermidade após a morte de seu marido e filho. Segundo ela, a menina “tinha o gênio mais alegre deste mundo” e depois esses eventos mudou muito, tinha exigências e caprichos de uma criança e tinha crises e ataques caso fosse contrariada.²⁴³

Os apontamentos encontrados em um dos estudos sobre histeria demonstram a associação entre a doença e as populações marginalizadas e mais uma vez a questão moral vem associada a doenças. De acordo com esse estudo, a histeria atacava frequentemente as classes pobres e miseráveis, era rara em homens e poderia ser determinada por causas morais ou físicas. O estudo afirma que o caminho para a cura da doença estava na melhoria das condições higiênicas, sendo a falta de higiene quase sempre a causa da enfermidade.²⁴⁴

O tema das doenças teve bastante espaço na trama de Aluísio. Nesse trecho de seu livro o autor ressalta o medo da população com relação às doenças:

A casa de pensão de Mme. Brizard sofreu muito com as varioloides de Amâncio. Desmanavam-se hóspedes que era uma coisa por demais. O *gentleman*, o piloto e a pérola do n.º 9 “o estimável Melinho” desde a fatal noite das cataporas, não davam notícias. [...] apenas seis hóspedes restaram dos primitivos.

²³⁹ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 117.

²⁴⁰ FARDEL, Durand. *Medical Study on the mineral waters*. 1875.

²⁴¹ Idem. *On cerebral Congestion in relation to hemorrhage and ramollissement of the brain*. In *British and Foreign Medico-chirurgical Review*, Volume 2. 1848, p. 540.

²⁴² Tradução nossa. This undue excitability of the nervous system is one of the most prominent features of the disorder which, for want of a better name, we term hysteria.

²⁴³ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 116-117.

²⁴⁴ FORGET, Prof. On hysteria. In *British and Foreign Medico-chirurgical Review*, Volume 2. 1848, p. 536.

Era compreensível que houvesse tal pensamento em fins do século XIX. Uma hospedaria foi o ponto de partida da primeira grande epidemia de febre amarela no Rio de Janeiro.

Adoeceram quase todos os seus inquilinos e os moradores de duas estalagens próximas. Quando em fevereiro de 1850, a Academia Imperial de Medicina, depois de alguma relutância, admitiu a existência da febre amarela na capital [...].²⁴⁵

O quadro da dispersão de doenças aparece novamente muitas vezes no Rio de Janeiro do livro *Casa de Pensão*; entre outros exemplos há um personagem tuberculoso, que se hospeda na mesma pensão de Amâncio e que está prestes a morrer. “O tísico do n.º 7 há dias esperava o seu momento de morrer, estendido na cama, os olhos cravados no ar, a boca muito aberta, porque já lhe ia faltando o folego.”²⁴⁶

Há uma descrição minuciosa de sua morte no livro que ajuda a entender o pavor que doenças como a tuberculose causava: “Estava horrível. Queria erguer-se, e em vão agitava as pernas e os braços.” “[...] Os membros do tísico pareciam quebrar-se-lhe nas mãos, que escorregavam com a gordura fria do suor, e no soalho manchas de umidade desdenhavam-lhe já o feitio do corpo.” Neste outro trecho, o autor se refere ao rapaz como esqueleto, demonstrando qual terrível era o estado do doente: “Fez um movimento para sair; mas o esqueleto agarrou-lhe violentamente os pulsos e pediu-lhe com uns vagidos dolores que ficasse”²⁴⁷

Entendendo a medicina social como aquela que focava em prevenção e ordenação urbana, é interessante perceber o quanto ela entrava em vários âmbitos da sociedade. Regular o crescimento urbano e ditar normas para as construções significava também entrar nas casas, portanto, alterar relações sociais conectadas às disposições da casa. A entrada dessa medicina de prevenção na casa é muito importante, pois ela impõe novas normas, sugerindo novas concepções que atravessam o cotidiano familiar e modificam não só o aspecto físico. A mulher é encorajada a sair de seu confinamento, as casas passam ser mais planejadas, priorizando a ventilação, e até mesmo a relação com os escravos sofre interferência:

Investindo contra o especulador e também contra os mestres de obras, em geral portugueses, os médicos pontificaram sobre o lugar mais adequado para a construção das casas, seus materiais e equipamentos, a disposição interna apropriada

²⁴⁵ BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e informação cultural, divisão de editoração, 1992, p.113.

²⁴⁶ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Ed. Escala Educacional, 2006, p.172.

²⁴⁷ AZEVEDO, Aluísio. Op.cit. nota 247.p. 224.

para os cômodos, fixando minuciosamente a quantidade de ar e luz que o indivíduo necessitava respirar.²⁴⁸

Em uma cena do livro *Casa de Pensão*, o personagem Coqueiro chama um empreiteiro para a reforma de sua casa, pois gostaria de transformar o velho prédio na Rua do Rezende em uma pensão, depois de reformada. A descrição que o autor faz da casa demonstra a valorização da ventilação, do tamanho e da xácara ao fundo. Esses trechos demonstram a importância das janelas: “Três largas janelas de sacada, guarnecidas de cortinas brancas, davam para rua; [...] imediato à sala, com uma janela igual aquelas outras, havia um gabinete cumprido e muito estreito.”²⁴⁹

Já nesse outro trecho, a chácara é valorizada: “ – Olha. Isto é como vês! – dizia o proprietário. – Boa sombra, caramanchões de maracujá, flores, sossego!... Bom lugar para estudo! E vai até o fundo. Vem ver!”²⁵⁰

Além das descrições da construção da casa em si, o asseio da pensão e a qualidade dos alimentos servidos são trazidas à tona, e a limpeza da casa de pensão é comparada a república dos estudantes onde Amâncio passara a noite anterior e cujo estado era de total desmazelo e despreocupação com a higiene: “[...] a pandega da véspera, tudo isso dava aquela caminha fresca, de lençóis limpos, um encanto superior ao que houvesse de melhor no mundo.”²⁵¹

Além da casa de pensão, outra menção ao estilo de casa e a limpeza são encontrados na descrição da casa de Campos. Aluísio critica o estilo português do sobrado, e atribui a sua falta de “gosto” ao fato de ser antigo: “A casa de Luís Campos era na Rua direita. Um desses casarões do tempo antigo, quadrados e sem gosto, cujo ar severo e recolhido está a dizer no seu silêncio os rigores do velho comércio português.”²⁵²

Nesse casarão estava tanto o trabalho como a moradia de Campos e dos caixeiros: “Compunha-se do vasto armazém ao rés-do-chão, e mais dois andares; no primeiro dos quais estava o escritório e a noite aboletavam-se os caixeiros, e no segundo andar morava o negociante com a mulher [...]”²⁵³

Apesar das críticas às disposições do casarão, a descrição da casa no que se refere ao asseio é positiva e minuciosa, especialmente no que tange ao segundo andar, onde o

²⁴⁸ BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e informação cultural, divisão de editoração, 1992, p. 118.

²⁴⁹ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 95 e 97.

²⁵⁰ *Ibidem*, p. 109.

²⁵¹ *Ibidem*, p. 127.

²⁵² *Ibidem*, p. 31.

²⁵³ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 31.

negociante morava com a esposa e a cunhada. Essa descrição demonstra a valorização dessa característica:

O segundo andar vivia, pois, num brinco; nem um escarro seco no chão. Os móveis luziam, como se tivessem chegado na véspera da casa do marceneiro; as roupas da cama eram de uma brancura fresca e cheirosa; não havia teias de aranhas nos tetos ou nos candeeiros e os globos de vidro não apresentavam sequer a nodosa de uma mosca. Campos sentiu-se bem no meio dessa ordem, desse método.

O cuidado da limpeza da casa era atribuído a Hortência mulher de Luís Campos, “muito amiga de poupar, muito presa aos interesses do marido, e limpa “limpa que fazia gosto”!”²⁵⁴ O sucesso de Campos era em parte atribuído a esse ambiente de ordem e limpeza: “Campos depois do casamento, principiou a prosperar de um modo assombroso”²⁵⁵

Essa conexão entre ordem e sucesso também aparece no conselho de Coqueiro ao colega Amâncio, nota-se a valorização do trabalho e do método. Coqueiro tenta convencer o amigo de que uma vida boemia não é o melhor caminho:

E olhe, se quer aceitar um conselho de amigo, case-se! Não há melhor vidinha! Estou casado a três anos e ainda não tive um segundo de arrependimento!... Ao menos conserva-se a saúde, desenvolve-se o espírito e trabalha-se mais... O método homem! O método é o segredo da existência! E puxando a cadeira para mais perto de Amâncio falou-lhe em voz baixa. Que no Rio de Janeiro era preciso ter um amigo sincero, não que “primasse nos menus”, mas que fosse capaz, que tivesse imputabilidade moral! – Amâncio estava defronte de duas entradas; uma que conduzia a verdadeira felicidade e outra que conduzia a desordem, ao vício e a completa desmoralização! Que não se deixasse levar pelos pândegos!...²⁵⁶

O personagem citado é estudante da Politécnica, o que poderia explicar sua valorização do método, pois é dessa escola que surgem “as bases do Clube de Engenharia” que, em 1887, iriam começar a estudar a viabilidade das propostas do relatório da Inspeção Geral de Higiene. Essa valorização da ordem aparecia muito nesse período do século XIX. A medicina social reforçava isso, ao criticar o desenvolvimento espontâneo da cidade. No caso da família, segundo Benchimol: “O processo de urbanização e o conjunto de transformações desencadeadas em meados do século passado tornaram a mulher colonial um anacronismo. A corte e os negócios retiraram-na da alcova e a atraíram para os salões e para as ruas”²⁵⁷.

No trecho a seguir do livro *Casa de Pensão* aparecem uma homem e uma mulher casados que estão em um salão no Rio de Janeiro. No trecho é possível perceber a dificuldade do marido em aceitar algumas características impostas pela modernidade que aparecia cada

²⁵⁴ Ibidem, p.33.

²⁵⁵ Ibidem,, p. 34.

²⁵⁶ Ibidem, p. 67.

²⁵⁷ BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e informação cultural, divisão de editoração, 1992, p.120.

vez mais no Rio de Janeiro. Nessa festa, Hortência, mulher de Campos dança com Amâncio, apesar de tentar conter-se ao ser convidada, por saber que seu marido não gostava que ela valsasse. Ela diz ao estudante que valsar lhe faz mal, porém o autor revela que isso é apenas uma desculpa. Por fim ela cede e esta é a reação do marido:

– Que loucura é esta Neném?... perguntou ele, sorrindo com seu bom ar de homem honesto. Ela sorriu também, e pediu desculpa com o olhar, – Sabes que te faz mal, para que valsas?... Hortência soltou uma risadinha de intenção e disse baixinho: – Não é o mal que me faz que te da cuidado... – Como assim? – Ora, é tu que não gostas muito de me ver valsar... – Por que te faz mal filha!... – É só por isso? Afianças que não tem outro motivo? Campos respondeu com um movimento de ombros. – Olha lá! – Olha! Que sou muito capaz de, hoje em diante, não perder mais uma só valsa!...Ele repetiu o movimento de ombros e acrescentou: – Isso é lá contigo filha; a saúde é tua faze o que entenderes, ora essa! Algumas pessoas perceberam o mau humor e riram com disfarce.²⁵⁸

No livro também aparece a mulher colonial, na figura da mãe de Amâncio no Maranhão, quando Amâncio ainda era pequeno. Neste trecho, Amâncio entra em uma briga na escola para defender a honra da mãe, que havia sido insultada no intuito de ofender Amâncio, devido a isso ele foi castigado pelo professor e depois pelo pai. Ângela muitas vezes tentava defender o menino, mas nada podia fazer contra o autoritarismo de seu marido Vasconcelos: “Só Ângela, sua adorada, sua santa mãe, a noite, ao beija-lo antes de dormir, depois de perguntar se ficara muito magoado com o castigo, segredara-lhe entre lágrimas que “ele fizera muito bem...”²⁵⁹

Essas novas concepções que atraíam a opinião pública para as questões de higiene e modificavam as relações, também iriam interferir na relação da família com escravo. Esse passa a ser visto como nocivo à saúde. As normas de higiene incluíam a retirada dos escravos do ambiente doméstico incentivando a sua substituição por trabalhadores assalariados. Dentre os problemas relacionados aos escravos, estariam as doenças, morte ou infelicidade dos filhos, que culpavam a mulher. Além da mudança de perspectiva dos homens que passavam a associar as escravas as doenças venéreas e o perigo de degeneração de seus filhos.²⁶⁰

Neste trecho do livro de Aluísio, o médico de Amâncio aconselha que ele não seja amamentado por uma escrava. Segundo ele, a escrava teria reuma²⁶¹ no sague. Vasconcelos que é um homem tradicional do Maranhão não dá ouvidos ao conselho do médico: “Esta

²⁵⁸ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 142.

²⁵⁹ Ibidem, p. 41.

²⁶⁰ COSTA, Jurandir Freire. Apud BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e informação cultural, divisão de editoração, 1992, p.120.

²⁶¹ Mais a frente Amâncio sofre com dores reumáticas e atribui ao sague da escrava, por isso entendemos que reuma refere-se a reumatismo.

mulher tem reuma no sangue – dizia ele – e o menino pode vir a sofrer para o futuro. Vasconcelos sacudiu os ombros e não quis outra ama. – O doutor que deixasse de partes!”²⁶² Mais adiante no livro, o personagem já adulto atribui a escrava a sua doença.

Logo porém, que deixou a cama, apareceram-lhe dores reumáticas na caixa do peito e nas articulações de uma das pernas. Era o sangue de sua ama-de-leite que principiava a rabear. Bem dizia outrora o médico a seu pai, quando este a encarregou de amamentar seu filho.²⁶³

A geografia da cidade é apontada também por higienistas, o seu clima quente e úmido, os morros que impediriam a circulação do ar e os pântanos produtores de “miasmas” eram citados como problemas para a manutenção da salubridade. Após a mudança do personagem Amâncio para Santa Teresa: “Os ares tonificantes de Santa Teresa produziam-lhe efeitos miraculosos.”²⁶⁴

Essa parte da obra de Aluísio é notável diante da ideia já citada no capítulo 1 de que a opinião pública fazia da questão do ar. Atribuindo aos locais mais altos um ar mais puro.

A opinião dos médicos era cada vez mais parte da formação da opinião pública. Em outra publicação do jornal *Gazeta de Notícias*, em 1877,²⁶⁵ encontram-se as recomendações do médico Carlos Costa no que se refere à alimentação das crianças. A publicação destaca-se pelo título: “Hygiene” com letras maiores do que o padrão da referida página. O texto é direcionado às mulheres, sobretudo as das famílias abastadas, pois segundo o médico as classes pobres tem na falta de recursos a justificativa para o desmazelo com a alimentação das crianças. A publicação aborda alguns pontos, onde destacam-se a advertência quanto à alimentação sem regulagem de horário, e repleta de doces, especialmente, os doces vendidos pelas escravas, questionando costumes antigos e colocando em dúvida a qualidade dos produtos vendidos por escravos:

Entretanto causa repugnância ver-se essas cocadas, pés de moleque, mães bentas, nomes que perfeitamente conheceis, xícaras em arroz de leite, os celebérrimos amendoins (mendubis como apelidam) e mil outras coisas tão inúteis e impróprias, que são vendidas igualmente, cobertas de moscas, pelas pretas velhas, [...]²⁶⁶

Nota-se também a questão da alteração de costumes tradicionais. A mulher é aconselhada a repensar os costumes antigos como o das refeições em família, que poderiam afetar a saúde das crianças:

²⁶² AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 43.

²⁶³ *Ibidem*, p. 195.

²⁶⁴ *Ibidem*, p. 237.

²⁶⁵ *Gazeta de Notícias*. 23 de Novembro de 1877, p. 2.

²⁶⁶ *Gazeta de Notícias*. 23 de Novembro de 1877, p. 2.

Por outro lado é costume entre nós, as crianças comerem a mesa com os pais; nessa prática não encontro senão desvantagens. As crianças não podem sujeitar-se as necessidades dos chefes de famílias que por suas ocupações são forçados a almoçarem cedo e a jantarem tarde.²⁶⁷

Para Benchmol²⁶⁸, a população no Brasil estava em processo de adaptação a modernidade capitalista, porém costumes enraizados como a escravidão e traços de uma cultura colonial não permitiam que esse processo se completasse. Para o autor, o discurso médico ajudou na aceleração desse processo. Este outro trecho do jornal citado, foi demonstrada a preocupação do médico em mudar a mentalidade das famílias brasileiras que resistiam a total mudança de costumes:

Compreendo que as famílias necessitadas encontrem embaraços na execução das medidas higiênicas que aconselho, por que não podem ter criadas a sua disposição, porém o mesmo não acontece aos ricos, que, na maioria, entendem seguir os antigos maus hábitos não querendo as novidades europeias.²⁶⁹

Tanto o livro *Casa de Pensão* quanto os trechos dos jornais da época corroboram as análises de Benchmol. A associação do escravo à falta de higiene e a doenças tornava desejada a substituição dele por trabalhadores livres. Por mais que muitas famílias brasileiras tivessem a Europa como matriz²⁷⁰, a pressão para o abandono de alguns costumes criava certa tensão com relação ao que vinha da Europa. O Dr. Carlos Costa tenta em sua publicação incentivar o abandono de certos costumes que ele chama de “maus hábitos” em detrimento das “novidades europeias”. O Rio de Janeiro no último terço do século XIX era uma cidade em processo. Uma cidade com uma burguesia em ascensão, mas com remanescentes coloniais. A opinião pública modificava-se paulatinamente, a modernidade capitalista englobava uma série de transformações em vários setores, esses processos não se davam todos juntos, por tanto, assim como explicitado por Abreu, como comentado²⁷¹ no capítulo 1, nesse período os dois sistemas conviviam.

No livro *Casa de Pensão* essas contradições são visíveis, e a imposição do novo também. Enquanto o médico de Amâncio aconselha que ele não seja amamentado pela

²⁶⁷ *Ibidem*, p. 2.

²⁶⁸ BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e informação cultural, divisão de editoração, 1992, *passim*.

²⁶⁹ *Gazeta de Notícias*. *Op.cit.*, nota 267, p. 2.

²⁷⁰ Esse assunto será abordado do capítulo 3.

²⁷¹ ABREU, M.A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, IPP, 2013, p. 31.

A evolução de um momento de organização social para outro, por sua vez, é função de modificações ocorridas nesses sistemas que compõem a sociedade. Essas modificações podem, decorrer do fato de a evolução diferenciada desses sistemas ter chegado a um grau de contradição insustentável, ou podendo ainda refletir um reajuste ou recomposição da estrutura anterior.

escrava, Vasconcelos não se importa, sua mentalidade é de um senhor provinciano apegado a costumes antigos. Enquanto isso Campos não só se adapta à modernidade como prega a todos as novidades do mercado, incentivando a adaptação de seus amigos. Por outro lado ver sua esposa valsando nos salões o incomoda, e ela brinca com o seu mau humor. No livro também é possível identificar um pouco do que o próprio autor pensava, ou gostaria de passar para o seu leitor. Pois é importante lembrar-se da historicidade do pensamento do escritor. No próximo capítulo, focamos um pouco mais no vir-a-ser de Aluísio, demonstrado na obra Casa de Pensão. Na tentativa de situar o leitor sobre algumas das posições do escritor em meio a esse turbilhão de novas ideias que emergem com a modernidade capitalista.

O discurso médico aparece muitas vezes no livro Casa de Pensão. Os conselhos já estavam “na ponta da língua” dos personagens que sugerem banhos de mar como indicado por Fardel e como se faz na Europa; os ares de Santa Teresa que garantiriam pronta recuperação, além da preocupação com a limpeza descrita muitas vezes, isso tudo catalisado pelo medo das doenças que assolam os personagens do livro; Amâncio se recupera de uma enfermidade e outra aparece, e com elas novos conselhos e diagnósticos que vem antes mesmo da chegada do médico.

Ao passo que a cidade cresce e se adapta à modernidade capitalista, ela exclui os que estão à margem. A industrialização e a migração atraíram trabalhadores para o centro, o desenvolvimento dos transportes encorajou o afastamento desses trabalhadores, e o discurso higienista encoraja a aversão às casas coletivas, mais uma vez tentando afastar os mesmos trabalhadores. A necessidade do mercado encorajou a libertação dos escravos, e o discurso médico encorajou a sua substituição por trabalhadores assalariados, porém com essa mudança de sistema um grande contingente que antes morava no local onde trabalhava passou a carecer de moradia.

As atenções do Dr. Carlos Costa como demonstrado no trecho do jornal, estavam direcionadas as famílias abastadas. Quanto às classes pobres, essas estavam justificadas pela impossibilidade de se adaptar. Dessa forma, o médico reconhece a dificuldade e não apresenta nenhuma solução para o problema, excluindo essa classe dos benefícios de seus conselhos. É como se fossem simplesmente apagados. Ao mesmo tempo, o médico desencoraja a compra dos produtos vendidos na rua, ou seja, ele exclui novamente essas pessoas, em destaque os “pretos e pretas de ganho”.

No livro Casa de Pensão, junto às exaltações do Rio de Janeiro e as comparações com a Europa, estão os conselhos dos personagens que alertam o provinciano da quantidade de

gatunos que habitam a cidade: “No Rio de Janeiro havia muito *artista* daquela força!”²⁷² A italiana pedindo dinheiro também demonstra a exclusão dessa população que atraída para o Rio de Janeiro sofre com a dificuldade de sobrevivência. Muitas situações que testemunham o comportamento de uma cidade que muda. Casa de Pensão demonstra essa realidade efervescida pela modernidade e que aos poucos alterava comportamentos, hábitos e valores. No próximo capítulo buscaremos focar, menos a realidade que circundava os personagens e mais aquilo que se imaginava do Rio nas três últimas décadas do século XIX.

²⁷² AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 208.

Capítulo 3 | O que há de mundo imaginado na obra *Casa de Pensão*.

Para o capítulo 3 utilizamos o mesmo esquema que nos serviu de fio condutor no capítulo 2. No presente capítulo tentamos entender o que há de mundo imaginado na obra *Casa de Pensão*. De que forma o mundo vivido pelo autor inspirou a ficção? Que expectativa de futuro era imaginada pelo autor? Como o autor expressa seu vir-a-ser em sua obra? Nesse primeiro momento da análise, procuramos por trechos que expressassem as críticas e opiniões do autor, encontradas especialmente, na narração do romance. Num segundo momento, a pesquisa se direcionou para o que há de imaginado nas falas e diálogos dos personagens. De que forma as ideias do século XIX influenciaram na percepção dos personagens a respeito do Rio? Como se deu a construção dessas percepções?

3.1. A expressão do vir-a-ser²⁷³ de Aluísio de Azevedo em sua obra

Ao analisar a obra *Casa de Pensão* observei que autor se apropria de ideias positivistas ao longo de sua obra. O que é perfeitamente compreensível, visto que o escritor dialogava com essas ideias em especial ao partilhar o pensamento republicano. A defesa do regime republicano foi um dos aspectos de correntes do pensamento positivista²⁷⁴. Muitos daqueles que faziam parte da intelectualidade brasileira compactuavam dessas ideias, criticando tanto a Igreja quanto a monarquia e suas interdependências.

Nas páginas de *O Mequetrefe*, jornal ilustrado que contou com a colaboração de Aluísio Azevedo, encontramos em uma publicação do ano de 1877 uma ilustração que segundo Almeida²⁷⁵ fora produzida por Aluísio Azevedo. Na ilustração há várias referências ao positivismo, como a atitude aparentemente desesperada de membros do clero; Auguste Comte com sua moral na mão e as mulheres que representando a ciência tocam a cabeça do povo. Esse desenho²⁷⁶ também demonstra o vir-a-ser de Aluísio, que através da inscrição século XX na representação do horizonte demonstra a sua expectativa para o século que se aproximava.

²⁷³ Termo utilizado por Sevckenko em sua obra *Literatura como missão* de 1999, e mobilizado neste trabalho desde a introdução.

²⁷⁴ GIANNOTTI, José Arthur. Comte, Auguste, 1798-1857. In: Os Pensadores. Abril S. A São Paulo, 1978, p. 277.

²⁷⁵ ALMEIDA, Rodrigo Estramanho de. Crítica, romance e positivismo em Aluísio Azevedo. In: Congresso Brasileiro de Sociologia. Curitiba, 26-29 de julho de 2011, p.3.

²⁷⁶ *O Mequetrefe*. 24 de Março de 1877, p. 4, il.

Figura 3 – Juízo Final



Fonte: *O Mequetrefe*. 24 de Março de 1877, p. 4, il.

Na página seguinte à ilustração, há uma publicação intitulada “Positivismo” sem assinatura comentando o desenho de Aluísio. Essa publicação é uma divulgação explícita da doutrina positivista, e demonstra que não só Aluísio, mas talvez outros colaboradores do periódico viam o positivismo como a solução para os problemas da humanidade. O trecho se destinava a encorajar os leitores para a nova filosofia:

Em todo o caso cumprimos o dever de chamar a atenção de nossos leitores para nova filosofia, que derrocando os velhos preconceitos teológicos, representados pela monarquia e as religiões, vem trazer a paz as nações, a segurança aos homens, a moral a família.²⁷⁷

Autores como Almeida, que analisou a obra *O Mulato* e *O Cortiço*, consideraram a perspectiva positivista de Aluísio Azevedo destacam a ausência do tema em trabalhos conhecidos²⁷⁸ a respeito da vida e obra do escritor.²⁷⁹

²⁷⁷ *O Mequetrefe*. Positivismo. 24 de Março de 1877, p. 5.

²⁷⁸ Como MONTELLO. 1975, autor que também tem seu trabalho analisado para o presente trabalho, embora em sua outra obra de 1969.

²⁷⁹ ALMEIDA, Rodrigo Estramando de. Crítica, romance e positivismo em Aluísio Azevedo. In: Congresso Brasileiro de Sociologia. Curitiba, 26-29 de julho de 2011, p.2.

O positivismo de Comte esteve presente em muitos círculos. Levando ideias sobre o conhecimento da natureza, incorporando-se a outras correntes que davam grande valor à ciência e procuravam aplica-la de forma prática, essa doutrina possuiu ampla circulação no ideário europeu no século XIX.²⁸⁰ Esse pensamento encontrava solo fértil na América do Sul. Esse fenômeno ocorreu sobretudo no Brasil, que tomando como matriz o modelo europeu, se apropriava de suas ideias.²⁸¹

O positivismo francês estava entre as ideias que pairavam sobre o Rio de Janeiro no último terço do século XIX, sendo o Rio em 1850, o primeiro lugar onde a expressão dessas ideias apareceu no Brasil, através de Manuel Joaquim Pereira Sá, ao apresentar sua tese com influência positivista na Escola Militar. Outros destaques desse pensamento no Brasil foram Luís Pereira Barreto (1840-1923), com a obra *As Três Filosofias*, que apontava o positivismo como melhor substituto para a tutela intelectual da igreja; Miguel Lemos (1854-1917) e Raimundo Teixeira Mendes (1855-1927), que eram estudantes da Politécnica. Ambos estiveram à frente, junto com Benjamin Constant (1836-1891), da primeira sociedade positivista do Brasil fundada em 1876, mesmo ano em que a Questão Capistrano fervia nos jornais cariocas.²⁸²

Influenciados pelo pensamento positivo, muitos entendiam que pensar de acordo com a filosofia de Comte significava estar de acordo com o pensamento de seu século, pois para Comte o espírito humano se desenvolveria através de um processo evolutivo com três fases, a teológica, a metafísica e a positiva. Portanto, aqueles que não estivessem de acordo com o pensamento positivo estariam “atrasados” nesse processo. O pensamento de Comte nesse trecho demonstra essa concepção: “Hoje é fácil esta verificação para todos os homens que estão ao nível de seu século.”²⁸³ Este outro trecho da publicação *O Mequetrefe* demonstra a confiança que muitos homens desse período depositavam nas teorias de Comte:

Escola filosófica fadada a harmonizar em uma série regular e progressiva todos os conhecimentos humanos, sem a probabilidade de erro do método subjetivo-teológico ou metafísico, é inegável que só ela pode acompanhar as aspirações humanas, dirigindo-o em escala ascendente e reta para o homem e para a ciência.²⁸⁴

A análise da obra de Aluísio Azevedo permite aos poucos a compreensão de uma possível perspectiva do escritor. De acordo com essas reflexões, esse seria, pois, o vi-a-ser não só de Aluísio, mas de muitos da sua geração. O escritor expressa em *Casa de Pensão* o

²⁸⁰ GIANNOTTI, José Arthur. Comte, Auguste, 1798-1857. In: Os Pensadores. Abril S. A São Paulo, 1978, p. 26.

²⁸¹ *Ibidem.*, p. 27.

²⁸² *Ibidem.*, p. 27.

²⁸³ *Ibidem.*, p. 30.

²⁸⁴ *O Mequetrefe*. Positivismo. 24 de Março de 1877, p. 5.

que há de mais imaginado em sua perspectiva do que seria um Rio de Janeiro ideal, assim como o autor do jornal, Aluísio acreditava que o pensamento positivista precisava ser unânime. Essa mentalidade é compreendida ao perceber a estratégia do autor em sua obra *Casa de Pensão*, ele demonstra algumas características de vários personagens a fim de posicioná-los no desenvolvimento descrito por Comte. O comportamento dos personagens demonstra se estariam mais próximos a fase teológica, metafísica ou positivista, como elucidaremos ainda neste capítulo com trechos do livro.

Para Comte há um problema grave na sociedade, relacionado à falta de unidade de pensamentos na humanidade, o que ele chama de anarquia intelectual. Para ele enquanto os homens não fossem capazes de se unir em torno de apenas um conjunto de ideias, a humanidade ficaria fadada às revoluções.²⁸⁵

No texto publicado no jornal *O Mequetrefe* aparece à clara apropriação que o autor deste texto faz com relação ao pensamento de Comte: “Em meio da anarquia mental da nossa pátria, os paliativos são crimes, urgem os remédios prontos e eficazes que só poderiam ser encontrados no positivismo.”²⁸⁶

Para o pensador francês três pensamentos conviviam, a teologia a metafísica e o pensamento positivo, quando na verdade o pensamento positivo deveria ser unânime. Por isso a fim de estabelecer uma ordem, essencial ao progresso da humanidade, seria necessário abandonar os outros pensamentos, e incentivar que só o pensamento positivo fosse difundido.²⁸⁷ Voltando à publicação de *O Mequetrefe*, é possível identificar o caráter de irresistibilidade imputado às ideias de Comte. O pensamento positivista era entendido como uma fase tão mais coerente com aquele século que os indivíduos dificilmente conseguiriam resistir a essa doutrina.

Na página central do nosso periódico apresentamos o retrato do homem que mais títulos têm a gratidão da humanidade, Augusto Comte e uma alegoria que representando as consequências que, em época mais ou menos longínqua, terão as suas irresistíveis doutrinas.²⁸⁸

Isso pode ser observado no livro, com relação às atitudes do pai de Amâncio, criticadas como atitudes atrasadas. Ele especifica uma instituição que é a escola onde Amâncio estuda, nela essa mentalidade “atrasada” se revela mais incômoda que em qualquer

²⁸⁵ GIANNOTTI, José Arthur. Comte, Auguste, 1798-1857. In: Os Pensadores. Abril S. A São Paulo, 1978, p. 66.

²⁸⁶ *O Mequetrefe*. Positivismo. 24 de Março de 1877, p. 5.

²⁸⁷ GIANNOTTI, José Arthur. Loc. cit., p. 66.

²⁸⁸ *O Mequetrefe*. Positivismo. 24 de Março de 1877, p. 5.

outra.²⁸⁹ No capítulo anterior, citamos um trecho do livro *Casa de Pensão*, em que Aluísio descreve o episódio da escolha da ama de leite de Amâncio, nesse momento, o médico aconselha Vasconcelos (pai de Amâncio) a não permitir que a escrava da casa assuma essa função, e diz que a escrava tem “reuma no sangue”²⁹⁰, o que poderia estar relacionado ao discurso médico que associava os escravos a doenças que contaminavam os filhos.²⁹¹

O pai de Amâncio no livro é descrito como “português antigo”, reforçando a perspectiva de uma mentalidade atrasada. Vasconcelos não compartilhava do pensamento do médico e não se importou em dar ao filho a escrava como ama de leite.

Para Comte esse “atraso” refletia a necessidade de adaptação das instituições tão encorajada em sua doutrina.²⁹² Aqueles que disseminavam o pensamento de Comte acreditavam na necessidade de incentivar esse pensamento em toda sociedade, entendendo o pensamento positivo como o caminho para o progresso. O progresso estaria associado a uma necessidade de escapar do mitológico, das explicações relacionadas a entidades divinas, essas crenças estariam relacionadas à fase teológica e, portanto não seriam condizentes com o desenvolvimento da humanidade.

Na apresentação de *Casa de Pensão*, quando a publicou em folhetim em 1883, Aluísio demonstra sua crítica à habitação coletiva, colocando na moral a sua justificativa. Ele defende que não se deve inserir um estranho no seio de uma família. Ele classifica a vida em uma casa de pensão como “uma das faces mais características e mais antipáticas na nossa sociedade.”²⁹³ Aluísio deixa clara sua intenção ao escrever o livro. O vir-a-ser que ele espera da sociedade é de uma população que evite habitações coletivas como a casa de pensão. O autor explica que não classifica sua obra como um romance, nem como um estudo científico e nem como uma obra de arte.

Meu único fim é rasgar os olhos do leitor a parede de uma dessas velhas casas de pensionistas, expor sua nudez fria e profundamente comovedora, os dramas secretos que aí dentro se consomem, terríveis e obscuros, como as lutas dos monstros no fundo do oceano.²⁹⁴

Como elucidado no capítulo 2 desta pesquisa, a população se dividiu em opiniões diversas a respeito do que aconteceu na Questão Capistrano em 1876, e Aluísio parece

²⁸⁹ GIANNOTTI, José Arthur. Comte, Auguste, 1798-1857. In: Os Pensadores. Abril S. A São Paulo, 1978, p. 16.

²⁹⁰ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 43.

²⁹¹ COSTA, Jurandir Freire. Apud BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e informação cultural, divisão de editoração, 1992, p.120.

²⁹² GIANNOTTI, José Arthur. Loc.cit., p. 16.

²⁹³ *A Folha Nova*. Folhetim: Casa de Pensão, 1883, p.1.

²⁹⁴ *A Folha Nova*. Loc.cit., p.1.

escolher um dos lados ao colocar a personagem Amelinha como interesseira. Essa versão iria se coadunava a uma das opiniões disseminadas entre a população: “O primeiro dizia que a jovem era uma leviana e que tudo aquilo fora armado, para João Capistrano, que era tido como rapaz rico, casar-se com ela.”²⁹⁵

Aluísio na verdade se mostra imparcial no que se refere à escolha de um dos lados. Pois critica as casas de pensão e as descreve como uma doença da sociedade de sua época, e ao mesmo tempo, critica o próprio hóspede que segundo ele passa a ser um inimigo nas famílias.

Desejo patentear ao leitor todo o mal, todo o desmantelamento, todo o desequilíbrio e toda miséria, que podem resultar uma família, sempre que ela comete a imprudência de introduzir em seu seio pessoas que não são solidárias da sua dignidade, que não são responsáveis pela sua honra, que se não acham ligadas nem pelo amor, nem pelo respeito, e que por conseguinte nunca poderão compreender essa religião do lar, que nos conduz a todos os sacrifícios e a todos os heroísmos, essa vigilância carinhosa e venerada com que cercamos os entes fracos confinados a nossa guarda, esse paternal e constante interesse, com que afastamos de em redor de nossa família tudo aquilo que lhe possa macular os brios.²⁹⁶

Aluísio critica ambos os lados, pois para ele um gera a degradação do outro. O problema na verdade está na transformação da casa, da intimidade da família em mercadoria. “O hospede, por melhor que seja, por mais honesto, por mais respeitador, é sempre um inimigo perigosíssimo que a família tem dentro de si.”²⁹⁷

Alguns destaques feitos pelo autor da publicação já mencionada no jornal *O Mequetrefe* pareciam ser também uma preocupação de Aluísio. Falando sobre o positivismo, o autor da publicação do jornal explica que essa doutrina iria trazer “a paz as nações, a segurança aos homens, a moral a família”.²⁹⁸ Na apresentação da obra *Casa de Pensão*, Aluísio também demonstra que a família e a moral ocupavam um lugar de destaque em seu romance.

O pensamento positivista de Comte aparece ao longo de toda obra de Aluísio Azevedo. Para Comte, a metafísica era uma evolução da teologia, e em nenhuma das duas fases o indivíduo possuiria um sentimento social. A teologia usaria do egoísmo do homem para obrigá-lo a ações coletivas, porém essas ações não seriam naturais, seriam na realidade dirigidas pelo benefício pessoal gerando um resultado imperfeito: “O antigo regime mental

²⁹⁵ *Jornal do Brasil*. Quarta-Feira 17 de novembro de 1926, p. 6.

²⁹⁶ *A Folha Nova*. Folhetim: Casa de Pensão. 1883. p.1.

²⁹⁷ *Ibidem.*, p.1.

²⁹⁸ *O Mequetrefe*. Positivismo. 24 de Março de 1877, p. 5.

não podia estimulá-lo a não ser com o auxílio de penosos artifícios indiretos, cujo sucesso real deveria ser imperfeito”[...]”²⁹⁹

A educação dispensada a Amâncio é muito criticada por Aluísio em sua obra *Casa de Pensão*, o personagem era ensinado por um professor extremamente agressivo, que tinha a punição como principal meio de conseguir que os meninos se comportassem como desejado. Aluísio atribui à ignorância dos pais, “acostumados com o hábito de lidar com escravos” essa má educação. Para Aluísio, a mentalidade e comportamento do pai de Amâncio não era coerentes com o século, a educação dispensadas por ele tinha, portanto, bases em uma mentalidade “atrasada”. O resultado desse tipo de disciplina seria um exemplo desse sucesso imperfeito demonstrado pela doutrina de Comte, onde o indivíduo tem atitudes voltadas ao coletivo, porém esse comportamento é escolhido apenas para benefício próprio. Esse fragmento deixa bem claro essa perspectiva de Aluísio:

Amâncio fora muito mal-educado pelo pai, português antigo e austero, desses que confundem o respeito com o terror. Em pequeno levou muita bordoadas; tinha um medo horroroso de Vasconcelos; fugia dele como de um inimigo, e ficava todo frio a tremer quando lhe ouvia a voz ou lhe sentia os passos. Se acaso se mostrava dócil e amoroso era só por conveniência: habituou-se a fingir desde esse tempo.³⁰⁰

O comportamento e personalidade de Amâncio quando adulto é totalmente determinado pelo ambiente e pelas bases nas quais o personagem é criado, demonstrando o determinismo característico do estilo naturalista adotado por Aluísio Azevedo. Essas bases de educação, como já demonstrado, são extremamente criticadas por Aluísio e para ele só poderiam resultar em catástrofe. Segundo descreve o autor Amâncio falseava sua personalidade, ele aparentava ingenuidade, “ninguém acreditaria que ali estivesse um sonhador, um sensual, um louco” e mais “seu todo acanhado, fraco e modesto, não deixava transparecer a brutalidade daquele temperamento cáldo e desaforido”. Além disso a descrição ressalta que a aparência de Amâncio “não denunciava o que naquela cabeça havia de voluptuoso de ruim.”³⁰¹

Comte atribui à metafísica um pensamento guiado pela intuição, um indivíduo que estivesse nessa fase tenderia em sua mentalidade ao egoísmo, visto que essa fase não comporta ações coletivas:

Para cada um de seus adeptos, o pensamento dominante é o do eu; todas e quaisquer outras existências, mesmo humanas, são confusamente envolvidas numa única

²⁹⁹ GIANNOTTI, José Arthur. Comte, Auguste, 1798-1857. In: Os Pensadores. Abril S. A São Paulo, 1978, p. 189.

³⁰⁰ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 38.

³⁰¹ Ibidem., p. 38.

concepção negativa, e seu vago conjunto constitui o não-eu, a noção do nós não podendo encontrar nenhum lugar direto e distinto.³⁰²

O comportamento egoísta de Amâncio parece denunciar a fase em que o personagem se encontrava dentro da perspectiva de Aluísio. Neste fragmento, o hóspede da pensão que era tísico morre na frente de Amâncio em seu quarto, e nem a morte desperta no personagem algum sentimento de compaixão, tamanho o seu egoísmo: “Amâncio teve um assomo de cólera; seu temperamento nervoso e egoísta, revolucionava-se com o choque daquele incidente desagradável, que não lhe dizia respeito e veio despoticamente roubar seu sossego.”³⁰³

O escritor na verdade critica todo o sistema, nota-se sua insatisfação com a impessoalidade das relações geradas pela adaptação ao sistema capitalista. A hospitalidade passa a ser comercializada dispensando o retorno em afeto, pois o favor já foi pago em dinheiro: “O coração quase sempre se fecha, quando a bolsa se abre para pagar em dinheiro o que devia ser pago em ternura, em dedicação e em respeito.”³⁰⁴ Os personagens com uma mentalidade ainda na fase da metafísica são egoístas demais para se preocuparem uns com os outros.

Para Aluísio o hóspede não é confiável, pois vendo a intimidade da casa apenas como mercadoria se sente desobrigado de qualquer consideração com seus membros. E a família por sua vez se degrada ao comercializar aquilo que deveria ser protegido e imaculado que é a intimidade da família.

Embora a casa de pensão seja o objeto da crítica de Aluísio, sua repulsa as casas coletivas aparece na descrição de duas outras formas de habitação coletiva, a república dos estudantes e os cortiços que fazem parte da paisagem descrita pelo personagem Amâncio.

O autor não usa a palavra cortiço, mas fala de “casas acavaladas umas nas outras, formando ruas, contornando praças.” E depois descreve ações cotidianas de pessoas aparentemente mais pobres:

[...] uma ilhoa de braços nus, a cabeça embrulhada em um laço de ramagens, lavava a um tanque de cimento romano; um homem em mangas de camisa, varria as pedras do chão cantarolando com os dentes cerrados, para não deixar cair a ponta do cigarro. [...] Dentro de um cercado cacarejavam galinhas; mariscando na terra; e o homem do lixo entrava e saía familiarmente com seu gigo às costas.³⁰⁵

³⁰² GIANNOTTI, José Arthur. Comte, Auguste, 1798-1857. In: Os Pensadores. Abril S. A São Paulo, 1978, p. 189.

³⁰³ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 225.

³⁰⁴ *A Folha Nova*. Folhetim: Casa de Pensão. 1883. p.1.

³⁰⁵ *Ibidem.*, p.77.

Ele descreve em minúcias o estado deplorável da república dos estudantes convivendo amontoados numa total desordem:

Do lado oposto, no chão, sobre um lençol encardido e cheio de nódoas [...] jazia o Paiva, a sono solto [...] Mais adiante, em uma cama estreita, de lona, viam-se dois moços, ressonando de costas um para o outro, com as nuças unidas, a disputarem silenciosamente o mesmo travesseiro.³⁰⁶

O autor dá ênfase especial aos rastros de moradores totalmente despreocupados com a ordem, a sujeira da casa reflete seu desmazelo e falta de organização. Segundo Benchimol, a casa coletiva “[...] materializava-se no meio urbano, caracterizado como um meio hostil devido à grande concentração de indivíduos e seu relacionamento aparentemente irracional e desordenado.”³⁰⁷ Nas palavras de *Casa de Pensão*:

O quarto respirava todo um ar triste de desmazelo e boêmia. Fazia má impressão estar ali: o vômito de Amâncio secava-se no chão, azedando o ambiente; a louça que servira ao último jantar, ainda coberta de gordura coalhada, aparecia dentro de uma lata abominável, cheia de contusões e roída de ferrugem. [...] Num canto amontoava-se roupa suja; em outro repousava uma máquina de fazer café, ao lado de uma garrafa de espírito de vinho. Nas cabeceiras das três camas e ao cumprido das paredes, sobre jornais velhos e desbotados, dependuravam-se calças e fraques de casimira; em uma das ombreiras da janela umas lunetas de ouro, cuidadosamente suspensas num prego. Por aqui e por ali pontas esmagadas de cigarro e cuspalhadas ressequidas. No meio do soalho, com o gargalo decepado, luzia uma garrafa.³⁰⁸

Ao levar em consideração a apropriação de Aluísio das ideias de Comte, é possível observar a ênfase do autor na desordem da moradia dos estudantes, que refletiria a atitude de indivíduos que ainda não alcançaram a fase positivista do desenvolvimento.

A obra atribui a esse cenário um aspecto melancólico de tristeza e demonstra a sua repulsão às casas coletivas. A miséria de uma urbanização desenfreada e a concentração da população pobre em um Rio de Janeiro cujos agentes não reconhecem a questão social se escancarava diante do personagem:

A luz franca e pendente da manhã dava a tudo isso um relevo ainda mais duro e repulsivo: o coração de Amâncio ficou vexado e corrido, como se todos os ângulos daquela imundice o despertassem um só tempo. O vasto panorama lá de fora testemunhou-lhe os sentidos com o seu aspecto.³⁰⁹

Diferente da república de estudantes onde moravam alguns colegas de Amâncio, a casa de pensão tinha um aspecto de limpeza e asseio. Amâncio queria a boêmia, mas a república causou repugnância ao jovem Amâncio, que acabou por descartar a ideia de fazer

³⁰⁶ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p.76.

³⁰⁷ BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e informação cultural, divisão de editoração, 1992, p.116.

³⁰⁸ AZEVEDO, Aluísio. Op.cit., nota 307. p.76 – 77.

³⁰⁹ Ibidem., p. 77.

dela uma possível moradia e foi atraído para a pensão. Além de estar acostumado a ser servido. Este trecho demonstra o aspecto da casa de pensão à primeira visita de Amâncio: “Estava tudo muito bem arrumado e muito limpo; não se podia desejar melhor aspecto de felicidade caseira; em tudo – a mesma aparência austera e calma de uma velha paz inquebrantável e honesta.”³¹⁰

Subiram outra vez ao primeiro andar, pela cozinha. Um preto, de avental e boné de linho branco a moda dos cozinheiros franceses, trabalhava ao fogão. Coqueiro exigiu que o amigo olhasse para aquele asseio; atentasse para a nitidez das caçarolas de metal areado, para limpeza das panelas, para a fartura de água na pia, – a madame, – dizia ele a rir-se, com ar interessado de quem deseja convencer. – A madame traz isso um brinco! Pode-se comer pão no chão!³¹¹

Os donos da casa de pensão buscavam trazê-la no maior asseio, e evitar qualquer escândalo que condenasse sua reputação. Aluísio demonstra através da sua trama que seu ataque às casas coletivas independe da tentativa de higienização da mesma. Pois como exposto em sua apresentação no folhetim, para ele a casa de pensão era um antro de contaminação, que por mais limpa que tentassem fazê-la, estaria sempre condenada a proliferação de doenças. Doenças, de fato, físicas pela quantidade de habitantes de diferentes famílias convivendo sobre o mesmo teto de forma desordenada. Ou doenças morais devido à “mácula” que a comercialização da hospitalidade deixaria no seio da família que aceitasse hóspedes.

Comte deixa claro que um sistema moral eficiente só seria possível através das bases positivas.³¹² Essa seria também a solução para os problemas do capitalismo, visto que em sua visão os capitalistas deveriam ser “moralizados”, o que resolveria os conflitos de classe.³¹³

Comte acreditava que os proletários e as mulheres poderiam abrandar o egoísmo dos capitalistas. Na obra de Azevedo, esse papel das mulheres³¹⁴ aparece algumas vezes, em mais de uma situação elas são apontadas como apaziguadores ou são licitadas como peça chave no sucesso do homem. Essa perspectiva aparece no caso da mãe de Amâncio e da mãe de Coqueiro, ambas defendiam os filhos do temperamento tirano dos pais e não compartilhavam de suas opiniões, tentando interferir no comportamento dos maridos. Este excerto demonstra essa atitude de Ângela, mãe de Amâncio, “Ângela, porém, não era daquela opinião: não podia admitir que seu filho querido [...] fosse lá apanhar palmatoadas de um brutalhão daquela

³¹⁰ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 103.

³¹¹ *Ibidem.*, p. 109.

³¹² GIANNOTTI, José Arthur. Comte, Auguste, 1798-1857. In: *Os Pensadores*. Abril S. A São Paulo, 1978, p. 186.

³¹³ *Ibidem.*, p. 25.

³¹⁴ AZEVEDO, Aluísio. *Op.cit.*, nota 311, p.34, 38 e 87.

ordem!”³¹⁵ Ela aparece como a única capaz de mudar verdadeiramente o comportamento do rapaz, esse trecho descreve o pensamento de Amâncio ao lembrar da mãe: “E punha-se então a mentalizar planos de melhor conduta para quando voltasse ao lado de Ângela.”³¹⁶ Além dessas as mulheres, existe a mulher de Campos, Hortência. De acordo com o livro, seu marido passa a prosperar assustadoramente após o casamento.

Comte fala também de uma “hipocrisia coletiva” que, segundo ele, também adotada por aqueles que estavam na fase teológica:

Não podendo impedir o livre florescimento da razão moderna entre os espíritos cultivados, propôs-se, assim, obter deles, em vista do interesse público, o respeito aparente a antigas crenças, a fim de manter, para o vulgo, a autoridade julgada indispensável.³¹⁷

Aqueles na fase metafísica também teriam essa característica da “hipocrisia coletiva”, porém nesse caso, era através da sua alta moralidade.

Essa lógica permitiu nossa compreensão da mentalidade do personagem Coqueiro, que exaltava o método e estudava na Politécnica, mas ao mesmo tempo criticava “com durezas de inveja” os escritores da “geração moderna”, ele estaria numa fase de transição entre os paradigmas teológico e positivo. “ – Ora o que, senhores! – replicava Coqueiro furioso e pálido. – Qual é aí o tipo da tal “geração moderna” que se possa aproveitar?... Não me apontam nenhum! São todos umas bestas!”³¹⁸

Como explicitado anteriormente, é como se Aluísio definisse para seus personagens uma fase dentro das ideias de Comte, relacionando-os com o processo de desenvolvimento do espírito positivista. Ele sempre cita as leituras dos personagens e suas opiniões sobre diversos assuntos.

Seguindo este raciocínio podemos entender que Coqueiro estaria na fase da metafísica na evolução de sua mentalidade, pois ele se mostra incomodado com os escritores modernos, o que demonstraria certa aversão ao florescimento desse novo sistema, ao mesmo tempo, apoiava as atitudes racionais. Coqueiro se mostra extremamente preocupado com a moral, porém foi acusado de hipocrisia pelo personagem Amâncio. O personagem descobre que o comportamento de Coqueiro não condiz com toda a moral que prega: “Ora o que! – resmungando Amâncio, indignado com a hipocrisia do colega, mas sem coragem para dizer o

³¹⁵ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p.39.

³¹⁶ *Ibidem.*, p. 57.

³¹⁷ GIANNOTTI, José Arthur. Comte, Auguste, 1798-1857. In: *Os Pensadores*. Abril S. A São Paulo, 1978, p. 185.

³¹⁸ AZEVEDO, Aluísio. *Op.cit.*, nota 316. p. 121.

que sabia respeito dele e dos costumes da casa!” Amâncio percebendo que Coqueiro se fazia de desentendido declarou saber das entrevistas do hóspede do número 11 e do que sabia de Coqueiro (que era casado) em relação à mucama.³¹⁹ Coqueiro, apesar de tentar demonstrar muita preocupação com a moral, era incapaz de preocupar-se com o coletivo, visava apenas seus interesses próprios.

O que Aluísio Azevedo gostaria de mostrar com sua obra com a insistência em temas como a doença e a conduta imoral da família que dirige a casa de pensão? Amâncio sempre tivera a saúde fraca, porém foi nesse grande centro urbano em uma habitação coletiva cidade do Rio na rua do Rezende é que Amâncio é acometido pelas doenças epidêmicas. É no Rio de Janeiro de *Casa de Pensão* que Amâncio é enganado, é acometido por doenças e é assassinado.

Analisando os temas propostos com bastante frequência no livro, aliado à apresentação do próprio Aluísio na primeira publicação da obra *Casa de Pensão* em folhetim, algumas ideias poderiam ser consideradas os principais “vir-a-ser” de Aluísio nessa obra. O autor nutre a expectativa de um novo horizonte, no qual a população possa enxergar um novo vir-a-ser, onde todos entendam os problemas e soluções que ele tenta apontar.

Essas ideias podem ser identificadas em conformidade com o pensamento positivista: o problema de atitudes guiadas pelo instinto, sem disciplina ou direção e o problema do egoísmo e hipocrisia no que se refere à moral. Ambos estariam associados às casas coletivas e seriam “rasgados” diante dos olhos do leitor quando Aluísio Azevedo revelasse o que ocorria em uma casa de pensão.

Para Aluísio as habitações coletivas eram a causa de doenças físicas e “doenças” morais; o convívio com tamanho perigo aliado a um comportamento instintivo e espontâneo era uma tragédia anunciada. O drama ao final do livro demonstra que o Rio de Janeiro dos prazeres, da modernidade, da sensualidade, da beleza, da natureza exuberante e de vários encantos que alimentam os desejos mais primitivos era o mesmo Rio de Janeiro da desordem urbana, das casas de pensão, das doenças da imoralidade, da ganância capitalista, do individualismo e da impessoalidade. O Rio de Janeiro emblemático, que se compara a um Paris de Alexandre Dumas, é o mesmo Rio de Janeiro que mata!

Morto! Por quem? Morto pela maior representação da habitação coletiva, seu dono, seu idealizador. Por que? Por ser mercadoria, por não atender às expectativas, pelo desejo frustrado de acúmulo do capital. A família abre mão de todos os seus meios de ascensão

³¹⁹ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 207.

financeira em detrimento de um “negócio” muito mais rentável. Coqueiro e sua família se arriscaram ao parar de focar no trabalho e nos vários hóspedes para focar somente em um: “O marido, porém, sopra-lhe a coragem: – Ela que não desanimasse por tão pouco! Nem tudo se perdera! Enquanto tivessem Amâncio não se podiam queixar da sorte; este valia por todos os outros.”³²⁰

Ao invés disso, eles se agarram a tentativa de um golpe, que também não poderia ser bem sucedido, pois contava que o respeito e a consideração, ou até a moral do hóspede fossem obrigá-lo ao casamento. Porém tinham ali, desde o começo, um inimigo da família, cuja personalidade não conheciam, e cujo dinheiro o eximira de toda e qualquer obrigação de sentimento e consideração para com a família.

O homem por sua vez, caso quisesse sobreviver nesse Rio de Janeiro não poderia se dar ao luxo de se deixar levar pela existência, como um animal se deixa levar pelos extintos e pela natureza. Assim como na análise de Candido sobre *O Cortiço*, em *Casa de Pensão* um estilo de vida orgânico, que tende aos extintos é criticado. Caso o indivíduo não se arme da disciplina, do asseio da sobriedade e do planejamento, típicos dos “espíritos cultivados” como o personagem Campos – que também vem de uma província, mas “vence” essa cidade – ele irá sucumbir a esse Rio de Janeiro como Amâncio (que é “vencido” pela vida na corte). Amâncio pega doenças, é enganado e visto como mercadoria, não alcança seus desejos, e por fim é morto.

A constante crítica de Aluísio à Igreja Católica – que não se destaca em *Casa de Pensão*, mas está bem presente na contribuição do autor para jornais como *O Pensador* e no romance *O Mulato* – também está relacionada ao seu pensamento em conformidade com o positivismo. A fase teológica era considerada por Comte como a primeira fase do desenvolvimento do espírito humano. Enquanto o homem tivesse essa mentalidade, ele ficaria satisfeito em recorrer às divindades para explicar o que não conhecia; essa mentalidade não era coerente para o século XIX que já havia se desenvolvido e deveria entrar na etapa do pensamento positivo.³²¹

No capítulo anterior fizemos uma comparação entre Campos personagem de *Casa de Pensão* e João Romão de *O Cortiço*. Esses dois personagens voltam a ser comparados nesse capítulo, pois não só ajudam a entender o que exprimia hábitos da sociedade do século XIX, como também demonstram o vir-a-ser de Aluísio de Azevedo. Como observado por Candido

³²⁰ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 2013.

³²¹ GIANNOTTI, José Arthur. Comte, Auguste, 1798-1857. In: Os Pensadores. Abril S. A São Paulo, 1978, p. 16-17.

em sua análise, Azevedo, apesar de filho de português era antilusitano. Assim como os personagens do livro *Casa de Pensão*, Aluísio se ressentia e ao mesmo tempo admirava a ascensão dos portugueses. Pode-se dizer que Azevedo compartilhava o sentimento de explorado, e ao mesmo tempo, já influenciado pelas ideias capitalistas admitia a ascensão pelo trabalho.

Em *Casa de Pensão*, Aluísio descreve de forma negativa o que havia de português no armazém de Campos, segundo ele a casa de Campos era “sem gosto” e demonstrava “os rigores do velho comércio português”. Talvez como uma forma de justificar as qualidades do personagem, que segundo ele era um “bom tipo” e muito generoso, Aluísio prefere que ele seja brasileiro, cearense, e exalta nas páginas seguintes o “segredo da hospitalidade” que segundo o autor era típico do cearense. Já em *O Cortiço*, o personagem é português e é descrito como um explorador inveterado e sem escrúpulos.³²²

As críticas de Aluísio ao sistema capitalista vão ao encontro do pensamento comteano. Para Comte somente uma mentalidade com base no pensamento positivo poderia desenvolver genuinamente o sentimento social:

Uma apreciação mais íntima e mais extensa, ao mesmo tempo prática e teórica, representa o espírito positivo como sendo, por natureza, o único suscetível de desenvolver diretamente o sentimento social, primeira base necessária de toda moral sadia.³²³

O comportamento do personagem Campos reflete essa mentalidade, ele era, como citado no capítulo 2, considerado “homem de vistas largas e espírito adiantado”,³²⁴ o que à luz do pensamento positivista de Comte refere-se à essa evolução de fases no desenvolvimento do espírito; designaria um sujeito que já está na fase evoluída, seu pensamento já se tornara positivista. Ele é talvez o único indivíduo que demonstra sentimentos verdadeiramente sociais no livro, recebendo hóspedes que não tem condições, sendo um bom patrão e mantendo a mesa de seus funcionários farta.

Ele controla seus impulsos, e após seu casamento passa a viver na mais perfeita ordem dentro de sua casa. O livro destaca que após o casamento ele passa a prosperar assustadoramente, como citado no capítulo 2 deste trabalho. Campos seria, talvez, a tentativa de Azevedo em dar um exemplo do progresso e do sucesso que um homem poderia atingir ao aderir ao positivismo.

³²² AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 31, 32 e 36.

³²³ GIANNOTTI, José Arthur. Comte, Auguste, 1798-1857. In: Os Pensadores. Abril S. A São Paulo, 1978, p. 188.

³²⁴ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 32.

O aspecto triste da casa de Campos demonstraria a característica da transição entre as fases, apesar de bem adiantado, Campos ainda resguardava algumas características de sua fase metafísica, por não abandonar o antigo. O antigo por sua vez é representado pelos costumes portugueses, citados acima, como a casa “sem gosto” e “os rigores do comércio português”. Aluísio chega a demonstrar sua preocupação com a valorização do brasileiro ao explicar que “apesar de inteligente e brasileiro” Campos não houvesse espantado o ar triste do armazém português.³²⁵ Dessa forma, Aluísio Azevedo, do mesmo jeito que faz ao apresentar a figura do pai de Amâncio como “português antigo”, associa novamente os portugueses e as mentalidades que estariam nas fases anteriores ao positivismo como a teológica e a metafísica. Segundo Giannotti a perspectiva de Comte associava os sentimentos benevolentes ao pensamento positivista:

[...] os sentimentos benevolentes são os únicos que podem desenvolver-se livremente no estado social, que naturalmente os estimula progressivamente e lhes abre um campo indefinido, enquanto em compensação exige, necessariamente, certa repressão permanente dos diversos impulsos pessoais, cujo florescimento espontâneo suscitaria conflitos contínuos.³²⁶

Comte destaca a necessidade de repressão dos impulsos pessoais, porém de uma maneira diferente do que acontece com Amâncio, e os estudantes de sua escola. A necessidade de doutrinação das instituições aparece na obra de Aluísio ao descrever o tratamento que professor Pires dispensa aos alunos. Como resultado de artifícios autoritários, os meninos da escola habituavam-se a fingir, servir e mentir.³²⁷

Essa repressão deveria ser incentivada por uma doutrinação, pela aplicação dessa nova sociologia às instituições, e não pela forma autoritária, como tentaram fazer com Amâncio, gerando um resultado imperfeito. De acordo com Giannotti:

O núcleo da filosofia de Comte radica na ideia de que a sociedade só pode ser convenientemente reorganizada através de uma completa reforma intelectual do homem. Com isso, distingue-se de outros filósofos de sua época, como Saint-Simon e Fourier, preocupados também com a reforma das instituições, mas que prescreviam modos mais diretos para efetivá-la. Enquanto esses pensadores pregavam a ação prática imediata. Comte achava que antes disso seria necessário fornecer aos homens novos hábitos de pensar de acordo com o estado das ciências de seu tempo.³²⁸

³²⁵ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 32.

³²⁶ GIANNOTTI, José Arthur. Comte, Auguste, 1798-1857. In: *Os Pensadores*. Abril S. A São Paulo, 1978, p. 192.

³²⁷ AZEVEDO, Aluísio. Op.cit., nota 326, p. 39.

³²⁸ GIANNOTTI, José Arthur. Op.cit., nota 327, p. 15.

Diferente de Amâncio, Campos atingira à fase positivista, e era, portanto, capaz de ser benevolente. Aluísio demonstra essa característica ao citar os caixeiros de Campos que “falavam com orgulho dessa generosidade e faziam em geral boa ausência³²⁹ do patrão”³³⁰. Aluísio demonstra por suas obras uma concordância com o pensamento positivo, sem, porém, enxergar a problemática que se instaura com a disseminação desse pensamento.

Ao resgatar o conceito de *mimesis*, já trabalhado no início dessa dissertação, é possível compreender os riscos que Adorno e Horkheimer apontam no que se refere ao “esclarecimento”.³³¹ A *mimesis* nesse caso apresenta-se diferente daquela que trabalhamos sob a perspectiva de Benjamim na introdução dessa dissertação. Gangnebin explica que para Platão há várias formas de *mimesis*, e uma delas é produtora de simulacros, de ilusão e o homem deve se afastar dela. Essa ideia de *mimesis* é muito irreal e ilusória, embora seja muito forte e ativa, seu perigo está relacionado à ingenuidade:

[...] uma regressão das faculdades críticas e a uma certa passividade, acometendo mais facilmente as crianças e as mulheres ignorantes, que se deixam seduzir pelo falso brilho e são mais sensíveis ao maravilhoso e ao irracional, características do *mythos*”[...]³³²

Ao analisar vários trabalhos que abordam a atividade mimética, como Platão, Aristóteles e Adorno, Gagnebin explica que as ideias sobre a *mimesis* podem ser variadas como demonstramos na perspectiva de Platão, e podem evoluir ao longo dos trabalhos, como é o caso de Adorno. Segundo Gagnebin, o autor a princípio adota a ideia da passividade do sujeito na *mimesis*, rejeitando-a. O autor, acrescentando a esse pensamento outros estudos como o da psicanálise de Freud, chega ao entendimento que a *mimesis* está relacionada a um comportamento regressivo. O sujeito na tentativa de escapar, libertar-se do medo e busca imitar aquele a quem teme para que não seja reconhecido como vítima. Ou seja, o sujeito renuncia a si mesmo para libertar-se do perigo, porém ao desistir de si mesmo perde-se, se aniquila.³³³

A *mimesis* estaria relacionada ao mesmo tempo ao prazer, pois ela remete aos instintos mais primitivos como a sexualidade e a busca pelo religioso e mágico, mas ao mesmo tempo à aniquilação. Dessa forma assim como Platão, Adorno e Horkheimer reforçam uma

³²⁹Entende-se: falavam bem dele quando ele não estava presente.

³³⁰ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 32.

³³¹ ADORNO, T. W, HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

³³² GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Do conceito de *Mimesis* no pensamento de Adorno e Benjamin. In: ____ *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro, Imago, 1997, p. 70.

³³³ *Ibidem*.p. 72.

perspectiva negativa e ameaçadora da *mimesis*, segundo a conclusão de Gangnebin sobre o trabalho dos autores a *mimesis*:³³⁴

[...]ela não só faz regredir os homens a comportamentos mágicos e míticos, mas também ameaça o processo mesmo de construção e de elaboração de formas, de regras, de limites, processo que define a civilização e, no vocabulário de nossos autores, que se ampara no processo de trabalho e no "progresso" racional-científico.³³⁵

O trabalho dos autores Adorno e Horkheimer faz uma crítica ao positivismo, eles trazem justamente essa dialética dos mitos que surge na tentativa de livrar o homem do mito. O homem por querer livrar-se do impulso mimético, que seria a reação mais natural visto que é instintiva, precisa recorrer a um novo sistema. Um sistema não mais instintivo, que busque não só resistir a esses impulsos mais controlá-los. Nessa perspectiva, através do pensamento racional e da ciência o homem pode ter domínio sobre a natureza e assim possibilitar o progresso. O homem deixaria de “imitar” e temer a natureza para usá-la em favor de si.³³⁶

Essa lógica permeia o pensamento do século XIX, a está relacionada ao Republicanismo, visto que esse seria o regime mais coerente com a mentalidade positivista. O discurso médico citado no capítulo 2 deste trabalho demonstra essa rejeição aos impulsos, e à necessidade corroborada pelos agentes desse discurso de organizar, ordenar, a fim de dominar natureza, que nesse caso seria representada pelas doenças, e alcançar o progresso.

Para Adorno e Horkheimer, o esclarecimento é o processo de “desencantamento do mundo”³³⁷, onde as pessoas se libertariam do medo dos poderes ocultos que atribuem a natureza, ou seja, a racionalização demonstrada através da filosofia e na ciência. No entanto, é nessa tentativa de “desmitologização” que surge um paradoxo, pois para os autores o homem acaba por mitologizar o esclarecimento.³³⁸

O fato de que ele tem origem no próprio mito e encontra seu termo atual na mitologização do esclarecimento sob a forma da ciência positiva reflete o fato de que o conhecimento pela dominação da natureza tem lugar pela assimilação dos processos de conhecimento e controle aos processos naturais, e explica por que esse processo de dominação da natureza pode resultar paradoxalmente numa mais completa naturalização do homem totalmente civilizado.³³⁹

³³⁴ GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Do conceito de *Mimesis* no pensamento de Adorno e Benjamin. In: ____ *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro, Imago, 1997, p. 72.

³³⁵ Ibidem p. 73.

³³⁶ ALMEIDA, Guido de. Nota do tradutor. In: ADORNO, T. W, HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 7-8.

³³⁷ Grifo do autor.

³³⁸ ALMEIDA, Guido de. Op.cit. nota 337, p. 7-8.

³³⁹ Ibidem p. 7-8.

Voltando ao episódio citado anteriormente neste capítulo, em que o pai de Amâncio permite que ele seja amamentado por uma escrava, é possível identificar um pouco da perspectiva de Aluísio, especialmente, nas partes narradas de seu livro. Neste excerto ele demonstra que essa era a opinião não só dos personagens, ele próprio expressa uma concordância com a opinião do personagem do médico em sua narração, “Com semelhante esterco não podia desabrochar melhor no seu temperamento o leite, o leite que lhe deu a mamar uma preta da casa”.³⁴⁰

O “esterco” refere-se a educação de Amâncio, educação criticada em largo em sua obra, por ter sido administrada por pessoas com uma mentalidade considerada atrasada pelo autor, como abordado anteriormente neste capítulo. O leite da “preta” teria contaminado o temperamento de Amâncio. Nesse trecho o escritor atribui a junção do leite com a educação como responsáveis pelo temperamento ruim de Amâncio. Além disso, mais adiante, na obra, o personagem Amâncio sente dores reumáticas, “Era o sangue de sua ama-de-leite que principiava a rabear”³⁴¹, refletindo mais uma vez a concordância de Aluísio com o discurso da medicina.

O perigo das ideias legitimadas por um discurso científico vai ao encontro da análise de Adorno e Horkheimer, na tentativa de fuga do mítico, do ilusório o homem acaba por cercar-se de novos mitos ao confiar plenamente em tudo que fosse legitimado pelos novos discursos:

Na crença de que ficaria excessivamente suscetível à charlatarisse e à superstição, se não se restringisse à constatação de fatos e ao cálculo de probabilidades, o espírito conhecedor prepara um chão suficientemente ressecado para acolher com avidez a charlatarisse e a superstição.³⁴²

Ao refletir sobre o futuro que era tão vislumbrado por Aluísio e o que o autor expressava de mundo imaginado através de sua ficção nos deparamos com um questionamento. Teria Aluísio ficado satisfeito quando o futuro que tanto vislumbrou tornou-se presente? Aluísio Azevedo teria se desiludido do seu vir-a-ser? Embora alguns autores como Montello³⁴³ atribuam o fim da carreira do escritor à sua ausência do Brasil – portanto, à distância da sua matéria prima, visto que o ambiente era o material para seus romances – autores como Almeida conferem à mudança de regime essa atitude. Quando, em fim, a

³⁴⁰ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 42.

³⁴¹ *Ibidem*, p. 195.

³⁴² ADORNO, T. W, HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 13.

³⁴³ MONTELLO. Apresentação, In: *Aluísio Azevedo*. Trechos Escolhidos, Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1969, p.8.

República veio à tona Aluísio teria se decepcionado, pois ela estava longe de resolver os problemas do país.³⁴⁴

Essa decepção poderia ser explicada pela análise de Adorno e Horkheimer, segundo os autores:

A naturalização dos homens hoje em dia não é dissociável do progresso social. O aumento da produtividade econômica que por um lado produz as condições para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população. O indivíduo se vê completamente anulado em face dos poderes econômicos. Ao mesmo tempo estes elevam o poder da sociedade sobre a natureza a um nível jamais imaginado. Desaparecendo diante do aparelho que a serve, o indivíduo se vê, ao mesmo tempo melhor do que nunca provido por ele. Numa situação injusta, a impotência e a dirigibilidade da massa aumenta com a quantidade de bens a ela destinados.³⁴⁵

O novo regime apenas renovaria os agentes responsáveis pela manutenção da desigualdade e os conflitos permaneceriam, como demonstra Sevcenko:

A mudança de regime para o regime republicano foi marcada por reajustes que resultavam numa série de crises políticas, com “grandes ondas de “deposições”, “degolas”, “exílios”, “deportações”, que atingiram em primeiro lugar as tradicionais elites do Império e o seu vasto círculo de clientes; mas tendo em seguida – sobretudo nos seus últimos dois movimentos – a eliminar também da cena política os grupos comprometidos com os anseios populares mais latentes e envolvidos nas correntes mais férvidas do republicanismo. Opera-se através delas como que uma filtragem dos elementos nefastos ao novo regime, aqueles que pecavam quer por demasiada carência, quer por excesso de ideal republicano.³⁴⁶

A mudança de regime para a República, o desenvolvimento da ciência e maior domínio da natureza pelo homem não surtiram o efeito que o Aluísio Azevedo, assim como outros membros da intelectualidade brasileira em finais do século XIX esperavam. A esperança de que o progresso mudasse a realidade brasileira foi frustrada, por que o progresso que é perseguido na tentativa de livrar o homem daquilo que é indesejado como a doença e a miséria, é o mesmo progresso que reintroduz esses problemas.³⁴⁷

3.2. Percepções de quem vive fora da Corte

Amâncio estava maravilhado. O aspecto daquelas salas afestoadas, cheias de espelhos, de cortinas e douraduras, no gênero pretensioso dos hotéis, o ar parisiense dos criados, vestidos de preto e avental branco; a cor estridente do gabinete; o perfume das flores que guarneciam jarras de proporções luxuosas; o alvoroço

³⁴⁴ ALMEIDA, Rodrigo Estramano de. Crítica, romance e positivismo em Aluísio Azevedo. In: Congresso Brasileiro de Sociologia. Curitiba, 26-29 de julho de 2011, p. 15.

³⁴⁵ ADORNO, T. W, HORKHEIMER, M. Dialética do esclarecimento. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 14.

³⁴⁶ SEVCENKO, Nicolau. A inserção compulsória do Brasil na Belle Époque. In: *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense. p. 13-23. 1999, p. 25.

³⁴⁷ Yates apud CERTEAU, Michel. *A invenção do Cotidiano*. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes. 2013.

palavroso e alegre dos que faziam a sobremesa; o crepitar do riso das mulheres, cujos penteadores branquejavam sobre o escuro dos tapetes; a reverberação dos cristais; a expectativa de um bom almoço, que seria devorado com apetite, e finalmente a circunstância de que Amâncio a muito não gozava de uma pândega; tudo isso lhe refrescava o humor e o fazia feliz naquele momento.³⁴⁸

No capítulo anterior, também apresentamos a descrição de uma paisagem vista por Amâncio, uma perspectiva própria de quem começa a conhecer os diferentes tipos de habitação da cidade. Naquele fragmento Amâncio acabara de passar a noite numa república, e avista do alto dela, o que parece ser um cortiço.

Já neste excerto acima, o personagem descreve a primeira vez que vai almoçar em um hotel indicado por um amigo, que apesar de também provinciano, já está na Corte há mais tempo. Amâncio estava há pouco tempo no Rio de Janeiro e até então não havia tido oportunidade nem companhia para conhecer a cidade. O deslumbre do personagem descrito neste trecho do livro, demonstra o êxtase provocado pela experiência de um ambiente que estava totalmente de acordo às antecipações que ele nutria do Rio de Janeiro.³⁴⁹

Que movimentos forma feitos para a construção de percepções como a de Amâncio? Os próximos tópicos buscam através da análise do que há de mundo imaginado pelos personagens de Aluísio e pelo próprio autor, delinear o surgimento dessas percepções, buscando confrontar a obra do escritor com o contexto histórico do último terço do século XIX.

3.2.1. O Rio de Janeiro e sua Capitalidade

Esta reflexão busca analisar o conceito de “capitalidade”. De acordo com Koselleck³⁵⁰ não é qualquer palavra que pode ser considerada um conceito. Ao sopesar o fato de que o conceito possui uma historicidade, entende-se que não é apenas um fenômeno linguístico, indica algo que vai para além da língua. O conceito pode ser muito relevante social e politicamente e seu significado pode assumir uma variação temporal, ou seja, seu sentido está associado ao momento em que é utilizado e ao contexto. Portanto, compreende-se a necessidade de uma análise cuidadosa antes de lançar mão de certas palavras, pois quando se trata de um conceito é importante verticalizar seus usos distintos, e as abordagens dos

³⁴⁸ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 64-65.

³⁴⁹ PESAVENTO, Sandra, J. *Relação entre História e Literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX E XX)*. Porto Alegre. n.4, Ed. Anos 90. 1995.

³⁵⁰ KOSELLECK, Reinhart. Uma História dos conceitos: problemas teóricos e práticos. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Vol. 5, n. 10, 1992, p.134-146. Disponível em: www.bibliotecadigital.fgv.br/brjindex.php/preharcviewARTICLE1945.pdf. Acesso em junho de 2011.

diferentes autores no que se refere ao seu sentido. No caso dos autores selecionados para este trabalho, o termo capitalidade é analisado em diferentes temporalidades e contextos.

Foram selecionadas algumas obras que discorrem sobre o termo capitalidade, sob óticas diferentes.³⁵¹ Dois dos autores³⁵² verticalizam o termo tendo como referência a cidade do Rio de Janeiro, já a última³⁵³ fala de um cenário internacional.

Após o levantamento das obras, foi feita a interpretação do material a fim de buscar um confronto entre as definições, para posteriormente justapor as mesmas. Como trata-se de um conceito, o resultado dessa justaposição foi a elaboração de algumas categorias e não uma hipótese ou problema.

A capitalidade é uma característica que começa a se desenhar em algumas cidades de acordo com acontecimentos e a posição que a mesma vai assumindo. Segundo Azevedo, a capitalidade é:

[...] fenômeno tipicamente urbano que se caracteriza pela constituição de uma esfera simbólica originada de uma maior abertura à novas ideias por parte de uma cidade, o que confere a esta um maior cosmopolitismo relativo às suas congêneres e uma melhor capacidade de operar sínteses a partir das diversas ideias que recepciona. Este conjunto simbólico que se desenvolve nas vicissitudes das experiências históricas vividas por esta urbe, identifica a cidade como espaço de consagração dos acontecimentos políticos e culturais de uma região ou país, tornando-a uma referência para as demais cidades e regiões que recebem sua influência.³⁵⁴

Já para Santos, o conceito de capitalidade “[...] pode ser definido como a coincidência entre o poder político e os organismos administrativos centrais cujo alcance ultrapassa a cidade onde se situam, repercutindo por todo o império.”³⁵⁵

De acordo com Souza a capitalidade implicaria em “[...] ter a capacidade em sintetizar perspectivas e anseios nacionais, homogeneizar hábitos, projetar a imagem de autoridade do

³⁵¹ Foram analisados trabalhos de Neves, Margarida. *Acertai vossos ponteiros*. Rio de Janeiro. MAST/CNPq. 1992, p. 55; AZEVEDO, André Nunes de. “*A capitalidade do Rio de Janeiro. Um exercício de reflexão histórica*.” IN: AZEVEDO, André Nunes. (org). *Anais do seminário Rio de Janeiro: capital e capitalidade*. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/ NAPE/ DEPEXT/ SR-3/ UERJ, 2002, p.45; SANTOS, Catarina Madeira. 1999. Apud TAVARES, Célia Cristina da Silva. *Jesuítas e Inquisidores em Goa: a cristandade insular (1540-1682)*. Lisboa: Roma Editora, 2004. 298 p.76.

³⁵² Neves, Margarida. *Acertai vossos ponteiros*. Rio de Janeiro. MAST/CNPq. 1992, p. 55; AZEVEDO, André Nunes de. “*A capitalidade do Rio de Janeiro. Um exercício de reflexão histórica*.” IN: AZEVEDO, André Nunes. (org). *Anais do seminário Rio de Janeiro: capital e capitalidade*. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/ NAPE/ DEPEXT/ SR-3/ UERJ, 2002, p.45.

³⁵³ SANTOS, Catarina Madeira. 1999. Apud TAVARES, Célia Cristina da Silva. *Jesuítas e Inquisidores em Goa: a cristandade insular (1540-1682)*. Lisboa: Roma Editora, 2004. 298 p.76.

³⁵⁴ AZEVEDO, André Nunes de. “*A capitalidade do Rio de Janeiro. Um exercício de reflexão histórica*.” IN: AZEVEDO, André Nunes. (org). *Anais do seminário Rio de Janeiro: capital e capitalidade*. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/ NAPE/ DEPEXT/ SR-3/ UERJ, 2002, p.45.

³⁵⁵ SANTOS, Catarina Madeira. Op.cit., nota 354. p.76.

Estado e, ao mesmo tempo, diluir as tensões políticas e sociais, dando coesão interna e singularidade ao país.”³⁵⁶

Considerando que a abordagem de Neves sobre o conceito de capitalidade também foi utilizada nesse trabalho é interessante verificar essa definição da autora que foi publicada em uma matéria para o Jornal da PUC, cujo autor é Macedo. Nesta matéria Neves observa que “durante esse período do início do século XIX, começou a se desenhar algo importante na história do Rio, a qualidade de ser uma capital.”

A cidade ganha feições novas para poder ser capital. Começa a se desenhar algo muito importante na história do Rio de Janeiro, que é a sua “capitalidade”. Mesmo a despeito do fato de a capital político-administrativa ter ido para Brasília, no sentimento dos moradores da cidade, essa marca de capital em muitos aspectos para o Brasil, que começa a se desenhar na vinda da Família Real, e que se consolida no Império, é muito importante.³⁵⁷

Através da análise das abordagens de alguns dos autores acima citados foi possível delinear as seguintes categorias:

1- A posição administrativa da cidade

Essa categoria foi criada ao observar a associação quase natural que se faz do termo capitalidade com a condição administrativa de uma cidade. Porém há divergência no se refere a esse liame. Para Azevedo, o fenômeno da capitalidade não é uma consequência do fato de ser capital. “(...) no concernente ao fenômeno da capitalidade, uma cidade pode tê-la sem, contudo, ser capital, como são os casos de Barcelona e Nova Iorque.”³⁵⁸ Segundo o autor a cidade do Rio já possuía capitalidade desde os tempos coloniais, porém ele deixa claro que a capitalidade do Rio vai se modificando e se remodelando conforme os novos papéis a ela designados.

Pode-se notar um posicionamento parecido no que esse refere ao trabalho de Neves, embora a autora faça uma associação direta a respeito do surgimento da capitalidade de uma

³⁵⁶ SOUZA, Rafael Lima Alves de. A velha roupa colorida: os embates entre distrito federal e cidade. In: No coração da urbe: política, cultura e memória no Rio de Janeiro de Henrique Dodsworth (1937-1945). Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, PUC, 2009, p. 20. Disponível em < https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/15438/15438_3.PDF > Acesso em 17 nov. 2018.

³⁵⁷ MACEDO, Arthur. Século em Movimento. In: Jornal da PUC. 2015. Disponível em <http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=37&infoid=3804&sid=24> Acesso em 17 nov. 2018.

³⁵⁸ AZEVEDO, André Nunes de. “A capitalidade do Rio de Janeiro. Um exercício de reflexão histórica.” IN: AZEVEDO, André Nunes. (org). Anais do seminário Rio de Janeiro: capital e capitalidade. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/ NAPE/ DEPEXT/ SR-3/ UERJ, 2002, p. 52.

cidade para que ela se torne capital, ao mesmo tempo, ela demonstra que essa capitalidade pode manter-se a despeito do fato de a cidade ser a capital político-administrativa.

Mesmo a despeito do fato de a capital político-administrativa ter ido para Brasília, no sentimento dos moradores da cidade, essa marca de capital em muitos aspectos para o Brasil, que começa a se desenhar na vinda da Família Real, e que se consolida no Império, é muito importante.³⁵⁹

Já na obra de Santos é possível observar que autora caracteriza o termo conectando-o necessariamente ao fato da cidade ser o espaço central da administração do Estado. Segundo ela a capitalidade de uma cidade está associada com a sedentarização do rei em um espaço urbano específico.

Com efeito entende-se que a posição administrativa da cidade é importante para os três autores, porém para Azevedo e Neves apesar dessa posição ser uma das possíveis motivações para o desenvolvimento da capitalidade, ela não é indispensável. Já para Santos³⁶⁰ a capitalidade está necessariamente associada à presença do rei.

2- A sua influência sobre as outras cidades do Estado

Os três autores discorrem sobre a ideia de referencial que uma cidade com capitalidade transmite. Em sua obra Neves faz uma metáfora utilizando o relógio para demonstrar essa referencialidade, na qual, a hora do Rio representa o modelo das ações a serem seguidas pelo resto país. “Era efetivamente pela hora do Rio de Janeiro que o Brasil acertava seus ponteiros.”³⁶¹ Na obra de Santos³⁶² também é possível observar o papel de referência que é atribuído a uma cidade com capitalidade. “Assim, o conceito de capitalidade pressupõe que se atente simultaneamente à existência de um Estado polarizador, e como tal, produtor de mecanismos de influencia sobre a periferia, ou seja, sobre o restante território que faz parte deste mesmo Estado.” De acordo com Azevedo também compõe o que ele chama de fenômeno da capitalidade essa característica de ser referência para as demais cidades do território.

Este conjunto simbólico que se desenvolve nas vicissitudes das experiências históricas vividas por esta urbe, identifica a cidade como espaço de consagração dos

³⁵⁹ MACEDO, Arthur. Século em Movimento. In: Jornal da PUC. 2015. Disponível em <http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=37&infoid=3804&sid=24> Acesso em 17 nov. 2018.

³⁶⁰ SANTOS, Catarina Madeira. Goa é a chave de toda a Índia. Perfil político da capital do Estado da Índia (1505-1570). Lisboa: Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

³⁶¹ Neves, Margarida. Acertai vossos ponteiros. Rio de Janeiro. MAST/CNPq. 1992, p. 55.

³⁶² Ibidem. p. 34.

acontecimentos políticos e culturais de uma região ou país, tornando-a uma referência para as demais cidades e regiões que recebem sua influência.³⁶³

3- Relação de interdependência com outras cidades do Estado

A relação que uma cidade dotada da capitalidade mantém com as outras cidades do território do Estado é sem dúvida um ponto importante para os três autores, porém os moldes nos quais essa relação se dá podem ser diferenciados em cada definição. Segundo Santos³⁶⁴, há risco de enfraquecimento da eficiência da capitalidade caso haja quebras e rupturas nas relações centro e periferia. Já na obra de Neves, essa relação é mencionada, especialmente nesse sentido da referencialidade, já abordado anteriormente, dando ênfase à função da cidade de antecipar o futuro, um modelo a ser seguido para o resto do país.

Nesse quesito, a perspectiva de Azevedo se diferencia um pouco da descrita pelos outros. O autor atribui a característica da capitalidade à forte ligação que a cidade do Rio mantém com o restante do mundo, destacando inclusive a independência da cidade com relação ao restante do país. Apesar disso, o autor demonstra em sua obra que a capitalidade do Rio de Janeiro vai se transformando de acordo com acontecimentos que modificam sua condição, como a transformação da cidade em capital do Vice-Reino no século XVIII, a chegada da corte em 1808 e mais tarde a elevação da cidade a capital do Reino além de outros acontecimentos posteriores, porém sempre reforçando a sua capitalidade.

4- Ser porta de entrada de conteúdo internacional

Como já destacado por Azevedo neste trabalho, para o autor a capitalidade está diretamente ligada ao papel da cidade de receber conteúdos internacionais e redistribuir para as outras cidade. A importância dessa característica é tão grande para o autor que ela se encontra em sua definição mais enxuta do termo:

(...) fenômeno tipicamente urbano que se caracteriza pela constituição de uma esfera simbólica originada de uma maior abertura à novas ideias por parte de uma cidade, o que confere a esta um maior cosmopolitismo relativo às suas congêneres e uma melhor capacidade de operar sínteses a partir das diversas ideias que recebe.³⁶⁵

³⁶³ AZEVEDO, André Nunes de. "A capitalidade do Rio de Janeiro. Um exercício de reflexão histórica." IN: AZEVEDO, André Nunes. (org). Anais do seminário Rio de Janeiro: capital e capitalidade. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/ NAPE/ DEPEXT/ SR-3/ UERJ, 2002, p.45.

³⁶⁴ SANTOS, Catarina Madeira. Goa é a chave de toda a Índia. Perfil político da capital do Estado da Índia (1505-1570). Lisboa: Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

³⁶⁵ AZEVEDO, André Nunes de. Op.cit. nota 364, p. 45.

Apesar da ênfase uma pouco mais intensa que o autor atribui a esse quesito, outra autora também entende esse traço como aspecto importante da capitalidade. Neves³⁶⁶ fala sobre a questão da referencialidade já citada, porém associando-a a captação das ideias internacionais, a exemplo no caso do Rio de Janeiro, das ideias europeias que remodelam a capital a fim de antecipar para o resto do país o sonho da metrópole “civilizada, “progressista” e “ordenada.”

5- Papel de representante do Estado

As obras dos autores Neves e Azevedo consideram essa questão da representatividade, no sentido de que a capitalidade é um traço da cidade que representa o país. Segundo Neves³⁶⁷, “Os textos produzidos na virada do século no Rio de Janeiro trazem muitas vezes um deslocamento discursivo eloquente: referidos a cidade em particular, terminam por incluir em suas reflexões o país em seu conjunto, passando indistintamente da parte para o todo e vice-versa.” Já na perspectiva de Azevedo essa característica de representar o país “metonímia do país” é atribuída à outra característica, a centralidade³⁶⁸, embora essa também seja comum às cidades dotadas de capitalidade. Pois ao ponderar a análise de Azevedo sobre capitalidade, observa-se que para ele a capitalidade vai se desenvolvendo e ganhando e perdendo características, o que demonstra que para ele não se trata de um termo engessado.

Algumas vezes o autor, a fim de explicar esse desenvolvimento da capitalidade no que se refere ao Rio de Janeiro, aborda o termo dividindo-o em fases. Ele fala de uma “capitalidade primeva” ou seja aquela já existente a partir do primeiro recorte temporal por ele examinado e capitalidade que foi se desenvolvendo juntamente com o desenvolvimento da cidade. Considerando esta análise pode-se dizer que essa capitalidade continua seu desenvolvimento no século XX. No início do novo século esse era o cenário do Rio de Janeiro:

A cidade do Rio de Janeiro abre o século XX defrontando-se com perspectivas extremamente promissoras. Aproveitando de seu papel privilegiado na intermediação dos recursos da economia cafeeira e de sua condição de centro político do país, a sociedade carioca viu acumular-se no seu interior vários recursos enraizados principalmente no comércio e nas finanças, mas derivando já também para as aplicações industriais. [...] Essas condições prodigiosas fizeram da cidade o maior centro comercial do país. Sede do Banco do Brasil, da maior bolsa de valores

³⁶⁶ TUAN, Yi-fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo. Ed. Difel. 1983.

³⁶⁷ Neves Margarida ,p. 55.

³⁶⁸ Conceito definido por Azevedo (2002, p. 52) como “(...) a propriedade de uma cidade de ser o centro pelo qual devem passar os principais acontecimentos políticos e culturais de um país.”

e da maior parte das casas bancárias nacionais e estrangeiras, o Rio polarizava também as finanças nacionais.³⁶⁹

Após a comparação e análise simultânea dos aspectos delineados, pode-se concluir que embora haja divergências entre as obras, as três relacionam o desenvolvimento da capitalidade à posição administrativa da cidade, porém as controvérsias aparecem à medida que essa característica é apresentada como condição *sine qua non* ou não. A chegada da família real no Rio de Janeiro em 1808 tornou, de fato, a cidade diferente das demais colônias portuguesas, foi após esse acontecimento que o Rio de Janeiro passou a receber mais pessoas de outros locais.³⁷⁰

As obras concordam no que se refere à ideia de referencialidade, não há dúvidas de que para os autores analisados, falar de uma cidade com capitalidade é falar de uma cidade que é referencial para o restante do Estado. As três obras analisadas destacam a relação das cidades dotadas de capitalidade com as demais cidades do país, seja ela uma relação de dependência para com as mesmas, ou de cidade modelo da qual as outras dependem de alguma maneira. Essa ideia de cidade modelo associa-se também com a apropriação dos conteúdos internacionais que é feita pelo país através da cidade com capitalidade, que atua como um “filtro” que recepciona os conteúdos de fora, refina-os para a realidade do país e os redistribui por todo o território.

Portanto essa ideia da cidade do Rio como porta para o resto do Brasil também pode ser aplicada no sentido contrário, entendendo que a cidade, assim como mencionado por Azevedo, que possui capitalidade também funciona como “metonímia” do país para o cenário internacional.

3.2.2. Comparando percepções

Mediante a apreciação teórica de fontes literárias, historiográficas e analíticas, buscamos identificar variadas percepções da cidade enquanto espaço. As análises foram feitas, como já argumentado, com base na obra *Casa de Pensão*. Através desse fio condutor, foi feita a distinção entre a percepção daquele que vive a cidade distante de uma lógica de trabalho, e a percepção do habitante da cidade. O primeiro grupo é representado pelo

³⁶⁹ SEVCENKO, Nicolau. A inserção compulsória do Brasil na Belle Époque. In: *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense. p. 13-23. 1999, 27.

³⁷⁰ AZEVEDO, André Nunes de. “A capitalidade do Rio de Janeiro. Um exercício de reflexão histórica.” IN: AZEVEDO, André Nunes. (org). Anais do seminário Rio de Janeiro: capital e capitalidade. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/ NAPE/ DEPEXT/ SR-3/ UERJ, 2002, p.45.

personagem Amâncio de *Casa de Pensão*, pelo *Flâneur* de Baudelaire e pelo turista, e o segundo grupo é representado por alguns outros personagens do livro *Casa de Pensão*. Além disso, são feitas reflexões sobre a relação entre anonimato, liberdade e vigilância no espaço urbano; modernidade, literatura, circulação e apropriação de ideias europeias no Brasil do século XIX; identidade e antecipações a respeito da cidade.

Ao inserir a questão do fenômeno turístico no Rio de Janeiro não pretendemos aqui cometer nenhum anacronismo. É certo que o termo turismo surge também com a modernidade e só começa a ser academicamente estudado no período entre 1919 e 1938, porém o momento que esse nome surge não marca necessariamente o seu começo, mas sim a sua legitimação como atividade socioeconômica. A atividade turística é muito anterior, e não recebia tal nomenclatura. Os estudos relacionados ao turismo começam no entendimento dos deslocamentos³⁷¹, do comportamento dos estrangeiros e daqueles que o recebiam.

Essa dissertação busca entender a construção das percepções do Rio de Janeiro como cidade emblemática, que, como já apontado, são percepções antigas e estiveram atreladas à formação da sua capitalidade. Nesta análise nos propusemos a levantar alguns questionamentos. Qual era a percepção do outro em relação ao Rio de Janeiro no século XIX? A escolha do livro *Casa de Pensão* como fonte está diretamente ligada a essa pergunta. Pois foi a descrição de Amâncio sobre o Rio de Janeiro e seu desejo de visitá-lo que serviu de ponto de partida para algumas análises.

O comportamento de Amâncio pode ser comparado ao comportamento do turista. Embora Amâncio não possa ser definido como turista,³⁷² pois, além do anacronismo que geraria esse rótulo, ele estaria fora do que a definição de turista exprime, por ter ido morar no Rio de Janeiro e não apenas visitar³⁷³. Apesar disso, ele nos ajuda compreender a percepção do outro em relação ao Rio de Janeiro, e a formação da identidade da cidade, endossada por seus habitantes e agentes que buscam legitimar a sua capitalidade.

Benjamim, ao analisar a obra de Baudelaire³⁷⁴ (1821-1867), explica que sua visão sobre a multidão urbana se difere da de outros autores que a enxergam de uma maneira negativa justamente pelo anonimato dos indivíduos que a compõem. Destaca o individualismo e a falta de empatia desses personagens. Benjamim compreende esse individualismo como

³⁷¹ ASSUNÇÃO, Paulo de. História do Turismo no Brasil Entre os Séculos XVI e XX: viagens, espaço e cultura.

³⁷² Organização Mundial de Turismo (OMT). Introdução ao turismo. Trad. Dolores Martins Rodriguez Córner. São Paulo: Roca, 2001, p. 38.

³⁷³ Definição de 1998: "O turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras" (OMT, 2001, p. 38).

³⁷⁴ BAUDELAIRE, Charles. Sobre a Modernidade, Rio de Janeiro. Ed.Paz e Terra, 1996.

reflexo da economia mercantil, na qual os sujeitos se entendem como mercadoria, enquanto força de trabalho, e dentro dessa ordem produtiva não se sentem atraídos a ter empatia pela mercadoria, estão isolados em seus interesses privados.

No entanto para Benjamim³⁷⁵, Baudelaire ainda não chegara nesse nível, no sentido de consciência do seu modo de existir dentro da cadeia produtiva. No liame desta perspectiva é possível estabelecer nesse ponto uma comparação entre o *Flanêur* de Baudelaire com o personagem Amâncio. Este, assim como o *Flanêur*, ainda não fora tão longe em sua percepção como parte da cadeia produtiva, nesse caso não por causa do período em que a história se passa, mas devido ao espaço que vinha ocupando até então, a província. A emergência da modernidade, portanto, de uma lógica mais próxima do pensamento do progresso já está muito mais estabelecido na Corte.³⁷⁶ Essa mentalidade de Amâncio fica explícita neste trecho: “[...] estalava por cair no meio desse formigueiro, desse bulício vertiginoso, cuja vibração lhe chegava aos ouvidos como os ecos longínquos de um saturnal.”³⁷⁷

Benjamim explica que a classe dos pequenos burgueses à qual Baudelaire pertencia “[...] ainda não chegara tão longe.” E por isso a construção de sua percepção como parte da ordem produtiva ainda estava no início. Com efeito, podia então “ir passando o tempo”, a parte que lhe cabia, ainda que temporariamente, consistia em prazer e não poder. O *Flanêur* “deixava que o espetáculo da multidão agisse sobre ele,” o que não quer dizer que ele não tinha consciência da terrível realidade social que o cercava, mas sua consciência é comparada a dos inebriados que “ainda” permanecem conscientes da realidade.

Tanto o *Flanêur*, como Amâncio, possuem uma perspectiva parecida com a do turista. Pois enxergam a cidade por um prisma diferente de seus habitantes. Enquanto os habitantes da cidade estão mais conscientes da “ordem produtiva”, portanto, muito mais preocupados com a perseguição de interesses econômicos e de poder, os outros personagem estão em busca de prazer.

Estes trechos da obra *Casa de Pensão* demonstram a inquietude de Amâncio na província: “Julgou-se infeliz, sacrificado nas suas aspirações, no seu ideal. Precisava viver gozar, gozar sem limites!”³⁷⁸ Para Amâncio, o Rio de Janeiro seria a realização de seus

³⁷⁵ BENJAMIN, Walter: "Paris do Segundo Império". In: Obras escolhidas. Vol. III. Trad. José Carlos Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1989.

³⁷⁶ Ibidem., p. 55

³⁷⁷ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Ed. Escala Educacional, 2006, p.30.

³⁷⁸ Ibidem. p.27.

anseios. “A Corte, sim! É que lhe havia de proporcionar boas conquistas. ‘Ia principiar a vida!’ E nessa disposição, chegou ao Rio de Janeiro.”³⁷⁹

O *Flanêur*, devido ao fato de ainda não se inserir completamente nesta lógica que está começando a surgir em sua sociedade, Amâncio, por ter acabado de chegar a Corte, onde a modernidade já começou a se fazer presente de forma mais incisiva do que na província da onde vem, e o turista por estar fora do seu tempo de produção, por estar em seu tempo de lazer, enxergam a cidade sob outra óptica.

Amâncio chega à cidade com expectativas daquilo que ouviu sobre ela, ele tem em sua mente uma cidade imaginada. As suas primeiras impressões da cidade, não são impressões de turista, por que, sua experiência é de habitante. Segundo Sarlo (2014), o uso que o turista faz da cidade é diferente do uso dos habitantes, pois os habitantes fazem dela um uso econômico ou de trabalho, enfrentando hostilidades que não são enfrentadas pelo turista. O turista vai a locais específicos, não tem que parar para realizar obrigações, e tem tempo.

Os habitantes da cidade ao perceberem isso, no caso de Amâncio e do turista, quase que naturalmente os inserem em sua perspectiva de mercadoria, calculando formas de lucrar através desse indivíduo desconexo. Seja se aproveitando da ingenuidade daqueles que não conhecem os códigos sociais daquele espaço, ou explorando a sua busca por prazer, estudando, tentando adivinhar e oferecer-lhes o que desejam.

Apesar dos esforços da família retratada em *Casa de Pensão* por satisfazer seus interesses financeiros à custa do personagem Amâncio, não é apenas o jogo de interesse que faz com que os habitantes da Corte procurem endossar uma imagem positiva a respeito do Rio de Janeiro. Estes trechos do livro apontam para o esforço de uma das personagens da obra em tentar reafirmar a imagem positiva do Rio de Janeiro diante do provinciano que nutria altas expectativas:

-Não tenho desgostado da Corte, dizia a brincar com sua medalha da corrente – mas, confesso, esperava melhor... Lá de fora, sabe V. Excia? A coisa parece outra. Fala-se tanto do Rio!... Pintam-no tão grande, tão bonito, que o pobre provinciano, ao chegar aqui, logo sofre uma terrível decepção!... Pelo menos comigo foi assim!³⁸⁰

Acrescentando que a natureza do Brasil vale por todas as maravilhas da Europa, a personagem responde: “Pois suspenda esse juízo a respeito do Rio, até conhecer os arrabaldes, acrescentou a dona da casa. –Só por eles se poderá julgar o quanto é bela e grandiosa esta cidade! Oh! A natureza do Brasil!”³⁸¹ De acordo com Pesavento, o imaginário a respeito de

³⁷⁹ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Ed. Escala Educacional, 2006, p.29.

³⁸⁰ *Ibidem.*, p. 73.

³⁸¹ *Ibidem.*, p. 73.

uma cidade é construído através de uma base de apoio em condições concretas, mas também de intenções relativas à formulação e legitimação de certas ideias e imagens. Nas palavras da autora:

Enquanto representação, a identidade imposta, atribuída e/ou construída não é aceita passivamente, mas endossada, por ele corresponde às necessidades do inconsciente coletivo, há uma busca de raízes, prestígio social, reconhecimento e - sobretudo - por que ela é dotada de uma carga de positividade.³⁸²

Considerando as ponderações aqui levantadas, pode-se dizer que para analisar a cidade é interessante definir algumas perspectivas, visto que como um espaço complexo a cidade possui vários aspectos. A possibilidade de entendê-la como sujeito, que reduz em si muitos outros sujeitos, aqueles que praticam a cidade, facilita a sua reflexão. Quando se busca compreender a cidade a partir desta perspectiva, investiga-se na verdade a sociedade, sua relação com o espaço, e logo, com a própria sociedade como destaca Santos³⁸³.

3.2.3 Vigilância e anonimato

A sociedade descrita na obra de Aluísio reflete esse cenário de uma cidade especialmente contraditória, o que marca o último terço do século XIX, assim como já demonstrado anteriormente. De acordo com Pesavento (1995), nesse período a modernidade chegava ao Rio de Janeiro da Belle Époque, encorajada pela emergência da burguesia em um país de raízes coloniais e escravistas.

O personagem queixa-se em vários momentos da trama, do incômodo que o acompanhou por toda infância. O incômodo da vigilância:

O Rio de Janeiro afigurava-lhe uma Paris de Alexandre Dumas ou de Paulo de Kock, um Paris cheio de canções de amor, um Paris de estudantes e costureiras, no qual podia ele à vontade correr as suas aventuras, sem fazer escândalo como no diabo da província”.³⁸⁴

Com efeito, nota-se a ânsia do personagem Amâncio por livrar-se dessa vigilância. Em seus pensamentos, ele acredita que na Corte será diferente. Como o *Flâneur* de Baudelaire³⁸⁵, que se regozija em meio à multidão por estar oculto. Baudelaire faz uma comparação com “[...] o príncipe que frui por toda parte do fato de estar incógnito.” Entende-se que a cidade pode de fato, gerar essa sensação de anonimato, especialmente em meio às multidões. De

³⁸² PESAVENTO, Sandra, J. *Relação entre História e Literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX E XX)*. Porto Alegre. n.4, Ed. Anos 90. 1995, p.121-122.

³⁸³ SANTOS. Milton. *A natureza do espaço*. Técnica e Tempo. Razão e emoção. São Paulo. Ed. Universidade de São Paulo. 2006.

³⁸⁴ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Ed. Escala Educacional, 2006, p. 16.

³⁸⁵ BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*, Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1996.

acordo com Azevedo, “O crescimento populacional traz maior complexidade e impessoalidade à vida urbana, fenômeno que contribui para a modificação de valores e comportamento na urbe.”³⁸⁶

Diferente do que acontecia na província, na qual o personagem Amâncio de Aluísio Azevedo morava, na cidade do Rio ele era quase um desconhecido, uma das poucas pessoas que sabiam de quem ele se tratava era Campos, amigo de seu pai, ao qual foi recomendado. Está claro neste trecho que ficar em torno de pessoas conhecidas representava para Amâncio uma sensação de vigilância e controle, por isso o personagem resolveu sair o quanto antes da casa de Campos. O que Amâncio busca é ficar longe dos que o observam.

Neste outro trecho pode-se notar, mais uma vez, a aflição do personagem em conseguir finalmente alcançar uma “sombra” representada pelo anonimato:

(...) tanto mais impacientes lhes rosnavam os seus sentidos e tanto mais desabrida lhe vinha à necessidade de gozar, de viver em liberdade, de recuperar o tempo que levou sopeado e preso. – Em fim! Concluiu ele erguendo-se distraído e abandonando o café – a casa de Campos não me convém! De forma alguma!³⁸⁷

Amâncio, que acreditava poder finalmente se livrar da obrigação de sempre manter uma boa conduta, devido ao fato de estar no Rio de Janeiro.

[...] já referida por um relatório da polícia na virada para o século XIX: ‘É quase impossível – escreve um agente secreto parisiense em 1798 – manter uma boa conduta numa população densamente massificada, onde cada um é, por assim dizer, desconhecido de todos os demais, e não precisa enrubescer diante de ninguém.’³⁸⁸

É possível constatar que independente de ser na província ou na Corte há sempre formas de vigilância coexistindo nos lugares. No caso de Amâncio a vigilância que o incomodava na província era uma vigilância que busca disciplinar:

Nunca saia de casa, sem levar atrás de si um escravo para o vigiar, para o impedir de fazer travessuras e obrigá-lo a caminhar com modo, direito, sério como um homem. Afinal escapou do professor, sim! Mas continuou sob a vigilância do pai, do tio, das tias; todos o rondavam;³⁸⁹

Os relatos de Amâncio sobre a sua infância demonstram a repressão a qual o personagem estava submetido, em todos os lugares que frequentava. Essa repressão chefiada por seus pais e professores advém de uma intenção de disciplinar de acordo com suas concepções “atrasadas” na perspectiva de Aluísio. Buscando ver-se livre dessa vigilância da

³⁸⁶ AZEVEDO, André Nunes de. “A capitalidade do Rio de Janeiro. Um exercício de reflexão histórica.” IN: AZEVEDO, André Nunes. (org). Anais do seminário Rio de Janeiro: capital e capitalidade. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/ NAPE/ DEPEXT/ SR-3/ UERJ, 2002, p. 50.

³⁸⁷ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Ed. Escala Educacional, 2006, p. 54.

³⁸⁸ SCHMIDT, 1870. p. 337 apud BENJAMIN, Walter: “Paris do Segundo Império”. In: Obras escolhidas. Vol. III. Trad. José Carlos Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1989, p. 38.

³⁸⁹ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Ed. Escala Educacional, 2006, p. 51.

província, Amâncio acaba demonstrando certa ingenuidade e passa a ser alvo de outro tipo de vigilância. Certeau³⁹⁰, fala sobre a vigilância presente na cidade: “poder tecnocrático, que põe o habitante sob vigilância (de quê? Não se sabe)”.

Em sua obra, João do Rio ao expressar seus pensamentos sobre as ruas do Rio de Janeiro destaca que em algumas, esse controle chega a ser uma forte característica: “Há, entretanto outras ruas, que nascem íntimas, familiares, incapazes de dar um passo sem que todas as vizinhas não saibam. As ruas de Santa Teresa estão nessas condições.”³⁹¹ É importante destacar que ao longo de toda sua obra, João do Rio discorre sobre as ruas colocando-as no papel de sujeito. Várias características dos elementos que constituem as ruas, especialmente as pessoas que nelas circulam, são atribuídas à própria rua.

De acordo com Certeau³⁹², há uma figura de estilo que refere-se a uma palavra que “designa uma parte no lugar do todo que a integra.” Trata-se da sinédoque, que seleciona um elemento do espaço para representar uma totalidade, substituindo-o “[...] (o velocípede ou o móvel à venda vale por uma rua inteira ou pelo bairro).” Como no caso das ruas de Santa Teresa, João do Rio, ele descreve a impossibilidade de dar um passo em uma delas, sem que todas as vizinhas não saibam. E depois ele continua sua descrição destacando uma das ruas como mais tagarela e leviana do que as outras. Com efeito, lançando mão da mesma figura de estilo, pode-se dizer que, na verdade, ele está descrevendo ruas que observam e que vigiam.

No caso da obra *Casa de Pensão*, essa outra vigilância agora na cidade, está relacionada à observação dos habitantes da cidade, que não conhecem Amâncio, mas passam a especular sobre sua vida, reconhecendo no personagem uma chance de satisfazer seus interesses privados.

Além da busca pelo anonimato, a fim de gozar de maior liberdade, outras razões também despertam em Amâncio o desejo ardente por deslocar-se para a Corte.

Seu espírito excessivamente romântico, como de todo maranhense nessas condições, pedia uma grande cidade, velha, cheia de ruas tenebrosas, cheias de mistérios, de hotéis, de casas de jogo, de lugares suspeitos e de mulheres caprichosas; fidalgas encantadoras e libertinas, capazes de tudo, por um momento de gozo. E Amâncio sentia necessidade de dar começo aquela existência que encontrara nas páginas de mil romances.³⁹³

Resgatando a cidade-conceito de Certeau³⁹⁴ destaca-se a sua percepção da cidade como “ao mesmo tempo a maquinaria e o herói da modernidade.” Apesar de que sua análise

³⁹⁰ CERTEAU, Michel. *A invenção do Cotidiano*. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes. 2013, p. p.170.

³⁹¹ RIO, João do. *A alma encantadora da rua: Crônica*. Rio de Janeiro. Ed. Secretária municipal de cultura. p. 9.

³⁹² CERTEAU, Michel. *A invenção do Cotidiano*. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes. 2013, p. 168.

³⁹³ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Ed. Escala Educacional, 2006, p. 16 e 17.

³⁹⁴ CERTEAU, Michel. *A invenção do Cotidiano*. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes. 2013, p.116.

aponta para a falha dessa cidade como maquinaria, pode-se aproveitar a ideia de cidade como herói da modernidade, sobretudo considerando que:

[...] é só no século XIX, com o desenvolvimento econômico propiciado pelo ingresso no Brasil no processo de transição capitalista, que as cidades passam a ter uma presença mais marcante na vida brasileira, tanto enquanto concretude, quanto como objeto de representação.³⁹⁵

Segundo Mello, os forasteiros se decepcionavam com a Rua do Ouvidor, pois ela era na verdade quase um “beco”. De fato, o que realmente tornava a Rua do Ouvidor tão famosa não era sua aparência, mas os acontecimentos que nela ocorriam e as pessoas que a frequentavam. Essa rua dava notoriedade ao que se passava, pois as pessoas sabiam que os personagens da vida social, artística e intelectual eram reconhecidos lá. O que ocorria na Rua do Ouvidor se tornava nacional. Os habitantes da cidade a frequentavam no intuito de se inteirar da vida política e social não só do Rio de Janeiro mais do Brasil. O personagem Amâncio também confessa sua decepção diante da tão proclamada rua:

Amâncio, como qualquer outro provinciano que ainda não tivesse ocasião de apreciar o Rio de Janeiro, julgava-se tão desiludido a respeito dele, quanto a respeito de estudos. -Sempre imaginei que fosse outra coisa!... Disse. -A tal Rua do Ouvidor, por exemplo!³⁹⁶

A Rua do Ouvidor era onde se falava e se era ouvido. Tal qual o café descrito por Poe, que ficava numa das principais artérias da cidade, e por isso muito movimentado, encantava o personagem de Poe, “[...] o mar tumultuoso de cabeças humanas enchia-me de uma emoção deliciosamente inédita.”³⁹⁷ Os cafés da Rua do Ouvidor também eram repletos de uma atratividade que ia além do serviço proposto por esses estabelecimentos. Mas diferente do homem da multidão, as pessoas que frequentavam essa rua não somente observavam, mas também ouviam, e acima de tudo, muitas delas eram observadas, e ouvidas. Nas palavras de João do Rio:

Vede a Rua do Ouvidor. É a fanfarrona em pessoa, exagerando, mentindo, tomando parte em tudo, mas desertando, correndo os taipais das montras à mais leve sombra de perigo. Esse beco inferno de pose, de vaidade, de inveja, tem a especialidade da bravata.³⁹⁸

Aluísio Azevedo demonstra sua veia crítica inflada pela circulação das ideias da modernidade, elas traduzem-se em suas obras. Em *Casa de Pensão*, o jogo de interesses que cresce em torno de Amâncio é compatível com a mentalidade de Aluísio que atribuía ao

³⁹⁵PESAVENTO, Sandra, J. *Relação entre História e Literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX E XX)*. Porto Alegre. n.4, Ed. Anos 90. 1995., p. 118.

³⁹⁶AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Ed. Escala Educacional, 2006, p. 35.

³⁹⁷POE, Edgar Allan. *Poemas e Ensaios*. São Paulo: Globo, 1999. 3. ed. revista.

³⁹⁸RIO, João do. *A alma encantadora da rua: Crônica*. Rio de Janeiro. Ed. Secretária municipal de cultura, p.8.

processo de desenvolvimento da humanidade o egoísmo do indivíduo. Segundo Andre Azevedo:

O Rio de Janeiro saía de uma visão romântica da cidade, de base holística, na qual a civilização era entendida como uma unidade orgânica, sendo o valor e o ideal político maior a ser atingido, para uma visão iluminista de cidade, de base individualista, entendida como lugar de uma solidariedade mecânica, na qual o único limite a expansão das individualidades seria a lei – caso porventura fosse respeitada.³⁹⁹

O trecho a seguir demonstra bem a crítica social de Aluisio de Azevedo. Trata-se do momento em que o personagem Coqueiro convence a sua esposa de que Amâncio representa uma oportunidade de atingirem seus interesses:

É um achado precioso! Ainda não há dois meses que chegou do Norte, anda as apalpadelas! Estivemos a conversar por muito tempo: - é filho único e tem a herdar uma fortuna! Ah! Não imaginas: só pela morte da avó, que é muito velha, creio que a coisa vá para além de quatrocentos contos!⁴⁰⁰

Como explicado anteriormente, a família da pensão da obra *Casa de Pensão* arma um plano para garantir um bom casamento para Amélia; para eles Amâncio era o melhor meio de garantir o futuro financeiro da menina e conseqüentemente da família.

Para fazer com que isso acontecesse eles agem com despreocupação frente aos limites e valores morais, desde que alcançassem o fim de obter os seus interesses. Nesse fragmento do texto a menina aponta que foi maltratada por Amâncio, mas seu irmão ignora a humilhação sofrida pela irmã, e a aconselha a fechar os olhos para isso, a fim de garantir o casamento promissor.

Mas a rapariga, com uma pontinha de desânimo, contrapunha-lhe o feio procedimento de Amâncio para com ela naqueles últimos tempos. Apontou as cenas de alteração que mais a humilharam; disse as frases grosseiras que ouvira do amante, as ameaças que recebera [...] Não faça disso caso! Discreteou o irmão. – Isto não vale nada!... fecha por enquanto os olhos a todas essas coisas! Não convém o menor espalhafato antes que o tenha seguro de pés e mãos! Nada de espantar a çaça!⁴⁰¹

Resgatando as reflexões anteriores, tanto o perigo que cerca Amâncio, como a sua busca por liberdade no Rio de Janeiro podem ser associadas à mentalidade de Aluísio influenciada pelas ideias de Comte como analisado neste capítulo. Esse perigo seria devido ao egoísmo dos indivíduos que ainda não atingiram a fase positivista em sua mentalidade, portanto, não eram capazes de ações genuinamente benevolentes, seu comportamento estaria

³⁹⁹ AZEVEDO, André Nunes de. *A grande reforma urbana do Rio de Janeiro*: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso. Rio de Janeiro. Ed. PUC-RIO, 2016, p. 89.

⁴⁰⁰ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Ed. Escala Educacional, 2006, p. 68.

⁴⁰¹ *Ibidem*. p. 21.

sempre voltado para os próprios interesses. O trecho acima demonstra esse egoísmo de Coqueiro que desconsidera a aflição e humilhação da irmã em prol de seu plano para alcançar a riqueza. Seria necessária a moralização dos capitalistas para que a paz e a preocupação com o coletivo se tornassem genuínos.

Aluísio denuncia a falsa moral e o desmazelo com a família praticado pelo personagem em função de sua mentalidade. Ao mesmo tempo, numa realidade tão egoísta, o indivíduo, representado por Amâncio, se vê vulnerável aos golpes daqueles que buscam a acumulação monetária.

Amâncio, embora seja vítima dessa lógica de interesses, também pode ser compreendido como imbuído de uma mentalidade anterior ao pensamento positivista. Seu comportamento também é egoísta, não controla seus impulsos e é entendido como um “louco”, um “sensual”. O seu deslocamento para a Corte em busca da liberdade coloca o Rio de Janeiro em um patamar diferenciado do restante do país. De acordo com a perspectiva daqueles que consideravam as ideias de Comte, o positivismo era o caminho para liberdade do indivíduo. O homem, através da ciência positivista seria liberto das mitologias e do medo da natureza. O medo que Amâncio sentiu durante toda a sua vida era proveniente da tirania daqueles que, com mentalidades teológicas e metafísicas, buscavam através do artifício do medo obrigá-lo a ser um indivíduo “direito”.

Considerando as apreciações sobre o positivismo francês e as ponderações sobre capitalidade, chegamos ao entendimento que aqui se verticaliza. Ao descrever a busca de Amâncio pelo Rio de Janeiro, Aluísio demonstra que, tal qual a França, que era para Comte o lugar onde o “esclarecimento” predominava, o Rio de Janeiro seria para o Brasil esse polo do pensamento positivista e de outras ideias que incorporavam essa doutrina, como republicanismo e as noções científicas. Portanto, o Rio de Janeiro representaria o lugar da liberdade.

Essas transposições de ideias europeias para o Brasil – sobretudo, pela porta do Rio de Janeiro – aparecem ao longo de toda obra *Casa de Pensão*. Seus personagens demonstram suas concepções do que seria o Rio de Janeiro em fins do século XIX, ajudando a constituir percepções de um Rio de Janeiro emblemático que figura no que há de mais imaginado de suas mentalidades.

3.3.As percepções que se quer constituir: circulação e apropriação de ideias europeias

Após a transformação do Rio de Janeiro em capital (1763), a vinda da família real para o Brasil (1808) e o aumento do comércio portuário, como explica André Azevedo, após esses adventos, a vinda de estrangeiros e o aumento dos vínculos do Rio de Janeiro com o exterior eram crescentes, a cidade ganhava em cosmopolitismo.⁴⁰²

Voltamos a falar da abertura dos portos, mas agora com objetivo de uma nova reflexão: entender o processo de entrada e apropriação das ideias europeias no Rio de Janeiro. A abertura dos portos impulsionou a dinâmica comercial da cidade, aumentando as exigências da população. Tanto a elite como alguns setores das camadas médias passaram a ter maior acesso a artigos importados e a se preocupar com luxo e sofisticação. “O fetiche que os cariocas reverenciavam nos importados de luxo tinha a ver com querer ser um aristocrata europeu”.⁴⁰³

Todavia, nesse contexto acontecia uma troca de influências bilateral entre o Rio de Janeiro e o mundo. Segundo Pesavento, um dos pontos fundamentais para a definição da identidade política e cultural da cidade do Rio de Janeiro é o cosmopolitismo que, a partir desse momento, estava definitivamente e legalmente ligado à dinâmica do mundo atlântico e em especial à Europa.⁴⁰⁴

A experiência da Corte para a cidade distinguiria não somente mudanças legais, mas uma gama de elementos simbólicos correlacionados com a construção ideal do espaço central de um império.⁴⁰⁵ O Rio de Janeiro era a capital do reino, ministros e conselheiros planejavam fundar um império que demonstrasse poder, estabelecendo uma nova identidade.⁴⁰⁶ De acordo com André Azevedo⁴⁰⁷, a Europa havia sido desde sempre o modelo de civilização⁴⁰⁸

⁴⁰² AZEVEDO, André Nunes de. “A capitalidade do Rio de Janeiro. Um exercício de reflexão histórica.” IN: AZEVEDO, André Nunes. (org). Anais do seminário Rio de Janeiro: capital e capitalidade. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/ NAPE/ DEPEXT/ SR-3/ UERJ, 2002, p. 54.

⁴⁰³ NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo. Ed: Companhia das letras. 1993, p. 193.

⁴⁰⁴ PESAVENTO, Sandra, J. *Relação entre História e Literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX E XX)*. Porto Alegre. n.4, Ed. Anos 90. 1995.

⁴⁰⁵ SARMENTO, Carlos Eduardo. *O Coração do Brasil*. A Cidade do Rio de Janeiro e a Configuração de seu Panorama Sociopolítico. In: _____. *O Rio de Janeiro na Era Pedro Ernesto*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

⁴⁰⁶ Adotamos aqui a definição de Pesavento (1995, p.152): “A identidade como se sabe, é uma construção simbólica, que estabelece uma comunidade de sentido e um ponto de referencia do mundo.”

⁴⁰⁷ AZEVEDO, André Nunes de. *A grande reforma urbana do Rio de Janeiro*: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso. Rio de Janeiro. Ed. PUC-RIO, 2016, p. 43.

⁴⁰⁸ De acordo com Azevedo (2016. p. 46) a palavra “civilização” é entendida como um estado ou uma ação, segundo o autor, há uma ligação entre “progresso” e “civilização” que está relacionada a uma sociedade com mais equidade social, a lei e a justiça, a polidez, o desenvolvimento material técnico, a cultura, a ciência e ao campo estético. Segundo o autor “o que se entendia por “civilização”, nas ultimas décadas do Brasil Império, significa “progresso”.

utilizado pela monarquia do Brasil, logo, a mudança desses paradigmas na Europa iria repercutir no país.

A tentativa de se aproximar dos costumes europeus, grosso modo, criava uma série de imposições estéticas e culturais que definiam o que poderia ser considerado bom ou sofisticado. Pode-se dizer que o gosto, a forma de se vestir, a arte e até o consumo possuem historicidade. Segundo Facina:

[...] a época moderna, quando a modernização capitalista colocava em xeque as hierarquias sociais baseadas em linhagens e no sangue. O campo artístico acabou por cumprir a função de distinção social ao definir o que se poderia chamar de “nobreza do gosto”. Ao mesmo tempo que o gosto necessita de uma educação específica, sendo, portanto adquirido, ele aparece como uma espécie de dom inato que produz uma absolutização da diferença. O “bom gosto” é visto como algo que se possui ou não e que orienta desde os paladares e as formas de se vestir até o consumo e a fruição das obras de arte.⁴⁰⁹

Segundo André Azevedo⁴¹⁰, o monarca trouxe ao Rio a missão artística francesa para fomentar a civilização e para o “apuramento estético dos súditos”, além de promover a vinda dos “diplomados da Universidade de Coimbra que pra cá trariam o espírito civilizador”. É possível observar que o governo português recebe a missão artística colocando-os em um patamar que Sarmento⁴¹¹ chama de heróis civilizadores, pois poderiam magicamente elevar a cidade ao status de corte dentro dos padrões europeus. O “Progresso no Brasil monárquico seria, portanto, o movimento da civilização no tempo. O caminhar da instauração e aperfeiçoamento de uma civilização de matriz europeia nos trópicos.”⁴¹²

Como já demonstrado, a segunda metade do século XIX foi um período de muitas mudanças na estrutura urbana do Rio de Janeiro, apesar da implementação de novos aparatos urbanos como algumas ferrovias, sistema de esgoto, iluminação a gás em casas e melhoramento dos meios de transporte, o Rio de Janeiro estava muito longe de atingir o padrão das cidades europeias. Somente os moradores das províncias tinham essa perspectiva do Rio de Janeiro como cidade de grande prestígio e magnificência. Aqueles que já haviam visitado a Europa sabiam que o Rio, com suas epidemias, saneamento urbano segurança incipientes e grande quantidade de escravos nem sequer se aproximava das cidades consideradas modelo de Civilização, no século XIX na França e na Inglaterra. Os estrangeiros

⁴⁰⁹ FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

⁴¹⁰ AZEVEDO, André Nunes de. *A grande reforma urbana do Rio de Janeiro*: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso. Rio de Janeiro. Ed. PUC-RIO, 2016, p. 54.

⁴¹¹ SARMENTO, Carlos Eduardo. *O Coração do Brasil*. A Cidade do Rio de Janeiro e a Configuração de seu Panorama Sociopolítico. In: _____. *O Rio de Janeiro na Era Pedro Ernesto*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

⁴¹² AZEVEDO, André Nunes de. *Op.cit.*, p. 73.

valorizavam no máximo a sua natureza surpreendente, porém os problemas da cidade não eram negados.⁴¹³

O deslumbramento do personagem provinciano Amâncio de *Casa de Pensão* já foi demonstrado algumas vezes nesse trabalho. Para ir para o Rio de Janeiro, Amâncio preferiu fazer um curso do qual não tinha vocação e que não lhe despertava nenhum prazer como a Medicina, a estudar Direito que realmente era o curso de sua preferência, mas que, para sua insatisfação, era na província⁴¹⁴. Em um trecho do livro, ao demonstrar certa frustração em relação às expectativas que nutria sobre o Rio de Janeiro. O personagem recebe em resposta os argumentos de Mme. Brizard. Ela tinha 50 anos e viera ao Brasil ainda jovem com seu marido também estrangeiro e republicano, devido a perseguições políticas. Neste trecho, a senhora defende o Rio de Janeiro, argumentando que ele precisaria conhecer sua natureza exuberante antes de fazer juízo do Rio.⁴¹⁵

Neste excerto da obra *Casa de Pensão* é possível verificar a visão de um dos personagens que pertencia à alta sociedade do Rio de Janeiro. O personagem queria obrigar o filho criança a tomar conhaque a fim de lhe fazer um homem forte, e ao ser repreendido pela mulher argumenta com a seguinte fala: “Qual sufocar o quê! Por essas e outras é que, para os estrangeiros não passamos de uns ‘macacos’! A mulher que se desse o trabalho de saber como se fazia na Europa a educação física das crianças!”⁴¹⁶

Em outros trechos da obra é nítida a tentativa de afirmação dos indivíduos, especialmente ao considerar que a Europa era na segunda metade do século XIX o modelo a ser seguido pelas outras cidades, alguns costumes eram quase uma obrigação para quem queria ser aceito.

“-Tu falas francês?... inquiriu Amâncio, já com admiração na voz. - Ora respondeu Paiva, levantando os ombros. Aqui na Corte será difícil encontrar alguém que não fale francês!... - Pois eu ainda não sei... disse aquele tristemente.”⁴¹⁷

Esse diálogo exemplifica bem a apropriação das ideias e costumes Europeus, especialmente franceses, por parte dos habitantes. No século XIX, era comum falar francês, especialmente em uma cidade que se queria “Artéria da civilização”. O fato de Amâncio não falar francês demonstra sua dificuldade em se adaptar aos códigos dessa metrópole. Era necessário aprender para ser aceito nessa sociedade que se queria “civilizada”.

⁴¹³NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo. Ed: Companhia das letras. 1993, p.46-48 e 53.

⁴¹⁴AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Ed. Escala Educacional, 2006, p. 30-31.

⁴¹⁵Ibidem

⁴¹⁶Ibidem, p. 58.

⁴¹⁷Ibidem, p. 40.

Como demonstrado no capítulo anterior, o salão já era muito importante no Segundo Reinado (1840-1889). Esse foi um período de entrada dos artigos de luxo da Europa e de aumento do contato com os europeus. A Corte era a cidade que mais se aproximava da Europa no Brasil. Os salões eram inspirados na alta sociedade parisiense, e a maior preocupação da Corte imperial de Paris com sofisticação, acelerava a apropriação das ideias francesas na elite carioca. Essa exuberância refletia a prosperidade proporcionada pelo cultivo do café.⁴¹⁸

Ao revisitar as páginas do livro *Casa de Pensão*, onde, o autor descreve a visita de Amâncio a um salão carioca, observam-se as referências em torno desse evento. O livro menciona os quadros da casa, os perfumes das mulheres, seus leques, e a valsa. Segundo Needell:

Tanto na Monarquia, quanto na República Velha, a elite consistentemente identificava-se nos salões, com o mesmo paradigma europeu em vigor nas escolas, clubes e no teatro da ópera – um paradigma aristocrático de inspiração franco-inglesa.⁴¹⁹

Esses elementos acabavam por constituir a paisagem desses salões, os cheiros, as conversas, a música, e tantos outros detalhes desenhavam e sugeriam aos que visitavam o Rio uma imagem do que poderia ser a Europa. No entanto, esse vislumbre do brasileiro, está longe de se comparar as cidades europeias naquele momento, apesar de todos os esforços, devido a características que estavam no seio da sociedade carioca daquele período e a própria organização da urbe.

Após o advento da imprensa, apesar da lenta inserção do livro na sociedade brasileira, pode-se afirmar que o seu papel já estava assegurado nos processos de representação simbólica da cidade. Não apenas a literatura brasileira, mas também a literatura internacional ressignificava o que seria a imagem do Rio de Janeiro na percepção das pessoas, era comum a comparação do Rio de Janeiro com as cidades europeias, nutrindo essas antecipações com romances franceses que descrevem a Paris moderna.

Antes de chegar ao Rio, Amâncio já nutria expectativas de encontrar quase uma cidade europeia. Isto, como se pode verificar na obra, devia-se aos comentários de outros que já haviam visitado o Rio e também ao acesso a literatura francesa, portanto, às ideias europeias: “Por isso estimou deveras ter de seguir para o Rio de Janeiro. A Corte era “um Paris”, diziam

⁴¹⁸ NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo. Ed: Companhia das letras. 1993, p. 130.

⁴¹⁹ Ibidem. Passim.

na província, e ele, por conseguinte, havia de lá encontrar boas aventuras, cenas imprevistas, impressões novas e amores, - oh! Amores principalmente!”⁴²⁰

Apesar de não ser a fonte principal dessa pesquisa, outra obra que apresenta as tentativas de adaptação às ideias europeias no final do século XIX é a obra de Machado de Assis. Na obra *O Quincas Borba* de Machado de Assis (1891), o personagem Rubião expressa suas considerações sobre a cidade do Rio de Janeiro, então “Corte” e demonstra a sua percepção e de muitos outros habitantes do território nacional: “Mas logo depois vinha à imagem do Rio de Janeiro, que ele conhecia, com seus feitiços, movimentos, teatros em toda parte, moças bonitas, “vestidas à francesa”. Resolveu que era melhor, podia subir muitas e muitas vezes a cidade natal”⁴²¹

O personagem fala sobre o seu desejo se mudar-se para o Rio de Janeiro de forma definitiva. Em outro momento ele explica também que está cansado da vida da província e que quer gozar a vida. Nessa atitude nota-se que a “representação sensorial de algo que existe, traduz lógicas de percepção que passam pelos caminhos do imaginário.”⁴²² É perceptível a apropriação dessas representações na percepção construída a respeito do Rio de Janeiro, no qual o modelo europeu é valorizado e entendido como a melhor maneira de “gozar a vida”. Essa ideia vem carregada de apropriações simbólicas definidas também pelo contexto histórico.

A segunda metade do século XIX coincide com o advento da civilização burguesa, industrial e mecânica e com nova penetração das ciências no mundo das ideias e da vida prática. Os estilos literários de maior presença na segunda metade do século XIX associaram-se à penetração das ideias “modernas” no Brasil, os ideais do século. Assim como pelo movimento crítico da enciclopédia, que acabam por ser traduzidos em doutrina de libertação filosóficas, de racionalismo, de naturalismo, de emancipação política e social, no sentido nacionalista, abolicionista, e republicano que desde cedo no século varriam o país de norte a sul. Em *Casa de Pensão* há muitas referências de autores franceses; na biblioteca de estudos do personagem Coqueiro, havia um retrato de Vítor Hugo em gravura. Numa conversa sobre literatura entre Amâncio e Lúcia, hóspede da pensão, citavam nomes franceses: Théophile Gautier, Theodore de Banville e Baudelaire. Neste trecho nota-se uma das leituras de Amâncio.⁴²³

⁴²⁰ Ibidem. 27.

⁴²¹ ASSIS, Machado. *O Quincas Borba*. 2010, p.19.

⁴²² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da Cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999, p. 152.

⁴²³ COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1975.

Amâncio conhecia algumas passagens da revolução de França: lera os *Girondinos*, de Lamartine. E a reminiscência do sentimentalismo enfático dessa obra, coada pela retórica poderosa da música de Lisle, trouxe-lhe aos nervos um sobressalto muito mais veemente que das outras vezes.⁴²⁴

No livro de Azevedo é interessante observar que o personagem Amâncio apesar de mencionar esse livro, nada defende como ideal. Sua posição política não aparece na trama. Seu interesse é sempre pelo prazer e pela aventura. Essa talvez seja uma forma do autor reafirmar a sua tendência determinista neste livro.

De acordo com Pesavento, “A valorização da aparência e do bem trajar, na ostentação, no apreço pelas manifestações externas de poder e posição social, é um elemento também arquetípico que insinua a cidade-espetáculo na qual se converteria o Rio de Janeiro”⁴²⁵. Por toda a obra *Casa de Pensão* encontram-se meios de reafirmar essa imagem europeia que foi construída a respeito da Corte. Em um trecho do livro, Amâncio se impressiona com o estilo parisiense de um restaurante no Rio de Janeiro, já em outro se encontram a descrição do traje dos cozinheiros da pensão, que era a moda dos cozinheiros franceses. A Europa é frequentemente citada a fim de legitimar uma ideia, um dos personagens do livro, o gentleman dizia, “Era assim que se fazia na Europa”⁴²⁶, demonstrando que o fato de algo ser um costume europeu, aumentava a credibilidade do conselho ou da sugestão.

Algumas das transformações da cidade devido ao advento da modernidade foram o “aumento da densidade urbana, aumento das relações sociais impessoais e individualistas vinculadas ao crescimento de uma camada média urbana.” Muitas mudanças da cidade ocorriam na tentativa de alcançar as ideias modernas que chegavam da Europa, devido a acontecimentos como a “liberação das forças produtivas” depois das revoluções de 1848, a segunda Revolução industrial, que acontecia desde 1967 e o desenvolvimento da ciência com as teorias de Darwin (1859) e as de Spencer (1863).⁴²⁷

Apesar disso, a cidade continuava a mercê dos movimentos contraditórios previamente citados nesse trabalho, o Brasil mantinha sua cultura escravista, patriarcal e conservadora, limitando o “desenvolvimento de uma sociedade capitalista de cultura burguesa individualista.”⁴²⁸

⁴²⁴ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Ed. Escala Educacional, 2006, p.

⁴²⁵ PESAVENTO, Sandra, J. *Relação entre História e Literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX E XX)*. Porto Alegre. n.4, Ed. Anos 90. 1995.

⁴²⁶ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Ed. Escala Educacional, 2006, p. 88.

⁴²⁷ AZEVEDO, André Nunes de. *A grande reforma urbana do Rio de Janeiro: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso*. Rio de Janeiro. Ed. PUC-RIO, 2016, p. 73.

⁴²⁸ *Ibidem*, p. 73.

Os apontamentos para industrialização, e para uma lógica mercadológica e capitalista são visíveis até mesmo nos termos utilizados na época. Como vários dos acontecimentos já apresentados nessa pesquisa, na perspectiva de André Azevedo, à evolução do termo progresso no Rio de Janeiro está associada ao mundo europeu. Para André Azevedo⁴²⁹, o termo “progresso” ganhou espaço no último terço do século XIX, devido, entre outros motivos, ao crescimento econômico e tecnológico na Europa. Ele passa a estar cada vez mais relacionado ao melhoramento material, após a análise de vários dicionários o autor explica que foi possível constatar essa relação a partir de 1890. “Pois se o progresso era percebido até então subsumido a ideia de civilização, ele passava agora a ganhar autonomia [...] um valor em si justificado por si próprio.”⁴³⁰

Enquanto a monarquia quando queria referir-se a ideia de progresso material, utilizava a palavra “prosperidade”, a categoria dos engenheiros “[...] passava a ressignificar o sentido de progresso de então, postando-o apenas na sua dimensão de desenvolvimento material.”

Com efeito, é possível verificar a circulação das ideias europeias, no pensamento, na linguagem, na urbanização da cidade, e na própria cultura. Em sua obra *Needell*⁴³¹, cita um exemplo de uma família que por gerações se dedicou a “europeização” material e cultural do Rio de Janeiro, a família de Escagnolle Dória. Muitos dessa família se dedicavam à literatura, artes, engenharia e investimentos capitalistas urbanos. O autor destaca a importância de Dória que mais adiante no período da Belle époque⁴³² (1898 - 1914) demonstrava através da literatura, traduções, peças de teatro, e notas biográficas a exaltação da literatura francesa. Seu trabalho servia como uma espécie de orientação às camadas de elite, nutrindo-os com material necessário para o comportamento que se esperava nos salões.

Com efeito, as ideias Europeias circulavam e modificavam a dinâmica da cidade, porém sempre limitadas às lógicas previamente existentes no Brasil. Portanto as apropriações ocorriam, mas sempre concomitantes aos sistemas já estabelecidos. Essas ideias eram adaptadas ao chegar à cidade. Muitas dessas contradições seriam resolvidas mais adiante, como já citado no capítulo 1. Porém no período do nosso recorte, segunda metade do século XIX, antes da proclamação da República, era esse o cenário da cidade do Rio de Janeiro.

⁴²⁹ Ibidem p.71-76.

⁴³⁰ AZEVEDO, André Nunes de. *A grande reforma urbana do Rio de Janeiro*: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso. Rio de Janeiro. Ed. PUC-RIO, 2016, p. 67.

⁴³¹ NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical*: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo. Ed: Companhia das letras. 1993, p. 122.

⁴³² “A *belle époque* carioca pode ser considerada quer como apogeu de tendências específicas de longa duração, quer como fenômeno inédito assinalando uma fase única da História cultural brasileira.” (NEEDELL, 1993, p.19).

Neste fragmento verifica-se a comoção que a miséria da cidade provoca em Amâncio, mas não em seu colega, que enxerga o apelo da criança marginalizada como a estratégia de algum aproveitador:

“- Então papai! Papaizinho bonito! Uma esmolinha sim?... dizia ela voltando para o moço seus belos olhos de criança (...) – Coitadinha! Lamentou Amâncio fazendo-lhe uma festa no queixo e procurando dinheiro nas algibeiras.” Sendo logo repreendido pelo colega que explica: “Não seja tolo! Gritou o companheiro. –Isto é especulação de algum vadio! Vestem por aí essas bichinhas de luto e mandam-nas perseguir a humanidade!”⁴³³

Segundo Pesavento,⁴³⁴ o habitante do Rio de Janeiro aos poucos assume essa identidade de malandro (matreiro, conhecedor de malícias). Apesar da ingenuidade de Amâncio quanto à menina que pedia esmola, a percepção de Amâncio não era somente alimentada por elogios a cidade, apesar do predomínio desses sobre as críticas. No entanto, as antecipações a respeito do Rio também lhe faziam sentir a necessidade de um companheiro conhecedor da cidade, “No Maranhão falavam tanto dos gatunos da Corte! – os tais capoeiras! – E Amâncio sobressaltava-se pensando num encontro desagradável em que lhe cambiassem o dinheiro e as joias por uma navalhada.”⁴³⁵

E a cidade esconde a miséria: “Fetichizada pela modernidade, a cidade ocultava o seu lado produção, trabalho e miséria para exibir sua faceta lúdica. Se havia um lado sério a ostentar, esta advinha do fato de ser a capital da república e o centro do jogo político institucional.”⁴³⁶

Amâncio está inebriado com antecipações do que seria o Rio de Janeiro, tantos relatos e narrativas como os livros e conversas criavam uma imagem pré-concebida do que era o Rio de Janeiro. Sussekind, ao citar o Brasil como exemplo, explica a dificuldade de distinção entre o real e a antecipação:

E, se é problemática essa fundação de imagem original, singular, de Brasil, é igualmente difícil olhar para paisagem brasileira real, que lá está de fato, quando o ponto de vista a ser adotado para fita-lo é pré-dado, quando o modo de vê-la se acha previamente determinado por toda uma série de crônicas, relatos, notícias, romances, por uma sucessão de miradas, estrangeiras ou não, que lhe demarcam os contornos, tonalidades, sombreados.⁴³⁷

⁴³³ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Ed. Escala Educacional, 2006, p.38.

⁴³⁴ PESAVENTO, Sandra, J. *Relação entre História e Literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX E XX)*. Porto Alegre. n.4, Ed. Anos 90. 1995.

⁴³⁵ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973, p. 59.

⁴³⁶ TUAN, Yi-fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo. Ed. Difel. 1983..

⁴³⁷ SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: O narrador, a viagem*. São Pulo, Companhia das Letras. 1990, p. 32.

De acordo com a autora, é difícil conhecer um local sem influência de uma percepção antecipada. Essa é a experiência de Amâncio, que por ter acesso a variadas fontes de antecipação, ele forma suas percepções a respeito do Rio de Janeiro antes mesmo de visitá-lo. Essas percepções ressignificam a forma como ele vê a cidade, portanto, sua experiência.

Considerando as reflexões deste capítulo, compreende-se o processo de formação das percepções em torno da cidade do Rio. O habitante do Rio de Janeiro, representado no começo deste capítulo por Paiva, colega de Amâncio, acaba por se apropriar das antecipações e por encorajar a faceta de cidade emblemática da Corte. Ele buscava endossar a imagem pré-concebida por Amâncio. Dessa forma o outro é dirigido a ambientes que escondem a miséria da cidade e vão ao encontro da expectativa do que vem de fora. O que vem de fora é representado por Amâncio, mas poderia ser um forasteiro qualquer ou como seria intitulado nos dias atuais um turista.⁴³⁸

A cidade, por sua vez, possui inúmeros locais destinados a esse espetáculo, revelando a intenção daqueles que à organizam em criar e manter essa imagem e se possível esconder seu lado doente e precário. Os habitantes da cidade que podem nutrir alguma expectativa de ascensão – ou seja, que não fazem parte da grande massa de excluídos – na tentativa de sair da marginalidade que a força hegemônica da Europa impõe aos países dos trópicos, atuam também como agentes no papel de formar e reforçar o que é considerado bonito e apagar a faceta triste dessa urbe que se transforma.

⁴³⁸ PESAVENTO, Sandra, J. *Relação entre História e Literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX E XX)*. Porto Alegre. n.4, Ed. Anos 90. 1995.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A verticalização dos temas propostos nesta dissertação permitiu uma visão mais holística do processo de construção das percepções a respeito do Rio de Janeiro no último terço do século XIX. Ao passar por uma fase de adaptação à modernidade capitalista, a cidade estava submetida a constantes mudanças. Essas transformações colocavam a cidade sob um movimento contraditório, forçando sua adequação a um sistema antagônico frente ao escravismo, suas heranças e ao sentimento aristocrático de parte das elites monárquicas.

Em meados do século XIX, a força produtiva dos escravos era a base que movia a economia, o mercado e até a manutenção da vida doméstica. As ruas eram tomadas por escravos, eles apareciam em vários âmbitos do cotidiano. Como a modernidade capitalista poderia desenvolver-se em uma cidade de heranças coloniais e bases escravistas? Não bastava extinguir o tráfico de escravos, pois a escravidão e os hábitos coloniais integravam a mentalidade da população. A chave para essa transição estava em uma mudança sociocultural, operada, entre outras dimensões, pelo discurso.⁴³⁹

O exame do comportamento dos personagens do livro *Casa de Pensão* proporcionou a compreensão de elementos que ecoavam na mentalidade da população daquela época, e também a reflexão sobre ideias e pensamentos partilhados por Aluísio Azevedo, na qualidade de autor da obra. Ao escrever uma obra naturalista, Aluísio preocupava-se em observar minuciosamente a sociedade que descrevia; dessa forma, o autor fazia registros históricos ainda que lançando mão da ferramenta da ficção. O autor mobilizou a “Questão Capistrano” – tema de grande repercussão entre os leitores de periódicos da época. A análise de sua obra nos ajudou a entender a ligação existente na tríade História-Literatura-leitor. Investigar a historicidade dessa tríade e do também do autor foi de suma importância para compreender sua proposta.

O Rio de Janeiro no final do século XIX passava por transformações diversas, como crescimento urbano, aumento das profissões liberais e industrialização. As epidemias aterrorizavam a cidade e a concentração de trabalhadores no centro – devido a maior oferta de trabalho – desencadeava o problema das moradias, atingindo especialmente as classes mais pobres, e gerando a proliferação de casas coletivas.

⁴³⁹ BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e informação cultural, divisão de editoração, 1992, passim. p. 118.

Apesar desse cenário de doenças e miséria, para o personagem Amâncio do romance *Casa de Pensão* a Corte era uma “Paris de Alexandre Dumas”. Amâncio era provinciano, natural do Maranhão, e ansiava por conhecer uma cidade da qual só ouvira falar. Através da obra de Aluísio, podemos entender o que havia de mais imaginado a respeito do Rio de Janeiro.

O protagonismo do Rio no processo de modernização é justificado por sua capitalidade. Esse conceito ajudou na compreensão de alguns pontos importantes, entre eles a função do Rio de recepção e reconfiguração de ideias para depois disseminá-las para as províncias. O Rio passava a se tornar também uma referência simbólica, lugar de consagração dos acontecimentos. Aluísio nasceu no Maranhão, mas foi no Rio de Janeiro que ele encontrou oportunidade de cultivar seus ideais, assim como outros membros da intelectualidade brasileira.

Os diálogos e situações do livro de Aluísio demonstram que para os personagens uma das principais formas de definir a qualidade de algo era o parâmetro europeu. A percepção do Rio de Janeiro como uma cidade emblemática tem suas bases na Europa, sobretudo na França, pois o ideal de cidade civilizada estava atrelado à Europa. A França exercia grande influência especialmente no que referia à cultura.

Essa idealização da França é demonstrada não somente pela apropriação de ideias, mas pelo consumo de seus produtos. O Rio de Janeiro era também porta de entrada para os produtos importados, e seu cosmopolitismo a tornava mais aberta que as províncias às ideias internacionais.

Amâncio consome de longe uma imagem do Rio de Janeiro, sua concepção mostra que o Rio é para ele, o que a França é para grande parte do mundo naquele momento. O que ele esperava do Rio de Janeiro era uma reprodução da França, em seu luxo, em suas mulheres, em seus bailes e em sua impessoalidade. O personagem não quer ser vigiado ou controlado e vê no Rio de Janeiro a cidade da liberdade. Essa visão do personagem tem muito a ver com a forma que o próprio Aluísio Azevedo enxerga o Rio de Janeiro.

Se apropriando de ideias que se relacionam como, os ideais republicanos, o positivismo, o cientificismo, o evolucionismo e o naturalismo, o escritor vê na França o polo distribuidor de ideias para o mundo. Ele chega a admitir esse impacto da França, não só na política, mas em outras esferas. Para Aluísio Azevedo, assim como o movimento científico, também o artístico, o industrial, o comercial, “o movimento da moda, do *chic*,” dos costumes e até dos vícios vem em sua maior parte da França. Segundo o autor, a França exercia um

impacto inquestionável não só no Brasil, mas no resto do mundo.⁴⁴⁰ Ao colocar em seu livro o Rio de Janeiro como cidade da liberdade, o autor demonstra seu pensamento positivista, que compreende o Rio de Janeiro como local onde a mentalidade dos indivíduos está mais “adiantada” que o restante do Brasil.

A maioria dos comportamentos reprovados pelo escritor em seu livro estão associados a mentalidades “atrasadas” que, a luz do positivismo francês, estariam em fases menos desenvolvidas do pensamento, como a metafísica e a teológica. A mentalidade colonial e escravista entra nessa abordagem e é combatida por Aluísio. O autor idealiza na República a solução para os problemas do Rio de Janeiro. Por meio de sua obra, o escritor demonstra o seu vir-a-ser, ou seja, Aluísio deposita na mudança de regime as suas esperanças de um lugar mais justo. Por acreditar nisso fervorosamente, ele se torna, por meio de seus textos, um agente do processo de modernização do Rio.

As casas coletivas tornaram-se alvo daqueles que disseminavam o discurso médico, esse discurso, por sua vez, também está relacionado às ideias de Comte e ao cientificismo, pois viam na ordem e na ciência a solução para os problemas da cidade. Aluísio ataca as casas coletivas de forma mais explícita em seu livro *O Cortiço*, porém esse ataque já é bem significativo em *Casa de Pensão*, como demonstrado na apresentação de sua publicação em folhetim.

As casas coletivas eram associadas às doenças tanto físicas como morais, por serem locais com muitos habitantes dividindo o mesmo espaço e aumentando as chances de contaminação. Também as condições de higiene são apontadas, especialmente, nos cortiços. Em *Casa de Pensão* a questão da higiene não aparece como um problema da pensão, já as doenças aparecem constantemente por lá, além das questões morais, como hipocrisia, egoísmo em prol da acumulação do capital e o desmazelo com a família.

Amâncio também é apontado como um indivíduo que não atingiu a fase positivista do pensamento, seu comportamento egoísta e voluptuoso é atribuído à sua educação e ao ambiente em que fora criado, numa perspectiva bem determinista e naturalista. Amâncio tem uma concepção muito romantizada do Rio de Janeiro, o que é atribuído ao fato de ser provinciano. Porém o que compreendemos com essa pesquisa é que essa visão de Amâncio não advém só de seu espírito romântico.

O que diferenciava o Rio de Janeiro das outras províncias no final do século XIX era a sua capitalidade, não apenas no que se refere à sua posição de capital do país. A cidade

⁴⁴⁰ *O Pensador*: Órgão dos interesses da Sociedade Moderna (MA). 1880, p. 4.

carregava em si uma importância simbólica tanto para o Brasil como no âmbito internacional. A Europa ditava o modelo de cidade a ser seguido pelos outros países, o Rio de Janeiro tentava se ajustar a esse modelo e ditava o padrão a ser seguido pelas províncias. Com efeito, o Rio tornou-se o melhor lugar para legitimar uma ideia, pois o que acontecia no Rio poderia tornar-se nacional. O Rio de Janeiro era também um representante de todo o país no cenário internacional, portanto a cidade funcionava como mediadora entre o mundo e o Brasil.

Nesse período percebe-se a preocupação daqueles que organizavam a cidade em impedir um desenvolvimento espontâneo – sobretudo, no que se refere aos mais pobres que a ocupavam. Dirigentes municipais passaram a “ordenar” a cidade e controlar seu crescimento. Sua inquietação principal estava em ajustar a cidade à modelagem europeia. O urbanismo aplicado no Brasil não reconhecia a questão social, destinava-se a criar uma imagem singular de acordo com o padrão do que deveria ser uma cidade moderna.⁴⁴¹ Ao planejar a cidade com o foco nos olhares internacionais, seus organizadores não se preocupavam com importantes demandas internas. Dessa forma o principal produto de seu urbanismo não era a criação de uma cidade, mas a criação de percepções a respeito dela que reificassem sua dimensão moderna.

Os personagens de *Casa de Pensão*, que representam os habitantes do Rio de Janeiro (não a classe mais pobre), afim de se auto-afirmarem, e saírem da marginalidade diante das matrizes europeias, buscavam endossar essa imagem emblemática do Rio. Portanto, as percepções de um Rio de Janeiro esplêndido são construídas por seus governantes e a manutenção dessa concepção é feita pelos próprios habitantes da cidade. Ao reafirmar essas percepções que escondem o lado miserável do Rio de Janeiro, esses agentes instituem atrativos para a cidade, instaurando sua capitalidade.

Aluísio reconhece os problemas socioeconômicos do Rio, mas os atribui a outras razões e acredita que com a República essa realidade iria mudar. No entanto, aqueles que tomaram o poder com a mudança de regime não estavam preocupados com as demandas socioeconômicas. Eles apenas afastam do poder os grupos que eram mais comprometidos com os problemas sociais e mais fervorosos nos ideais republicanos.⁴⁴²

As percepções de Amâncio são fundamentadas em um simulacro que procura apagar os problemas da cidade. As impressões que ele tem do Rio de Janeiro quando ainda está na província Maranhão advêm dos discursos daqueles que já habitaram ou visitaram a cidade.

⁴⁴¹ PECHMAN, Robert, Moses. Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista. Rio de Janeiro. Ed. Casa da palavra, 2002, p. 17.

⁴⁴² SEVCENKO, Nicolau. A inserção compulsória do Brasil na Belle Époque. In: *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense. p. 13-23. 1999, p. 25.

Quando ele de fato a encara, encontra alguns espaços que vão diretamente ao encontro das suas expectativas, pois atendem ao padrão europeu como é o caso do restaurante que ele visita seguindo o conselho de seu amigo. Apesar disso, sua experiência como morador da cidade leva o personagem a conhecer a outra faceta do Rio de Janeiro. Quando ele se mostra decepcionado, os habitantes que convivem com ele tentam reforçar a suas concepções anteriores, aconselhando-o a determinados passeios e direcionando o seu olhar para outras partes específicas da cidade.

Esta dissertação aproxima-se dos estudos de turismo e traz à tona problemáticas que se repetem nos dias atuais. Um urbanismo produtor de cidades espetáculo legitimado tanto por seus habitantes, como por visitantes. Esses últimos são encorajados por antecipações que constituem suas percepções. Dessa forma o planejamento da cidade direciona-se para priorizar as demandas da elite e daqueles que vem de fora, em detrimento das demandas de sua população.

REFERÊNCIAS

Jornais:

A Folha Nova. Folhetim: Casa de Pensão. 1883. p.1.

Correio da Manhã (RJ). 29 de Novembro de 1940, p. 2.

Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 9 de Maio de 1876, p. 2.

Jornal do Brasil. Quarta-Feira 17 de novembro de 1926, p. 6.

O Globo : Órgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria (RJ) . 26 de Novembro de 1876, p. 2.

O Mequetrefe. 24 de Março de 1877, p. 4, il.

O Pensador: Órgão dos interesses da Sociedade Moderna (MA). 1880, p. 4.
Revista Ilustrada. 1 de Dezembro de 1876, p. 2-3.

Bibliografia:

ABREU, M.A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, IPP, 2013. p. 17.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, il.color. Disponível em:
<<http://www.academia.org.br/academicos/aluisio-azevedo/biografia>> Acesso em 23 de Jan. de 2020.

ADORNO, T. W, HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido de Almeida.

ALMEIDA, Guido de. Nota do tradutor. In: ADORNO, T. W, HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 7-8.

ALMEIDA, Rodrigo Estramanho de. *Crítica, romance e positivismo em Aluísio Azevedo*. In: Congresso Brasileiro de Sociologia. Curitiba, 26-29 de julho de 2011, p.3.

ASSIS, Machado. *O Quincas Borba*. 2010, p.19.

ASSUNÇÃO, Paulo de. *História do Turismo no Brasil Entre os Séculos XVI e XX: viagens, espaço e cultura*.

AVELAR, Alexandre de Sá; GONÇALVES, Márcia de Almeida. Giro Linguístico e escrita da História nos séculos XX e XXI. In: Teoria e Historiografia: Debates contemporâneos. Jundiaí, Paco Editorial, 2015, p. 67

AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Ed. Escala Educacional, 2006.

AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora três, 1973.

AZEVEDO, André Nunes de. "A capitalidade do Rio de Janeiro. Um exercício de reflexão histórica." IN: AZEVEDO, André Nunes. (org). Anais do seminário Rio de Janeiro: capital e capitalidade. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/ NAPE/ DEPEXT/ SR-3/ UERJ, 2002. P-45-63.

AZEVEDO, André Nunes de. *A grande reforma urbana do Rio de Janeiro: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso*. Rio de Janeiro. Ed. PUC-RIO, 2016.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*, Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1996.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e informação cultural, divisão de editoração, 1992.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter: "Paris do Segundo Império". In: *Obras escolhidas*. Vol. III. Trad. José Carlos Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1989.

BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. São Paulo. Ed. Companhia das letras, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: Amado, Janaína; Ferreira, Marieta Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, p.183-191. 1996.

CÂNDIDO, A. Dialética da Malandragem. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 8, p. 67-89, 1 jun. 1970.

CEIA, Carlos. Disponível em: < <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/mimesis-mimese/>> acesso em 01 de out. 2019.

CERTEAU, Michel. *A invenção do Cotidiano*. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes. 2013.

CHARTIER, Roger. *From texts to readers: Literary criticism, sociology of practice and cultural history*. *Estud. hist. (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 62, p. 741-756, Dec. 2017. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/eh/v30n62/0103-2186-eh-30-62-0741.pdf>> acesso em 01 de out. 2019.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1975.

DIMAS, Antônio. *Aluísio Azevedo: Literatura comentada*. São Paulo. Ed. Abril educação, 1980.

FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FARDEL, Durand. *Medical Study on the mineral waters*. 1875.

FARDEL, Durand. *On cerebral Congestion in relation to hemorrhage and ramollissement of the brain*. In *British and Foreign Medico-surgical Review*, Volume 2. 1848, p. 540.

FERNADES, Tania Maria. Imunização antivariólica no século XIX no Brasil: inoculação, variolização, vacina e revacinação. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 2. 2003, p. 463.

FORGET, Prof. On hysteria. In *British and Foreign Medico-surgical Review*, Volume 2. 1848, p. 536.

FOUCAULT, Micheu. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes. 2014.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Do conceito de *Mímesis* no pensamento de Adorno e Benjamin. In: ____ *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro, Imago, 1997, p. 80-81, passim.

GIANNOTTI, José Arthur. Comte, Auguste, 1798-1857. In: Os Pensadores. Abril S. A São Paulo, 1978, p. 277.

HOLLANDA, Bernardo, Buarque de. Afinidades eletivas? A literatura nos pródromos da História. *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 62, p. 525 - 533, set. 2017. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/72005>>. Acesso em 23 set. 2019.

KOSELLECK, Reinhart. Uma História dos conceitos: problemas teóricos e práticos. In: Estudos Históricas. Rio de Janeiro. Vol. 5, n. 10, 1992, p.134-146. Disponível em: www.bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/ARTICLE1945.pdf. Acesso em junho de 2011.

LAGE, Otília. História Comparada e método comparativo historiográfico: problemáticas e propostas. In: Alto Douro e Pico, paisagens culturais vinhateiras património mundial em perspectiva multifocal: experimentação comparada. Ed.CITCEM. Porto. 2018.

MACEDO, Arthur. Século em Movimento. In: Jornal da PUC. 2015. Disponível em <http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=37&infoid=3804&sid=24> Acesso em 17 nov. 2018.

MELLO, Maria, T, C de. *A modernidade republicana*. 2008. Acesso em:< <http://www.scielo.br/pdf/tem/v13n26/a02v1326.pdf> > Acesso em 27 jul. de 2019.

MONTELLO. Apresentação, In: *Aluísio Azevedo*. Trechos Escolhidos, Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1969.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo. Ed: Companhia das letras. 1993.

NEVES, Margarida. *Acertai vossos ponteiros*. Rio de Janeiro. MAST/CNPq. 1992.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO (OMT). *Introdução ao turismo*. Trad. Dolores Martins Rodriguez Córner. São Paulo: Roca, 2001, p. 38.

PECHMAN, Robert, Moses. *Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista*. Rio de Janeiro. Ed. Casa da palavra, 2002, p. 17.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da Cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.

PESAVENTO, Sandra, J. *Relação entre História e Literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX E XX)*. Porto Alegre. n.4, Ed. Anos 90. 1995.

PESAVENTO. Sandra Jatahy, *História & literatura: uma velha-nova história* », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, mis en ligne le 28 janeiro 2006. Acesso em: <<https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560#quotation>> Acesso em 12 agosto de 2018.

POE, Edgar Allan. *Poemas e Ensaios*. São Paulo: Globo, 1999. 3. ed. revista.

REZENDE, Borges Valdeci. *Imagens do Rio de Janeiro em Machado de Assis*. Uberlândia: Ed. Aspectus, 2000.

RICUPERO, Bernardo. *A Independência Literária*. In: _____. *O Romantismo e a ideia de Nação no Brasil (1830-1870)*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2004.

Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

RIO, João do. *A alma encantadora da rua: Crônica*. Rio de Janeiro. Ed. Secretária municipal de cultura.

SALES, Herberto. *Pra conhecer melhor Aluísio Azevedo*. Rio de Janeiro: ed. Bloch Editores S. A. 1973.

SANTOS, Catarina Madeira. *Goa é a chave de toda a Índia. Perfil político da capital do Estado da Índia (1505-1570)*. Lisboa: Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço. Técnica e Tempo. Razão e emoção*. São Paulo. Ed. Universidade de São Paulo. 2006.

SARLO, Beatriz. *A cidade vista: mercadorias e cultura urbana*. São Paulo. Ed. WMF Martins Fontes. 2014.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado*. Cultura da memória e Guinada subjetiva. Belo Horizonte. UFMG. 2007. p. 9).

SARMENTO, Carlos Eduardo. *O Coração do Brasil*. A Cidade do Rio de Janeiro e a Configuração de seu Panorama Sociopolítico. In: _____. *O Rio de Janeiro na Era Pedro Ernesto*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

SOUZA, Rafael Lima Alves de. *A velha roupa colorida: os embates entre distrito federal e cidade*. In: *No coração da urbe: política, cultura e memória no Rio de Janeiro de Henrique Dodsworth (1937-1945)*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, PUC, 2009, p. 20. Disponível em < https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/15438/15438_3.PDF > Acesso em 17 nov. 2018.

SOUZA, Rafael Lima Alves de. *No coração da urbe: política, cultura e memória no Rio de Janeiro de Henrique Dodsworth (1937-1945)* / Rafael Lima Alves de Souza; orientadora: Margarida de Souza Neves. – 2009.

SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização do Brasil*. São Paulo. Ed. Companhia das letras, 1987.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: O narrador, a viagem*. São Pulo, Companhia das Letras. 1990, p. 32.

TAVARES, Célia Cristina da Silva. Jesuítas e Inquisidores em Goa: a cristandade insular (1540-1682). Lisboa: Roma Editora, 2004. 298 p.

TUAN, Yi-fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo. Ed. Difel. 1983.

VENTURA, Roberto. O Estilo Tropical: História Cultural e polemicas literárias no Brasil 1870-1914. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

WALDMAN, Berta. Introdução. In: AZEVEDO, Aluísio. Casa de Pensão. 14. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006, p. 4.

WILLIAMS and Chomell on the principles of medicine, *In British and Foreign Medico-chirurgical Review*, Volume 2. 1848, p. 134.